

OUTRAS CORRENTEZAS

RELATOS DE VIDA E VIAGEM DE BOLSISTAS
DO PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO

SÔNIA MARIA ROCHA SAMPAIO
MARIA BEATRIZ BARRETO DO CARMO
ORGANIZADORAS



Este livro é, de certa forma, uma homenagem póstuma, uma reverência a Abdias Nascimento (1914-2011), ativista de primeira hora das lutas por direitos dos brasileiros negros subalternizados. Pan-africanista, criador do Teatro Experimental do Negro, artista das artes visuais, o primeiro a pensar o quilombo, não como espaço de fuga, mas como proposta de sociedade e de redefinição dos laços entre as pessoas que, segundo sua compreensão, deveriam se apoiar na solidariedade e na igualdade. Quando deputado federal, apresentou ao congresso nacional o Projeto de Lei nº 1.332/1983, que dispunha sobre a isonomia social do negro, uma proposta de ação afirmativa não aprovada.

O Programa Abdias Nascimento, criado pelo governo federal, no ano de 2014, foi inspirado na vida e na obra dessa figura de influência internacional, para permitir que estudantes cotistas de universidades públicas explorassem outros territórios e aprimorassem sua formação intelectual e acadêmica. São os rebentos dessa ideia original de Abdias que se dedicaram a elaborar este livro, ao longo de uma permanência na Universidade do Porto, em Portugal, entre 2024 e 2025. São histórias de vida, reminiscências, olhares novos e, muitos deles, sofridos pela insistência de uma sociedade mundialmente desigual e racista.

OUTRAS CORRENTEZAS

**RELATOS DE VIDA E VIAGEM DE BOLSISTAS
DO PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho



E D U F B A

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Susane Santos Barros

Conselho Editorial

Titulares

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Cleise Furtado Mendes

George Mascarenhas de Oliveira

Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté

Mônica Neves Aguiar da Silva

Suplentes

José Amarante Santos Sobrinho

Lorene Pinto

Lúcia Matos

Lynn Alves

Paola Berenstein Jacques

Rafael Moreira Siqueira



Sônia Maria Rocha Sampaio
Maria Beatriz Barreto do Carmo
Organizadoras

OUTRAS CORRENTEZAS

**RELATOS DE VIDA E VIAGEM DE BOLSISTAS
DO PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO**

Salvador
Edufba
2025

2025, autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Coordenação editorial
Cristovão Mascarenhas

Capa e projeto gráfico
Rafa Moo

Assistente editorial
Aline Silva Santos

Revisão
Letícia Santos Rodrigues

Coordenação gráfica
Edson Nascimento Sales

Normalização
Lívia Souza de Jesus

Coordenação de produção
Gabriela Nascimento

Arte final
Cecylle Amaral

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

Outras correntezas : relatos de vida e viagem de bolsistas do Programa Abdias Nascimento / Sônia Maria Rocha Sampaio, Maria Beatriz Barreto do Carmo, organizadoras. – Salvador : EDUFBA, 2025.
191 p.

Contém biografia.

ISBN: 978-65-5630-793-0

1. Programa de Cooperação Abdias Nascimento. 2. Programas de intercâmbio de estudantes – Portugal. 3. Discriminação no ensino superior. 4. Racismo no ensino superior. I. Sampaio, Sônia Maria Rocha. II. Carmo, Maria Beatriz Barreto do.

CDD: 379.26

Elaborada por Selma Matos CRB-5: BA-1001

Editora afiliada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n

Campus de Ondina, 40170-115 – Salvador, Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164 | edufba@ufba.br | edufba.ufba.br

SUMÁRIO

- 7 Apresentação**
Sônia Maria Rocha Sampaio
Maria Beatriz Barreto do Carmo
- 11 Prefácio**
Jessica Bruno
- 17 Memórias em travessias: confluências de raça, gênero e território na experiência de uma mulher negra**
Camila Borges dos Santos
- 37 Experienciando o escrever: relato de uma pesquisadora negra brasileira em território português**
Maria Antônia Moreira dos Reis Santos
- 57 Jardins de alecrim: uma narrativa sobre conhecimentos, acontecimentos, barcos e o mar**
Raul Tavares de Paula
- 73 Cartas do transatlântico: memórias de uma mulher negra amazônica em mobilidade acadêmica em Portugal**
Silvia Tavares de Amorim
- 87 Entre dados e vidas: a jornada de um estatístico negro na Saúde Coletiva**
Jessidenes Teixeira de Freitas Mendes Leal
- 107 Maternidade e resistência: escrituras de uma mulher negra na pós-graduação**
Jaqueline Almeida de Jesus Brito

- 113 Eu, (i)migrante em mim: as quatro estações?**
Jordôa Moreira Leite
- 125 Farinhas trocadas ou a saudade que se come**
Djean Ribeiro
- 141 A raposa que sou**
Geicile Santos Barreto da Paixão
- 163 A mulher preta vive: narrativas e reflexões de uma universitária negra em mobilidade acadêmica**
Rafaela Barbosa Pereira
- 173 A pesquisa pode ser uma forma de voltar para casa**
Sayuri Kuratani
- 187 Sobre os autores**

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2024 encontramos, na Universidade do Porto, em Portugal, os 14 estudantes selecionados para o estágio de mobilidade acadêmica do projeto “Ainda estrangeiros na universidade pública: racismo acadêmico e saúde mental entre estudantes cotistas”, aprovado pelo Edital nº 16/2023 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no âmbito do Programa de Cooperação Internacional Abdias Nascimento. Um grupo de homens e mulheres, jovens estudantes de cursos de mestrado e doutorado de duas universidades públicas baianas: a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Era a primeira turma de bolsistas desse novo edital do programa, cuja primeira fase (2014-2019) foi encerrada por desinteresse institucional e inanição financeira, logo em seguida ao golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff. Com muita esperança, estávamos felizes com o retorno do Abdias e com as 14 bolsas anuais, que permitirão a mobilidade internacional de 56 estudantes cotistas, ao longo de quatro anos (2024-2027). Para a grande maioria, esta era a primeira aventura fora de seus territórios de nascimento.

Com o apoio da coordenadora estrangeira, a professora Sara Trindade, realizamos um seminário que se estendeu por três dias de intensa atividade. Nesse curto espaço de tempo, as(os) bolsistas apresentaram o andamento de seus planos de trabalho e avaliaram os primeiros meses de relação com a universidade, com a cidade do Porto e suas pessoas. Já no primeiro dia, o grupo se dirigiu para uma discussão tanto difícil quanto necessária: a convivência com o racismo agora, em terra estrangeira. Isso passando pela admissão e gerência de conflitos acontecidos entre os integrantes dessa missão de estudo. Três dias em torno da construção de um caminho, do entendimento de que, ao fazer ciência, de um ponto de vista implicado, faziam também política, pavimentando o terreno para a solidariedade, a vida em comum, os afetos, as inevitáveis e necessárias diferenças.

Uma palavra-resumo, solicitada a cada um para começar a sessão do segundo dia, nos trouxe novas compreensões: explorar, felicidade, persistência, vivência/experiência, desafio, conexão, rede, oportunidade, silêncio, convicção, incerteza, aquilombamento. Esta última palavra foi trazida algumas vezes durante essa sessão mais intimista, dirigida para os sentimentos presentes entre elas(es) com relação à experiência densa de expatriação, ainda que temporária. O frio... Ah, o frio! O corpo no frio adquire outros sentidos: ausências, saudades de casa, da comida, das pessoas e de seu convívio. Saudades do Brasil. Como estranhos se dão conta, de novo, do onipresente racismo estampado em olhares, em relações atravessadas pelo medo e pela desconfiança. “Volta para a sua casa!” gritado na rua, por um motorista, era um sinal de alerta lançado, uma ameaça. E leis antirracistas por aqui? Não há! As desculpas pedidas aos brasileiros pelo tráfico

de pessoas negras, pelo presidente de Portugal¹, não tiveram boa repercussão na sociedade portuguesa. Fincados na mentira dos direitos universais que abrigam todos os cidadãos, não é possível uma discussão honesta sobre xenofobia e racismo na Europa, não apenas em Portugal.

Então, do meio dessa trama densa de coisas boas e difíceis, surge a ideia de um livro para abrigar essas narrativas, relatos, vivências. Não demos nenhum foco especial para os textos. Cada estudante falaria do que quisesse, a única consigna era a de escapar do formato acadêmico, elaborando um texto livre, liberto. Queríamos relatos da alma, tal como apareceram ali, ao longo do seminário. Conseguimos!

Este livro é composto por 11 textos; dos nossos 14 bolsistas, três decidiram por não participar. Mas entendemos que o exercício da autoria é complicado, assusta e muitas vezes pode afastar. Dizer em primeira pessoa é um ato político. É um gesto de insurgência diante de silenciamentos históricos, uma recusa imperativa em ser objeto da narrativa do outro e, portanto, uma afirmação radical de humanidade. “Depois dos navios negreiros, outras correntezas”². Eles estão de volta ao Brasil com essas histórias na bagagem para contar e um livro. Este livro.

Agradecemos muito aos colegas que participaram da elaboração do projeto, da seleção dos estudantes e acompanharam a vida dessas 14 pessoas: Denise Coutinho, Georgina Gonçalves

¹ Ver em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2023/04/25/portugal-deveria-se-desculpar-e-confrontar-seu-passado-na-escravidao-diz-presidente.htm>.

² UM TREM para as estrelas. Intérpretes: Gilberto Gil e Cazuza. *In*: IDEOLOGIA. Intérprete: Cazuza. [Rio de Janeiro]: Universal Music, 1988. 1 CD, faixa 7.

dos Santos, Rita de Cássia Nascimento Leite, Eniel do Espírito Santo e Sara Trindade.

Sônia Maria Rocha Sampaio
Maria Beatriz Barreto do Carmo

PREFÁCIO

Jessica Bruno

Neste livro, as vozes das(os) estudantes do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento emergem como sementes lançadas em solo ancestral que, no fluxo do tempo espiralar (Martins, 2021), fazem-se simultaneamente raiz e copa, fruto e húmus. Expressões orgânicas de uma história em movimento, cujos ecos moldam o presente e semeiam outras futuras. Cada trajetória aqui narrada é um testemunho vivo do legado de lutas políticas que se deslocam num tempo não linear, em que passado, presente e futuro, num entretecer contínuo, desafiam a cisão entre saber e viver e reconfiguram os modos hegemônicos de produção do conhecimento científico.

Trata-se de epistemologias que rompem com a lógica colonial, como testemunho e como gesto teórico, recusando a função meramente ilustrativa que se impõe às narrativas racializadas. Aqui, experiência e elaboração crítica caminham juntas, revelando a potência analítica de quem escreve o mundo desde o seu atravessamento, com formulações teóricas insurgentes, oriundas de lugares historicamente desautorizados a pensar.

As experiências de ingresso e permanência na pós-graduação, marco simbólico dos avanços produzidos pelas ações afirmativas, não se encerram na conquista individual de cada estudante, elas encarnam o eco de uma história de resistência, na qual o direito

ao saber foi forjado à força por intelectuais/ativistas como Abdias Nascimento. São pesquisadoras(es) que, ao se tornarem as(os) primeiras(os) doutorandas(os) ou mestrandas(os) de suas famílias, revelam a eficácia das ações afirmativas e sua potência política que ultrapassam as fronteiras do conhecimento.

Ancoradas em refinada crítica social, as narrativas aqui reunidas transpõem as imagens de controle (Collins, 2019), que em representações desumanizantes reforçam hierarquias raciais e de gênero. Essas escrituras (Evaristo, 2020), atravessadas por teoria, humor, dor e poética, constituem um movimento de autodefinição (Collins, 2019) que afirma a excelência intelectual de sujeitos negros e racializados que, por muito tempo relegados à exterioridade do pensamento, hoje autorizam-se à produção teórica. Autodefinir-se, nesse contexto, é mais do que reivindicar identidade, é traçar rotas, reconstruir linguagem, nomear a si e ao mundo com base em epistemologias contra-hegemônicas, marcadas pela ancestralidade, coletividade e luta.

Desde a realização da Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, em Durban, África do Sul, em 2001, na qual reconheceu-se a escravidão e o tráfico transatlântico de povos africanos como crime contra a humanidade, exortou-se os Estados a empreender reparações históricas por meio de medidas compensatórias, retributivas e ações afirmativas, e firmou-se o compromisso com o enfrentamento do racismo institucional e da exclusão sistêmica. Nesse âmbito, as ações afirmativas têm respondido às demandas históricas dos movimentos negros e às suas proposições políticas, impulsionando um movimento global de reparação e de justiça epistêmica. No Brasil, esses avanços materializam-se na presença crescente de estudantes negras(os) na graduação, nos

programas de pós-graduação e se expandem por meio de iniciativas como o Programa Abdias, que confere dimensão internacional a essas trajetórias.

Nesse curso, o tempo espiralar (Martins, 2021) torna-se aqui uma lente para compreender trajetórias estudantis. Cada narrativa é um nó que conecta memórias familiares, atravessa experiências institucionais e projeta novas possibilidades de futuro. E o Programa Abdias Nascimento inscreve-se nessa espiral de tempo. Nele, os(as) estudantes vivenciam a materialidade das políticas afirmativas que não se esgota na inserção quantitativa e reside, sobretudo, na transformação qualitativa dos modos de acessar e produzir conhecimento.

Conforme apontado por Figueiredo (2016), o acesso à universidade e a formação acadêmica de grupos étnico-raciais, até então segregados e/ou sub-representados nas estruturas de poder das sociedades, têm tensionado, não mais apenas de fora, mas principalmente internamente as dinâmicas institucionais de funcionamento, produção e reprodução de conhecimentos. E, assim, geram grande impacto nas autorrepresentações no conjunto da educação superior, tanto no que se refere aos aspectos quantitativos quanto qualitativos, que oferecem instrumentos conceituais para pensar a universidade como campo de disputa epistemológica.

Portugal, país de acolhida das(os) intercambistas, cuja história colonial molda profundamente sua configuração social contemporânea, sustenta-se num pacto silencioso que nega a existência de hierarquias raciais ao omitir dados étnico-raciais em seus censos e levantamentos oficiais. Um vácuo informacional que impede o reconhecimento das assimetrias raciais e bloqueia possibilidades de políticas de combate ao racismo. Em contraste, o

Brasil, não obstante seus limites e contradições, afirma-se pela produção e divulgação sistemática de indicadores étnico-raciais, pelo estabelecimento de cotas raciais e pela organização de redes de apoio estudantil; práticas que alimentam um debate público fundamentado e orientam políticas de acesso e democratização.

Nesse sentido, o modelo brasileiro oferece experiência valiosa para informar um debate sério sobre a sub-representação de afro-descendentes portugueses na academia e a instituição de mecanismos que democratizem, de fato, o acesso ao ensino superior. Em um mundo com a desigualdade em crescimento exponencial, onde a xenofobia e o autoritarismo ganham força, políticas afirmativas se tornam urgentes e necessárias para a sustentação da dignidade humana. É urgente que as instituições portuguesas, anfitriãs dessa mobilidade, se inspirem nessas trajetórias e assumam o compromisso político e epistêmico de descolonizar suas práticas de recrutamento, seus currículos e seus sistemas de avaliação. Este livro é também um convite a Portugal para olhar para a experiência brasileira de maneira crítica e inspiradora.

Como investigadora brasileira, baiana e fruto das ações afirmativas, hoje doutoranda no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, reconheço em cada relato aqui reunido um espelho da minha própria trajetória. Esse duplo legado, por um lado, a ampliação das políticas afirmativas na pós-graduação e na mobilidade internacional; por outro, o compromisso com um fazer científico que visa democratizar o acesso às universidades é, a meu ver, a força motriz deste livro. É essa conjugação de experiência pessoal e reflexão crítica que confere ao conjunto das narrativas a capacidade de inspirar tanto mudanças institucionais quanto a valoração de matrizes de conhecimentos contra-hegemônicos.

Conheci muitas(os) das(os) intelectuais aqui reunidas(os) na oficina “Epistemologias afrocentradas: experiências de pesquisa Brasil-Portugal”, realizada em outubro de 2024, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde apresentava meu trabalho de investigação que incide sobre os ecos do racismo nos percursos e experiências de estudantes afrodescendentes nas universidades portuguesas. Tal encontro resultou num evento político, para mim inédito, pois, pela primeira vez, vi uma sala do centro onde estudo há anos ser ocupada de forma abundante por uma diversidade de corpos negros. A presença coletiva, naquele momento, constituiu-se como uma manifestação concreta do que é a universidade que sonho e reivindico.

Que a multiplicidade das narrativas deste livro fortaleça e oriente a implementação de políticas públicas que transcendam fronteiras disciplinares e ampliem os horizontes do saber; e que, ao mesmo tempo, desperte a coragem institucional necessária para enfrentar o racismo estrutural nas universidades, convertendo a justiça epistêmica em seu alicerce, por meio da escuta atenta de vozes apagadas por longos processos de negação no interior da ciência.

Chalkidiki
maio de 2025

REFERÊNCIAS

- COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- FIGUEIREDO, A. Descolonização do conhecimento no século XXI. In: SANTIAGO, A. R. et al. (org.). *Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro*. Cruz das Almas: EdUFRB, 2016. p. 43-62.
- MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEMÓRIAS EM TRAVESSIAS

CONFLUÊNCIAS DE RAÇA, GÊNERO E TERRITÓRIO NA EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA

Camila Borges dos Santos

*Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia*
Nego Bispo¹

Mais do que a travessia do Oceano Atlântico, tenho refletido sobre as travessias dentro de mim. Faz exatamente cinco meses que estou longe de casa, longe dos meus afetos e escrever sobre a minha trajetória nesse momento em que me sinto sensível não foi tarefa fácil. Escrever a partir de dentro, escrever a vida, como ensina Conceição Evaristo ao falar de “escrevivências”². Bom, eu topei o desafio. Compreendi que esta tarefa era importante para mim: traçar essa trajetória que é individual, mas também coletiva,

¹ SANTOS, A. B. dos. Começo, meio e começo. [Entrevista cedida a] Rosilene Gomes e Dácia Ibiapina. *Revista Revestrés*, Teresina, ano 10, n. 50, nov./dez. 2023. Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/entrevista/comeco-meio-e-comeco/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

² EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Míma Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

atravessada pela dimensão social, além de entender que meu relato pode impactar positivamente a vida de outros sujeitos sociais.

Esta escrita parte da minha história enquanto uma jovem mulher negra, brasileira, nordestina e das classes populares. Hoje em trânsito, vivendo a experiência do doutoramento-sanduíche em Portugal, um momento importante que, de modo contraditório, mesmo estando longe de muitos elementos que forjam quem sou eu, me leva a um encontro comigo mesma e ao reconhecimento da intelectual que sou. Uma trajetória que não é linear nem solitária; ela é pessoal e ao mesmo tempo política, pois existe e reexiste atravessada por confluências – aqui me apego a esse conceito desenvolvido pelo mestre Nego Bispo³: “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende”. Como um rio, eu sou por conta de confluências ao longo da minha vida.

Ao escrever este texto, revivo memórias. Trazê-las para o papel é tal como desenrolar um novelo de linha. Em meio aos pensamentos e à escrita do texto, acontecia o Carnaval em várias partes do mundo, mas as minhas lembranças voltavam-se para o Carnaval de Salvador. Resolvi assistir a um pouco da festa. Senti saudades da baianidade e dos festejos. Recordei que agora eu tenho 34 anos e só brinquei o Carnaval de Salvador nos últimos dois anos, quando me mudei do Recôncavo para fazer o doutorado⁴. Hoje, ao estar distante, via a festa por meio das transmissões ao vivo, queria muito estar lá, fui tomada por uma emoção

³ SANTOS, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

⁴ Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia.

alegre e pensei, “como gosto dessa festa!”. Não imaginava que era tanto, queria estar na avenida, botar minha fantasia de Carnaval, dançar e pular atrás do trio.

Assistia e refletia sobre a festa a partir do olhar da assistente social que sou – sempre problematizo as questões coletivas e políticas da sociedade. Nos anos que participei dessa grande celebração, meu olhar focava nas desigualdades e contradições que via, no trabalho excessivo dos ambulantes que aproveitam os cinco dias de festa para tirar uma grana, nos catadores e catadoras de latinhas, nos cordeiros⁵. Mas também nos idosos em situações de trabalho precárias e nas crianças que acompanhavam seus pais na venda de alimentos e bebidas, muitas vezes passando o dia e a noite sem conforto, vulneráveis. Eu pensava no quanto de lucro é produzido por essa festa, lucro este que, certamente, só chegará ao bolso dos grandes empresários, que ficarão ainda mais ricos. Em síntese, uma festa profundamente desigual.

Assistindo de tão longe o Carnaval do Brasil, pensei nos sentidos e sentimentos envolvidos nessa festa. Logo lembrei da filósofa Lélia Gonzalez e sua obra sobre as festas populares no Brasil⁶. Lélia retrata como essas festas têm contribuições e influências do povo negro, na condição de manifestações de lutas e culturais. Assim, voltei o meu olhar para os blocos afro, como o Ilê Aiyê, que manifestam a cultura negra e uma ancestralidade

⁵ Cordeiro é uma categoria de trabalho no Carnaval de Salvador. Os cordeiros são pessoas contratadas para segurar e sustentar as cordas que garantem uma exclusividade de espaço para os foliões que pagam por um abadá no bloco de Carnaval. Os cordeiros ficam vulneráveis a horas exaustivas de trabalho, a diárias com valores baixos e muitas vezes sem equipamentos de proteção. Essas pessoas são, em sua maioria, negras e periféricas.

⁶ GONZALEZ, L. *Festas populares no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2024.

africana, mas também para outros blocos tradicionais de Salvador, para as escolas de samba da região Sudeste, as lindas manifestações do Carnaval de Pernambuco e de cada canto do Brasil. Pensando sobre tudo isso, fiz outra síntese: o Carnaval é a festa de um povo que insiste em ser feliz. Mas como torná-la mais democrática? Um desafio e uma tarefa para toda a sociedade, para governantes e empresários.

Entre um olhar e outro na transmissão do Carnaval, liguei para minha avó e perguntei como ela estava de Carnaval. Ela também assistia pela TV, mas no momento via uma novela. Ela me disse para eu voltar logo para casa, que eu não demorasse mais aqui em Portugal. “*Volta logo*” é o que ela sempre me diz, depois de eu pedir a benção, “*bença, minha vó*”, e ela responder “*Deus te abençoe*”. Sinto que ser abençoada por minha avó é estar em comunhão com ela. Eu sempre fico com vontade de chorar e cheia de saudades, tento reassegurá-la de que logo chegaria o dia de voltar para casa, que seria em breve. Outro dia ela me disse que acordava na madrugada e contava nos dedos os meses que haviam se passado e os meses que faltavam para eu voltar para casa. Nesse dia, meu choro veio do sentimento de saber o quanto sou amada por ela.

Festa, para mim, é um lugar de encontro. Na minha família sempre nos reunimos numa boa festa, com uma mesa farta. As datas comemorativas – Natal, Réveillon, Carnaval, Páscoa, São João – e as datas de aniversários são sempre festejadas com amor e comida. Ao redor da mesa, na cozinha ou no quintal, que são lugares de encontro, risadas, fofocas e intrigas também. Estar longe me faz reviver na memória esses momentos e sentir muita falta.

Outra memória de festa que recordo é a do Natal, que sempre me traz tristeza, apesar da minha família estar super alegre,

com amigo secreto, mesa abundante e comida saborosa. Embora eu também tente me divertir nesse dia, é como se eu colocasse uma máscara de alegria e só vivesse o momento, mas se eu parasse para falar sobre o que eu realmente sentia, falaria de tristeza. Penso nas crianças, penso nelas com carinho, nas famílias que não têm o que comer, nem presentes e que vivenciam situações de violência. Realmente eu sinto muita tristeza nessa data.

Nas festas de dezembro, decidi conhecer vilas de Natal⁷ em cidades portuguesas. Adorei a vila de Óbidos, que é deslumbrante. Conhecer outras formas de comemorar o Natal fez com que eu me aproximasse mais dessa data, como se eu ressignificasse o Natal. Foi uma maneira de ocupar o espaço vazio que se abriu com a distância da família e, em especial, de minha vó. Percebi que sentia menos tristeza e mais saudade, lembrei da mesa farta lá de casa e das comidas saborosas. Minhas tias nunca erram na cozinha. O que eu poderia fazer com a dor que sinto no Natal é transformá-la em indignação e luta. Trago comigo o sonho de que todas as crianças sejam protegidas.

Num sábado, alguns dias antes da viagem para Portugal, eu estava numa pastelaria no bairro Santo Antônio, em Salvador. Tinha saído de um samba e fui abordada por uma criança negra que deveria ter entre 5 e 7 anos. Ravi⁸ me ofereceu pastéis de forno: “*tia, compra esses pastéis para me ajudar?*”. Eu olhei para o relógio, era exatamente meia-noite. Perguntei se ele estava

⁷ As vilas de Natal são grandes espaços ou áreas como aldeias ornamentadas com enfeites natalinos, muitas luzes e presépios. Nas vilas de Natal também podem haver mercados de Natal com vendas de artesanatos e comidas regionais e natalinas.

⁸ Ravi é um nome fictício.

sozinho, mas olhando em volta percebi que tinha uma mulher adulta com ele, também vendendo pastéis, do outro lado da rua.

A vulnerabilidade daquela criança me fez ir conversar com a moça e lhe dei algum dinheiro. Por mais que eu conversasse com ela, sabia que a estrutura social desigual que impacta suas vidas faria inúteis as minhas palavras. Nada do que dissesse adiantaria e eu, provavelmente, encontraria o menino de novo ali na mesma situação, pois não era culpa delas e sim resultado de um sistema que exclui e vulnerabiliza. Passei dias pensando em Ravi e com uma angústia no peito. Lembrei de mim e de minha primeira infância. O desamparo em que vivem muitas crianças ainda hoje no Brasil, em sua maioria crianças negras, é motivo de angústia e tristeza. Mas por que esses sentimentos reaparecem quando me deparo ou lembro dessas situações?

Bem, eu sou filha adotiva de minha vó, que não é minha avó biológica, é a mulher que me criou desde os meus 4 anos. Eu nasci em 1991. Meus genitores⁹ viviam em situação de pobreza, uma família negra de cor parda. Eu tenho vagas memórias, são como flashes em minha cabeça, como se eu lembrasse de coisas, fatos e rapidamente eles se apagassem. Lembro de andar pelas ruas com meu genitor. Ele bebia muito. Lembro dele nessa época sempre embriagado. Ao escrever sobre essa história, reflito sobre o que o motivava a beber tanto. Seria uma fuga da realidade? Eu não sei. Mas reconheço que ele era um ser humano afetado pela vida difícil e que viveu a sua história. Ainda, recordo que me levava nas casas de outras pessoas para que eu fizesse algumas refeições.

⁹ Genitores e pai e mãe biológicos são as maneiras que considero mais apropriadas para identificar as pessoas que me geraram e foram responsáveis por mim até os meus 4 anos. No texto, ora me refiro a eles como “genitores”, ora como pai e mãe “biológicos”.

É a primeira vez que escrevo sobre minha trajetória com detalhes. Eu parei a escrita diversas vezes, sentindo angústia e chorei. Fiquei horas sem conseguir voltar ao texto. Será que eu queria mesmo escrever sobre essa parte da minha vida? Ao mesmo tempo, pensava que eu não poderia negar a minha história. Minha psicóloga me incentivava a escrever e essa era uma oportunidade. Continuei com a escrita.

Meu genitor já faleceu. Eu já era adulta quando aconteceu. Minha avó conta que foi ele quem me entregou a ela, não lembro em quais condições e nem como foi esse dia. Já até pensei em perguntar à minha avó sobre isso, para saber detalhes, mas não sei se realmente eu gostaria de saber, mexe muito comigo. Sei que eu era apenas uma criança de 4 anos, vulnerável, doente, com problemas respiratórios, que precisava de cuidados. Por alguma razão, minha vó decidiu fazer isso, cuidar de mim. O que também era comum em classes populares, como afirma a antropóloga Claudia Fonseca (1995)¹⁰ ao analisar as práticas de adoção no Brasil. Essas práticas resultavam em circulação de crianças e cuidados prestados por outras pessoas que nem sempre eram das famílias de origem.

Meus pais biológicos tiveram cinco filhos. A filha mais velha era somente filha da minha genitora e foi criada por ela. Os filhos seguintes, eu e mais outros dois (um menino e uma menina), fomos adotados por famílias diferentes. Alguns anos depois eles tiveram o quinto e último filho, que foi criado pelo meu pai biológico. Depois do nascimento desse último filho, eles se separaram. Essa é uma longa história. Minha vó permitia que meus

¹⁰ FONSECA, C. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

genitores me visitassem. Lembro dessas visitas e algumas vezes eles me levavam para ficar com eles alguns dias.

Sobre essas visitas, minha avó conta que eu adoecia e tinha febre e ela tinha que ir me buscar. Tenho algumas cenas dessas situações gravadas em minha memória. Lembro de uma das casas em quem meus genitores moraram – mudavam muito de casa –, de uma cama compartilhada e um mosqueteiro, de um chão vermelho e uma comida que eu não queria comer. Eu penso que havia uma tentativa de minha avó em respeitar o lugar dos meus genitores em minha vida e, igualmente, uma tentativa deles de continuar na minha vida, de alguma maneira. Apesar da boa intenção, isso não era benéfico, gerava muita confusão na minha cabeça. Eu não sabia identificar qual era mesmo a minha família.

O tempo foi passando e eu fui crescendo. Mesmo que eu chamasse minha avó de “vó” e não de mãe, era com ela que eu morava, quem cuidava de mim quando eu estava doente e quem me matriculou na escola. Só comecei a estudar com 5 anos e era minha vó quem ia para as reuniões na escola. Todos a identificavam como a responsável por mim e eu fui aprendendo isso ao longo do tempo, vivendo. Não houve uma conversa sobre como seria essa minha vida, as coisas foram acontecendo. As visitas dos meus genitores foram diminuindo e isso era um alívio para mim – o vínculo com eles havia sido rompido, eu não sentia proximidade. Alguns anos atrás, conversando com minha prima Milena¹¹, que

¹¹ Milena é minha prima mais velha (poderia ser sobrinha também, mas fomos criadas como primas). Ela é filha da filha mais velha de minha vó. Minha vó tem seis filhos vivos, dentre estes cinco biológicos (quatro mulheres e um homem) e uma adotiva (eu). Não gosto dessa diferenciação entre filhos biológicos e adotivos, mas descrevo aqui essa configuração familiar para que o(a) leitor(a) possa entender o contexto em que conto esta história.

é mais velha que eu, ela me disse que quando eu cheguei na casa de minha avó, mal falava e assim permaneci por um tempo. Eu sentia medo de algumas pessoas da minha nova família; nessas horas eu ficava agarrada na cintura de minha avó.

Tenho uma recordação muito bonita da minha formatura da alfabetização. Minha avó fez questão que eu participasse. Uma vizinha penteou os meus cabelos, fez vários cachinhos e eu estava lá lindamente assinando o meu nome. Fui alfabetizada na idade certa. Minha avó ia trabalhar e no outro turno eu tinha reforço escolar com uma vizinha. Isso foi bom para mim e fico emocionada ao lembrar. Quando eu não estava sob os cuidados de minha avó, estava sendo cuidada por suas filhas, que também me acolheram. Aprendi a entendê-las como tias, mas na verdade seriam minhas irmãs e seus filhos seriam meus sobrinhos. Até hoje as apresento como tias e primos, pois ainda é difícil desconfigurar isso na minha cabeça. Mas o que eu sei e sinto é que elas são minhas irmãs, porque minha avó é a minha mãe.

Minha vó hoje tem 88 anos. Como acabei de fazer 34, há 30 anos que a conheço e convivo com as pessoas que vieram a ser a minha família. Minha avó já tinha netos quando me adotou e talvez seja por essa razão que ela me ensinou a chamá-la de “avó”. Nos meus documentos permanecem os nomes dos meus genitores, o que já me incomodou muito e ainda incomoda. Quando eu peguei os meus diplomas de graduação e de mestrado e vi os nomes deles fiquei triste, pois eu queria que o nome de minha avó estivesse lá. Já pensei em resolver isso juridicamente, mas talvez seja muito burocrático e não sei se ainda é possível.

Na minha adolescência eu chorava quando as pessoas me perguntavam se eu não tinha mãe, porque era só minha avó que ia na escola. Ter sempre que explicar a mesma história era doloroso

para mim. Eu nunca pude chamar alguém de “mãe” ou “pai”, pronunciar essas palavras, mas hoje percebo o peso que elas têm para mim... “Minha vó” tem muito significado e, por isso, tatuei no meu corpo, no lado esquerdo, entre minhas vértebras, “Minha vó, minha vida, minha história”.

Depois de anos, quando comecei a fazer faculdade, fui entender que era comum a circulação de crianças, principalmente entre famílias pobres. Deixar os filhos serem criados por famílias com melhor condição social era muitas vezes a única ou a melhor alternativa para a proteção de crianças em situações vulneráveis. Minha avó não era rica. É uma mulher negra que trabalhou muito como cozinheira, em empresas de fumo e de farinha. Lembro de acompanhá-la quando ela era chamada para cozinhar em alguma festa na igreja ou de algum grupo da sociedade local. Eu gostava de ir e ajudá-la. Minha vó é uma matriarca, muita gente na cidade conhece dona Noelia. Daria um livro escrever sobre a sua trajetória.

Alguns meses antes da minha viagem para Portugal, estávamos assistindo TV no sofá da sala. Vendo um comercial de bonecas, minha avó me disse: “*tu nunca gostou de boneca, tu gostava mesmo era de riscar no papel, quando eu trabalhava na [cita o nome da empresa] e tu ia pra lá, tu chegava no escritório e pedia fôa*”. Rimos muito, eu fiquei emocionada, achei curioso ela lembrar disso. Realmente eu não gostava de bonecas, ela trabalhava numa empresa de farinha e quando eu saía da escola, ficava lá esperando ela para ir para casa. Enquanto esperava, eu pedia uma folha de papel para desenhar, mas não conseguia pronunciar a palavra “folha”, falava “fôa”. Até hoje quando encontro colegas dela de trabalho na rua, eles me chamam de “fôa”.

Eu considero que tive uma infância feliz, mesmo diante de desigualdades. Brincava na rua com meus primos e vizinhos de pega-pega, esconde-esconde e tantas outras brincadeiras. Em meio a conflitos internos, emoções difíceis e sentimentos não ditos, reconheço que vivi bem a minha infância e adolescência. Fiz amigos e amigas na escola, não sem viver situações de conflito, mas também era estudiosa e me apeguei aos estudos. Encontrei pessoas no meu caminho que me possibilitaram isso: minha avó, suas filhas e meus primos. Entre os primos, em especial, quero destacar Lucas¹², que muito me incentivava a estudar e me ajudava com as lições de Matemática e Física.

Logo ingressei na universidade. Eu estudava muito, virava noites estudando, tinha que passar no vestibular e passei. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) me deu régua e compasso. Considero a UFRB a principal conquista do povo da região do Recôncavo. A sua criação foi oficialmente em 29 de julho de 2005, pela Lei nº 11.151. Ela se insere num contexto de investimento na educação e em um grande projeto de expansão do ensino superior no Brasil durante o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, somado às reivindicações e lutas da sociedade organizada do Recôncavo da Bahia. Ah! Essa universidade é diversa, é negra, é inclusiva. Graduei em Serviço Social e fiz mestrado em Ciências Sociais. Foram sete anos fazendo todos os dias o percurso de Cruz das Almas para Cachoeira. Costumo dizer que Cachoeira é a capital do Recôncavo, um lugar cheio de cultura e história. Eu amo essa cidade e a minha primeira universidade. Lembro que, na minha formatura em 2015, a então

¹² Lucas é um dos meus primos. Fazíamos cursinho pré-vestibular no mesmo período e ele me ajudou com muitas lições, principalmente da área de Exatas.

diretora do Centro de Artes, Humanidades e Letras, professora Georgina Gonçalves¹³, disse: “*nunca se esqueçam que vocês são da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*”. Nunca esqueci dessa fala e nunca esqueci de onde eu vim.

A graduação em Serviço Social abriu os meus olhos e mente para questões relacionadas à sociedade brasileira, suas instituições, desigualdades, cultura e identidades diversas. Foi um processo de aprendizagem como profissional, mas também como pessoa. Tive, ao longo do curso, acesso a leituras e literaturas que não conhecia. O início foi bem difícil, mas com o tempo fui me acostumando com as longas leituras, livros difíceis, conceitos sociológicos, antropológicos e políticos. Havia poucas referências de autores(as) negros(as) nos planos de curso; só tive acesso mais amplo a literaturas negras depois do mestrado.

Ingressei em grupos de pesquisa e extensão. Eu gostava das discussões e principalmente das visitas e dos trabalhos de campo. Minha avó me dava todo mês o dinheiro do transporte. Pagava por dia o valor de R\$ 7,00 para fazer o traslado de Cruz das Almas para Cachoeira, ida e volta. Nesse período eu trabalhava como manicure, fazia unhas na vizinhança e, por um período, dei reforço escolar em casa. Era o que me ajudava a pagar as cópias dos textos indicados. No quinto semestre fui contemplada com uma bolsa de estudos da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (Propaae). Passei a receber R\$ 400,00 por mês. Nossa! Eu fiquei radiante quando consegui essa bolsa.

¹³ Atualmente, a professora doutora Georgina Gonçalves dos Santos é reitora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, quadriênio (2023-2027). É a primeira mulher e negra a assumir a reitoria dessa universidade.

Aliviou minha vó financeiramente e deixei de trabalhar como manicure, assumindo grande parte dos custos dos meus estudos.

Meu cabelo foi alisado por muitos anos, desde criança. É comum uma menina negra, numa sociedade racista, ter o sonho de ter o cabelo liso. Todos os referenciais de beleza eram da branquitude. Eu brincava em casa colocando toalhas na cabeça fingindo que eram cabelos longos e lisos. Meu cabelo é crespo e cheio e era minha vó quem lavava, desembaraçava e penteava. Os penteados que ela fazia não eram muito bonitos, mas eu sempre estava na escola com o cabelo penteado e arrumado. Eu tive muito piolho e isso foi um sofrimento: passar o pente finíssimo para tirar as lêndeas. Eram horas e horas no colo de minha vó, ela com uma infinita paciência.

Quando cresci mais um pouco, tinha entre 12 ou 13 anos, chegou o momento do “ritual” do alisamento. Eu me refiro a esse acontecimento como um ritual racista que, certamente, muitas meninas negras passaram ou passarão na vida. O cabelo crespo é considerado, por parte da sociedade, como “cabelo ruim”, “cabelo duro”, “cabelo de Bombril”. Olhava-me no espelho e não gostava do que via. O racismo impacta na autoestima de pessoas negras, imagina na de uma criança. E isso aconteceu comigo. Era preciso alisar o cabelo e passar horas e horas na escova e chapinha, para que meu cabelo se tornasse o mais liso possível. Na universidade eu comecei a me ver diferente. O cabelo liso não fazia mais parte mim. Depois de muitas discussões sobre raça e racismo, consegui me libertar do tal “ritual”. Isso foi resultado da luta de muitas mulheres negras, ativistas e intelectuais. E assim eu tive a coragem de resistir e assumir o meu cabelo crespo, que transcende a aceitação e a estética. Ele é um ato político.

Quando ingressei na graduação, em 2010, ainda não existiam cotas raciais, as cotas eram somente sociais, voltadas para estudantes oriundos de escolas públicas. Durante todo o meu processo educacional, sempre estudei em escolas públicas e tenho muito orgulho disso. Acredito que a educação é um bem público e que sua qualidade deve ser defendida desde a alfabetização até o ensino superior. A educação não pode ser uma mercadoria, não pode ser vendida nem ter como resultado o lucro. Deve ser pública, democrática, diversa e para todas as pessoas. Esse é outro sonho meu.

As políticas afirmativas no Brasil, especificamente as cotas raciais, datam de 2012, uma lei importante e, posso dizer, revolucionária, que foi feita como medida de reparação histórica para reduzir desigualdades raciais e também sociais. Quando eu iniciei o doutorado já em 2022, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), encontrei um grupo maior de estudantes negros. Isso me alegrava, encontrava pessoas parecidas comigo. Homens e mulheres negras. Lembro que um professor, um homem branco, em uma das aulas propôs um exercício de reflexividade: os estudantes deveriam escrever sobre suas trajetórias e depois partilhar com a turma. Ao ouvir as histórias, o professor nos disse que, após anos dando aula na pós-graduação, nunca tinha escutado histórias de pessoas que vieram de camadas populares, de quilombos, que viveram e vivem desigualdades sociais e raciais.

No entanto, apesar de encontrar pares entre os estudantes, me sentia uma estranha na pós-graduação. Foi um ano assim, fazendo as disciplinas, estudando e procurando parcerias entre os colegas. Foi então que percebi que outros colegas tinham o mesmo sentimento: estranhamento na universidade. Reunimo-nos e por motivação de uma de nossas colegas, a querida

Dora¹⁴, formamos um quilombo, o Quilombo das Iyás Xica Manicongo e Yagunã Dalzira¹⁵, espaço de partilha e fortalecimento da nossa identidade e ancestralidade. Nos aquilombamos para resistir e permanecer na universidade, com luta, mas também com muito afeto.

Comecei a ter acesso, e de forma mais aprofundada, à literatura negra depois da graduação e do mestrado. Iniciei as leituras sobre o pensamento feminista negro e me encontrei. Entendi que eu também sou uma intelectual – até então não me via assim. Aqui estou eu, teorizando ao escrever este texto. Como diz Collins: “As ideias centrais do feminismo negro refletem a agência das mulheres negras”¹⁶. O doutorado impulsionou essas leituras. Encontrei poucas professoras que entendem a importância de descolonizar e contracolonizar o conhecimento; são poucas, mas estas foram bem determinadas no que faziam. Trabalharam em planos de ensino com autores(as) negros(as), indígenas, que pensam a produção do conhecimento de modo situado. “Abraçei” as leituras.

Até sonhava que em algum momento da minha vida eu poderia fazer uma viagem internacional, mas eu não acreditava que isso poderia se tornar verdade. Quando eu tive a certeza que

¹⁴ Maria Doralice Sousa, conhecida como Dora, é doutoranda no Instituto de Saúde Coletiva (ISC), uma mulher negra comprometida com a causa antirracista. Ela foi a grande incentivadora da criação do quilombo.

¹⁵ O Quilombo das Iyás Xica Manicongo e Yagunã Dalzira é um coletivo de estudantes negros(as/es) da pós-graduação e graduação do ISC. Foi criado em 2 de novembro de 2022 e recebe esse nome em homenagem a Xica Manicongo, exemplo de resistência, sendo a primeira travesti documentada no Brasil, e Yagunã Dalzira, que é comprometida com a luta antirracista e doutora em Educação.

¹⁶ COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

participaria do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, fiquei em êxtase, muito contente. Passaria dez meses em Portugal, estudando, financiada pelo governo brasileiro; uma conquista que só foi possível mediante um governo democrático e políticas sociais e afirmativas. Aqui estou eu contando esta história. É verdade!

Fazer o doutorado-sanduíche requer preparação para lidar com toda a burocracia que existe, desde fazer o passaporte até a solicitação do visto. Foi preciso dedicação e atenção a todo o processo. Também foi preciso reorganizar a vida e os processos de trabalho – no momento eu estava atuando como professora substituta na UFBA, no curso de Serviço Social, uma função que me deixava muito contente. Foi necessário me despedir dos alunos. Muitos me parabenizaram e alguns me disseram que se sentiam inspirados. Eu sempre dizia para que eles caminhassem e não desistissem nunca.

Contei para a minha família quando as questões burocráticas estavam bem encaminhadas. Meus parentes comemoram comigo, minha avó reagiu bem, abrimos um espumante na casa de minha tia e festejamos. No dia da viagem, minha avó chorou muito; ela e eu tivemos medo dessa despedida. Eu já tinha chorado muito antes. No dia eu segurei o choro, nos abraçamos, ficamos ali sentadas juntas e nos despedimos.

No dia 31 de setembro viajamos, eu e uma parte do grupo, seis pessoas. Encontramo-nos no aeroporto. Muitas emoções envolvidas, medo do novo, encontros e despedidas. Ali nos abraçamos e também conhecemos os familiares uns dos outros, pois estes fizeram questão de estarem presentes. As emoções foram diversas: houve muito choro, risos e abraços, sobretudo muitas

demonstrações de afeto de pais, tios, amores, irmãos, irmãs e primos que marcaram presença.

No embarque, nossos familiares se juntaram e tiraram muitas fotos nossas. Foram muitos flashes. Eu olhava para os meus parentes e via como eles também estavam felizes. Brilhamos em meio a tantos flashes. Esse brilho refletia naquelas pessoas que estavam ali nos admirando, como diz a canção de Caetano Veloso: “gente espelho de estrelas, reflexo do esplendor”. Refleti que estávamos voando alto por causa de cada um e cada uma dos nossos que sempre seguraram as nossas mãos. Nossas histórias ali se cruzaram como uma encruzilhada. Negros e negras alçando voos.

A experiência de estudar em outro país é enriquecedora, conhecer outras culturas, pessoas de diversos países, outra instituição e dinâmicas sociais. No entanto, estar numa terra estrangeira não é fácil, principalmente quando o mundo tem passado por grandes mudanças sociais, como a ascensão da extrema-direita ao poder, guerras e resistência política ao aumento do fluxo migratório para os países europeus. Eu sou uma mulher negra, brasileira e estou na terra do colonizador. Percebo que algumas pessoas me olham com estranhamento, na estação de metrô, nas universidades. Vejo presentes o racismo e a xenofobia.

Longe do Brasil, percebi o quanto carrego em mim de brasilidade e baianidade, as práticas culturais que me constituem como pessoa. Mas era preciso estar disposta a conhecer a cultura local e vivenciar as trocas de experiências com colegas de diversas nacionalidades; é um processo enriquecedor. Além disso, conhecer brasileiros(as) e até um grupo de forró local organizado por eles, chamado “quinta clandestina”¹⁷, fazia com que eu me sentisse

¹⁷ Quinta clandestina é uma comunidade de forró organizada por brasileiros com a participação de portugueses e de qualquer pessoa que deseja dançar forró.

“quase” que em casa. Essas relações facilitaram a minha adaptação à nova rotina, à cultura local, à gastronomia, ao frio e a me localizar nesse espaço.

Com paciência, os dias tornaram-se comuns. Conheci novas pessoas, grupos de pesquisas, professores(as) pesquisadores(as). Participei em Lisboa do I Colóquio Internacional Confluências Contracoloniais – os possíveis diálogos com o pensamento do mestre Nego Bispo¹⁸. Nesse encontro conheci brasileiras que também realizavam pesquisas aqui em Portugal. Partilhamos e conversamos bastante. Tive a oportunidade de ouvi a filha do mestre Nego Bispo, a senhora Joana Maria. Foi um momento emocionante, e fiquei impactada pelo que vivi. Encontrei professoras acolhedoras que quiseram conhecer o grupo. Um exemplo foi a realização do Seminário Internacional em Raça, Racismo e Gênero – um diálogo entre universidades do Brasil e Portugal¹⁹, além de outras parcerias e trocas que foram realizadas.

Participava desses encontros e percebia que a circulação de intelectuais negros(as) nesses espaços acadêmicos europeus provocava pequenas “fissuras” nas estruturas acadêmicas quanto à produção de conhecimento. Ouvi comentários, como “é muito difícil encontrar um debate sobre raça, racismo e gênero aqui nesse espaço”, “nunca vi um auditório com tantas pessoas negras” e “nossa uma mesa com intelectuais negras debatendo”.

Acontece todas as quintas-feiras em Porto, Portugal.

¹⁸ O seminário aconteceu entre os dias 16 e 17 de dezembro do ano de 2024, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

¹⁹ O seminário aconteceu no dia 12 de março do ano de 2025, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, em Portugal, organizado pelo Grupo de Sexualidade e Gênero do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP) e pelo Grupo do Programa Abdias Nascimento.

Compreendi nesses momentos que eu e meus colegas estávamos produzindo inquietações, movimentações e certamente provocando rupturas epistemológicas por onde passávamos. Para mim, isso revela a importância do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento.

Aqui participando desse programa e hoje ao escrever este texto, consigo me identificar como uma mulher negra que pode ser intelectual e escritora. Terminei este texto com os sentimentos de liberdade e alegria, mas também com profundas inquietações. Além de tudo que escrevi até aqui, o doutorado-sanduíche tem sido uma experiência de encontro comigo mesma. Quero recordar a importância de Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Luiza Barros, Nego Bispo e tantos outros e outras ancestrais que dedicaram suas vidas à luta antirracista, ao direito à terra e à defesa dos quilombos.

Quero ainda recordar todos e todas que atualmente seguem os passos dos que vieram antes e continuam fazendo a mesma luta. Eu sou resultado do trabalho coletivo de homens e mulheres negros e negras, mas também da coragem, do amor e da determinação de minha avó, da generosidade dos meus genitores, de toda pessoa que faz a luta antirracista, de um governo democrático e das políticas sociais e afirmativas. Sei que essa luta é incansável e é preciso muito mais. Se cheguei (chegamos) até aqui, eu quero (queremos) muito mais. Eu quero a juventude negra viva! Quero uma vida plena. Como diz “Travessia”²⁰: “tenho muito o que viver”. Nós, jovens negros(as), temos muito o que viver!

²⁰ TRAVESSIA. Intérprete: Milton Nascimento. In: TRAVESSIA. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: Ritmos, 1967.

EXPERIENCIANDO O ESCREVIVER

RELATO DE UMA PESQUISADORA NEGRA BRASILEIRA EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Maria Antônia Moreira dos Reis Santos

INTRODUÇÃO

No senso comum, circula a lenda de que há um momento fatídico em que o branco brasileiro descobre que, para o europeu branco, ele não é um igual. Essa descoberta é marcada por consternação, indignação e queixume. Aos olhos desses brancos brasileiros, chega a ser ofensivo que, em alguma medida, sejam tratados, ainda que minimamente, com semelhança à vivência cotidiana de um negro no Brasil. Clóvis Moura (2021, p. 39) é taxativo ao definir esse grupo como

[...] não um tipo antropológico puro, ou uma etnia uniforme, pois usamos a palavra num nível de interpretação sociológica mais compreensivista, que leva em consideração uma série de valores da sociedade competitiva. Ao aplicá-la, queremos referir-nos ao branco por autodefinição, isto é, aquele elemento

que, embora tendo mescla de sangue negro ou indígena, define-se como branco por encontrar-se em uma posição social capaz de branqueá-lo e fazê-lo passar por branco nos diversos níveis de contato com as classes dominantes. Por outro lado, ao falarmos de negro não objetivamos também o negro puro mas definir uma etnia que vinda de matrizes negras conserva a sua cor próxima a essas matrizes, e, por elementos de cultura, posição social e econômica, formam uma unidade que é tida como representativa do negro, pela sociedade branca.

O branco brasileiro, que tem sua autodefinição atrelada ao poder que exerce no contexto social do país (Moura, 2021), ao tornar-se um imigrante ordinário em Portugal, se depara com a descoberta de uma farsa. De repente, vê-se revelada a sua “impureza” racial e a impotência frente ao “verdadeiro branco”, o europeu. A minha experiência nesse país foi diferente, visto que nunca me foi fornecido o privilégio de esquecer que não pertencço a ele. Para alguns, não sou uma cidadã¹ e, portanto, não teria direitos a serem assegurados, respeitados e garantidos. Ao olhar, identificam, aguardam, se armam, escondem os pertences e me mantêm sob suas vistas.

Por saber da possibilidade de me deparar com essa experiência, quando surgiu a oportunidade de desempenhar uma investigação científica no exterior, previ uma sequência de desafios a serem superados: condições climáticas; diferenças culturais e na alimentação; falta de vestimentas adequadas para enfrentar

¹ Clóvis Moura (2021) questiona o construto de cidadania ao provocar reflexão acerca das condições da população negra brasileira, visto que, abandonados à própria sorte, poderíamos ser denominados como “cidadãos”? No contexto de imigração, essa contestação é intensificada.

o inverno; e presença constante do racismo, sexismo, classismo, LGBTQIAPN+fobia, xenofobia e demais formas de opressão que nos circundam. Esse último aspecto, de fato, materializou-se por meio do tratamento desdenhoso, do desrespeito e da repetição da mensagem simbólica “voltas para tua terra” que, com recorrência, atravessaram as minhas vivências em Portugal.

É evidente que opressões de raça, gênero, classe e sexualidade também são constantes no contexto brasileiro, no entanto, existem diferenças entre a experiência de vivenciá-las em seu país de origem e em um processo de deslocamento – distinções que estão atreladas às especificidades da imigração e nacionalidade. A forma como somos tratados no país do colonizador amplifica o sentimento de não pertencer, reconstituindo com frequência a sensação de desamparo, que já existe pela distância geográfica das pessoas em quem confiamos e que nos fornecem apoio e acolhimento.

A ideologia hegemônica, que institui superioridade racial ao branco europeu e inferioridade a todas as outras pessoas, dissemina estratégias de dominação e controle que intensificam o sentimento de desamparo. Esses elementos, sentenciados pelo poder estrutural da hegemonia branca europeia, silenciam, inibem e oprimem, de modo a serem utilizados como ferramentas para exploração psicológica e do trabalho no sistema capitalista em todas as suas dimensões. Ao definir racismo, Clóvis Moura (1994, p. 28) expõe que ele

é um multiplicador ideológico que se nutre das ambições políticas e expansionistas das nações dominadoras e serve-lhe como arma de combate e de justificativa para os crimes cometidos em nome do direito biológico, psicológico e cultural de

‘raças eleitas’. Há também o racismo interno em várias nações, especialmente nas que fizeram parte do sistema colonial, através do qual suas classes dominantes mantêm o sistema de exploração das camadas trabalhadoras negras e mestiças.

A definição de racismo de Moura (1994) é contundente e compreende o processo de autodefinição e reafirmação de superioridade racial de portugueses sobre brasileiros imigrantes. Tendo isso em vista, Lélia Gonzalez (2020), por meio do conceito de pretuguês², destaca o incômodo dessa hegemonia branca europeia com relação à nossa experiência brasileira.

Para além da dificuldade de admitir as atrocidades ocorridas no processo de colonização, o mito da democracia racial é um princípio reinante e que acoberta as devastações praticadas por séculos, uma falsa narrativa que foi disseminada nos contextos brasileiro e europeu. Ele exalta o processo de colonização e escravidão no Brasil, baseado na falácia de que existiu harmonia entre as raças no país. Clóvis Moura afirma que “o colonizador luso estabeleceu, no Brasil, um mecanismo neutralizador da consciência étnica do negro através de uma verbalização democrática e um comportamento autoritário e racista” (Moura, 2021, p. 80), e esse mecanismo garante a perpetuação desse mito. O mito da democracia racial também oculta as raízes culturais africanas na cultura brasileira em prol da disseminação de uma imagem positiva e falaciosa da relação entre Portugal e Brasil. Gonzalez (2020, p. 90-91) expõe que

² Lélia Gonzalez (2020) define pretuguês como marca de africanização do português falado no Brasil e na cultura.

De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc. e tal. Só que na hora de mostrar o que eles chamam de ‘coisas nossas’, é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí afora. Quando querem falar do charme, da beleza da mulher brasileira, pinta logo a imagem de gente queimada da praia, de andar reboativo, de meneios no olhar, de requebros e faiceirices. E culminando, pinta este orgulho besta de dizer que a gente é uma democracia racial. Só que quando a negrada diz que não é, caem de pau em cima da gente, xingando a gente de racista. Contraditório, né? Na verdade, para além de outras razões, reagem dessa forma justamente porque a gente pôs o dedo na ferida deles, a gente diz que o rei tá pelado. E o corpo do rei é preto e o rei é Escravo.

A construção deste relato relaciona-se ao excerto de Gonzalez (2020), visto que, ao romper o silêncio sobre a experiência vivida, contribuo em expor a ferida e delatar, mais uma vez, quem é o rei. Assim, pretendo mesclar as experiências pessoais com o conhecimento adquirido durante a investigação científica em andamento no mestrado-sanduíche, tendo como perspectiva teórico-metodológica o pensamento feminista negro e a escrevivência (Evaristo, 2020). O conceito de escrevivência foi cunhado por Conceição Evaristo (2020) e pode ser considerado como uma prática literária de mulheres negras. Nesse sentido, “o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (Evaristo, 2020, p. 38).

Além disso, pretendo trazer a minha experiência e os construtos teóricos para erigir, conjuntamente com as feministas negras e outras(os) autoras(es), o meu relato. Como uma mulher negra que saiu do sertão baiano para a capital muito jovem, eu sabia que as coisas não seriam simples. Não haveria um momento em que poderia “passar despercebida”, para então, em algum evento, ser “tirada do armário” quanto à minha origem. Tendo consciência disso, sempre soube que foi o processo de resistência ancestral de mulheres e homens negras(os) que me trouxe aqui. Foi uma construção histórica de luta pela educação de qualidade da e para a população negra que possibilitou esse processo migratório. Esse é meu ponto de partida.

O PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO

O “Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento”³ me possibilitou a residência de dez meses em território português para fins de aperfeiçoamento acadêmico e iniciação científica. Ele tem sido necessário para conduzir parte da população negra que está inserida em universidades ao redor do Brasil ao mestrado e doutorado-sanduíche em diversas localidades do mundo. Esse programa oportuniza às pessoas negras, indígenas, estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, a possibilidade de usufruir dos acordos de cooperação entre universidades brasileiras e internacionais, a fim de promover a formação dos estudantes; estimular

³ O nome do programa é uma homenagem a Abdias Nascimento, importante ativista em prol dos direitos da população negra, artista e político brasileiro.

e aperfeiçoar pesquisas; ampliar a participação e a mobilidade, dentre outros fatores (Brasil, 2023).

Esse programa, de caráter contra-hegemônico, surgiu por meio de políticas públicas. Inicialmente, foi instituído pela Portaria nº 1129/2013 (Brasil, 2013), durante o governo da presidenta Dilma Rousseff. Em 2018, essa decisão foi revogada pelo governo de extrema-direita do ex-presidente Jair Bolsonaro; e, por meio da Portaria nº 1191/2023 (Brasil, 2023), durante o atual mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o programa foi recriado. Sua criação no passado e reconstituição mais recente representam uma conquista dos movimentos negros e movimentos sociais; da entrada de parte da população negra, indígena e quilombola na universidade pela política de cotas, instituída pela Lei nº 12711/2012 (Brasil, 2012); e das iniciativas de docentes comprometidas com a luta contra o racismo, sexismo, classismo, LGBT-QIAPN+fobias, dentre outras formas de opressão.

Esse processo histórico de enfrentamento e resistência política da população negra, em prol da garantia do direito básico à educação de qualidade, pavimentou os caminhos para que um grupo heterogêneo de estudantes, majoritariamente negras(os), que estão em programas de pós-graduação na Bahia, pudessem ir ao território do colonizador a fim de aprimorar suas investigações científicas. É nesse lugar em que me insiro. No entanto, vale destacar que o processo migratório não é fácil. Ele é complexo e, nesse contexto, consiste no deslocamento de pessoas negras brasileiras a Portugal, que possui um histórico de racismo e xenofobia contra esse grupo (Carvalho, 2024). Desse modo, considerando as especificidades do processo migratório, compartilharei um pouco das minhas vivências enquanto mulher negra, antes e durante a ida a Portugal.

ENTRE A DOR E A BELEZA DE ESCREVER

Às vésperas do processo seletivo do edital do Programa Abdias Nascimento, contei para minha família que tentaria o mestrado-sanduíche. A minha surpresa não foi pelo modo encorajador que eles responderam, o que é algo comum em minha realidade, mas sim pelo modo natural com que encararam a possibilidade. Eles enxergavam a minha capacidade, como se tivessem me preparado durante toda a vida para esse momento e, desde sempre, acolheram a ida para outro continente como um feito muito maior do que eu mesma.

Em um processo constante de emancipação⁴, ainda marcada pela opressão racial e sexista, confesso que algumas vezes desejei ser reprovada para não ter de lidar com a possibilidade de aceitar ou rejeitar uma oportunidade como essa. A angústia da aprovação, o sentimento de “será que sou competente?”, “será que mereço isso?”, “sou apta a viver essa experiência?”, “e se não conseguir dar conta?”, “e se precisar voltar?” me acompanharam nos primeiros meses de adaptação ao chegar em Portugal. As feridas das violências opressoras, que fazem parte da minha trajetória de vida e são constantemente refeitas, estimularam-me a reiterar o compromisso ético e político que assumo constantemente – resistir e ir contra o racismo, sexismo, homofobia e classismo. No entanto, em certo momento, deparei-me com esses questionamentos sobre as minhas capacidades.

⁴ Para Moura (2021, p. 135), o conceito de emancipação é dinâmico e radical, de modo a caracterizar-se como “um processo social, cultural, econômico, e, sobretudo, político ainda em curso, imanente”.

O primeiro movimento feito por mim foi enxergar os impedimentos que estavam arraigados no meu subconsciente pelo contato com a forma hegemônica de compreender o que seria intelectualidade e conhecimento. Percebi que esses questionamentos que me fazia estavam pautados em uma perspectiva brancocentrada, europeia e cisheteropatriarcal – a isso chamamos de “alienação do negro” (Fanon, 2020). Frantz Fanon (2020, p. 130-132) expõe que

Enquanto eu esquecia, perdoava e somente desejava amar, minha mensagem me era devolvida como uma bofetada em pleno rosto. O mundo branco, o único respeitável, negava-me qualquer participação. De um homem se exigia uma conduta de homem. De mim, uma conduta de homem negro [noir] – ou, se tanto, uma conduta de negro [nègre]. Eu saudava o mundo com um aceno e o mundo me amputava o entusiasmo. Estavam pedindo que eu me confinasse, que eu me encolhesse. [...] A vergonha. A vergonha e o desprezo por mim mesmo. A náusea. Quando me amam, dizem que é a despeito da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é por causa da minha cor... Por um lado ou por outro sou prisioneiro do círculo vicioso.

O trauma ocasionado pelas experiências cotidianas com o racismo, tão bem descrito por Kilomba (2019) e, devo acrescentar, com o sexismo, classismo, LGBTQIAPN+fobias, xenofobia, dentre outras formas de opressão, tem como consequência um processo de adoecimento psíquico, de neurose, conforme evidenciado por Frantz Fanon (2020). Ser uma mulher negra é ter que, constantemente, enfrentar as dimensões de poder que desvalorizam, ocultam e silenciam nossa produção intelectual, nossas vidas e existências. Em território português, pude vivenciar com

frequência o estranhamento e a contestação do meu direito de acessar aquele lugar, como se não devesse ou pudesse estar ali. Ao retratar a vivência de Alícia⁵, uma mulher afro-alemã, acerca dos questionamentos sobre sua nacionalidade, Grada Kilomba (2019, p. 111) expõe que esse tipo de inquérito inoportuno tem como consequência provocar a sensação de deslocamento, de modo que

Esse questionamento constante sobre de onde ela vem não é apenas um exercício de curiosidade ou interesse, mas também um exercício que confirma fantasias dominantes sobre raça e territorialidade. Alícia está sendo indagada, em primeiro lugar, porque ela é categorizada como alguém de uma ‘raça’ que ‘não pertence’. A pergunta contém a fantasia colonial de que a ‘alemã/o’ significa *branca/o* e *negra/o* significa alheio; desconhecido ou estrangeira/o. Trata-se de uma construção na qual ‘raça’ é imaginada dentro de fronteiras nacionais específicas e nacionalidade em termos de ‘raça’.

Nesse sentido, cabe exemplificar essas dimensões políticas dos diálogos cotidianos, tal qual a reflexão proposta por Kilomba (2019) na história de Alícia, mas dessa vez pelo meu olhar. O olhar de uma imigrante em um país no qual não me sinto parte e a partir de uma situação de assédio que ocorreu comigo ao adentrar em um carro solicitado por aplicativo.

Era uma segunda-feira à noite, dia chuvoso e frio na cidade do Porto, em Portugal. Esse evento ocorreu dois dias após a estreia nacional do filme *Ainda estou aqui*. Eu sei disso porque tudo

⁵ Nome fictício dado pela autora Grada Kilomba (2019) a uma das entrevistadas da sua investigação científica em tese de doutoramento.

aconteceu exatamente quando estava voltando para casa⁶, por volta das 22 horas. A película tinha me impactado tão fortemente que eu precisei de um tempo para me recuperar. São tantas violências retratadas por meio da história dessa mulher brasileira, Eunice Paiva, que ainda estava digerindo tudo o que tinha acabado de ver, sem saber que iria encarar mais uma violência, dessa vez direcionada a mim.

Por estar com a cabeça voltada para reflexões acerca do que vi no filme, adentrei ao carro desconectada, em estado catatônico de elucubração, sem me armar, como geralmente faço quando tenho que sair e entrar em contato com os habitantes desse país. Assim que fechei a porta do carro, o motorista me perguntou se eu já tinha comido um chocolate de nome “Conguitos”. Ele definiu como sendo a miniatura de um homenzinho africano. Atordoada com a abordagem do homem ao me ver, respondi apenas que não. Em seguida, veio a pergunta “de onde você é?” e, em uma sucessão de inconveniências, o motorista, português nativo, cantou a célebre canção brasileira “O que é que a baiana tem?”. Não contente com o desconforto causado, ele questionou se eu já havia comido naquele dia e, como respondi positivamente, afirmou que não fosse isso, iria me levar para jantar. A aproximação realizada pelo motorista não foi um convite, foi uma tentativa de intimidação e de demonstrar sua superioridade racial sobre mim, uma mulher negra brasileira que estava no banco de trás do seu carro.

Esse processo de desumanização, subjugação, exotização e objetificação do meu corpo vem sendo discutido por feministas

⁶ Mesmo escrever o lugar que habito em Portugal como “casa” ainda me soa estranho. É um sentimento diferente de tudo que já senti e corrobora com o que escrevo sobre a sensação de desamparo e não pertencimento.

negras ao longo do tempo. Patricia Hill Collins (2019) e Lélia Gonzalez (2020), cada uma à sua maneira, elaboram sobre esse sentimento de não pertencimento ao tratar das imagens de controle⁷ a que somos submetidas. Às mulheres negras são associados estereótipos de mulata-exportação e de domésticas/mucamas (Gonzalez, 2020). Essas características que nos são atribuídas provocam a internalização de nossas imagens como algo negativo ou restrito a esses construtos postos pela perspectiva hegemônica branca, cisheteropatriarcal e eurocentrada. Por isso, Lélia Gonzalez (2020, p. 59) reflete que

De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’: doméstica e mulata. A profissão de ‘mulata’ é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de ‘mercado de trabalho’. Atualmente, o significante mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: ‘produto de exportação’. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do ‘rebolado’, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais mas como provas concretas da ‘democracia racial’ brasileira;

⁷ Conceito proposto por Collins (2019, p. 35), no qual ela descreve como “surgidas na era da escravidão e ainda hoje aplicadas às mulheres negras [...] os estereótipos negativos aplicados às afro-americanas têm sido fundamentais para sua opressão”.

afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista ‘Preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca pra casar’. Em outros termos, são sutilmente cooptadas pelo sistema sem se aperceberem do alto preço a pagar: o da própria dignidade. A origem de tal ‘profissão’ se encontra no processo de comercialização e distorção (para fins não apenas ideológicos) de uma das mais belas expressões populares da cultura negra brasileira: as escolas de samba.

A sexualização dos nossos corpos, descrita por Lélia Gonzalez (2020), é um imperativo na relação dos homens portugueses com as mulheres negras brasileiras. A experiência que relatei anteriormente é apenas uma dentre as tantas que me ocorreram e que são referenciadas por Pontes (2004) em seu estudo sobre a representação das mulheres brasileiras na mídia portuguesa. O símbolo da mulata é exportado como um produto que caracterizaria o Brasil e está encoberto por uma perspectiva de falsa irmandade entre Brasil e Portugal. Luciana Pontes (2004, p. 235) afirma que

Nas representações legadas pelo colonialismo, a ‘História comum’ entre Brasil e Portugal produzida pelos dois Estados-nação é dissonante. Em Portugal há uma fixação historiográfica nos ‘Descobrimentos’. Atualmente, enquanto o Portugal pós-colonial é reinventado como ‘europeu’, a re(a)presentação pós-colonial do Brasil é enquadrada na ‘lusofonia’. O termo, referente aos países lusófonos – países (ex-colônias) de expressão portuguesa – baseia-se na noção de língua enquanto pátria e patrimônio e na ideologia da ‘irmandade’ e cooperação

entre estes países, uma forma de reelaboração do discurso e hierarquias imperiais. A lusofonia é ainda um lugar de projeções identitárias genéricas, em que a alteridade exótica, a tropicalidade e a alteridade sensual (todas mercantilizáveis), associadas ao Brasil, são submetidas às identidades portuguesas à maneira luso tropicalista.

O aumento do fluxo migratório de brasileiros a Portugal, a maior parte trabalhando em condições de vinculação precária e temporária, fez com que essa relação de “irmandade” fosse posta à prova e que as imposições de restrição à circulação de brasileiros no país tenham se intensificado (Pontes, 2004). A autora ainda afirma que

A figura da mulata é central nestas representações de alteridade/identidade. ‘Triplamente subalterna, triplamente objeto de desejo: porque mulher, porque não branca, porque das classes populares’; sensual, sensorial, exótica, a mulata brasileira é ‘uma construção estética que mascara o processo político da sua construção’. A mulher pobre não branca é produto de uma hibridização cujas linhas de poder são camufladas numa retórica dos afetos e dos sentidos, que essencializa as diferenças como justificativas para a desigualdade (Pontes, 2004, p. 249).

Dito isso, podemos perceber que a experiência de mulheres negras brasileiras em contexto europeu é atravessada pela violência, hiperssexualização e subalternização de nossos corpos. Neusa Santos Souza (2021), ao dissertar acerca dos estereótipos que estão atrelados à nossa existência, enquanto mulheres negras brasileiras, revela que mesmo os aspectos que podem ser

utilizados como se fossem positivos relacionados à nossa imagem, por exemplo, a existência inata de um corpo escultural, é mais uma forma de animalização, essencialização e bestialização da nossa imagem e cultura. A autora expõe que “todos esses ‘dons’ estão associados à ‘irracionalidade’ e ao ‘primitivismo’ do negro em oposição à ‘racionalidade’ e ao ‘refinamento’ do branco” (Souza, 2021, p. 61).

No entanto, todo processo de opressão tem como contraposição a resistência e, apesar de ser impelida à busca da desalienação constante, enfrente as adversidades tendo em vista o enriquecimento cultural bastante positivo que outras vivências também proporcionam. A oportunidade de ter contato com realidades diversas, enxergar novas possibilidades para a vida, dimensionar outros interesses e ser valorizada pelo trabalho científico desempenhado corresponde a uma conjuntura que nunca tive acesso anteriormente e que nunca foi possibilitado aos meus ancestrais. A isso, abraço e agradeço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem para Portugal começou antes de ser. Iniciou-se no campo das ideias, para então partir à concretude dos dias vividos em solo europeu. Assumir o compromisso de internacionalização de estudantes cotistas deve ser compreender os aspectos éticos que envolvem lidar com as vicissitudes que podem advir desse processo migratório. A experiência de estar em outro país, o país do colonizador, que tem uma conexão e, ao mesmo tempo, uma aversão ao brasileiro, traz uma dimensão diferente às opressões de gênero, raça, classe, sexualidade e nacionalidade.

Escrever este relato foi uma tarefa desafiadora, porque sempre me é dolorido colocar para fora as situações difíceis que enfrento e que a experiência da imigração promove. Apesar de difícil, tem sido extremamente enriquecedor e um processo de amadurecimento único, ao que sou muito grata. Grada Kilomba (2019) traz uma metáfora que ilustra a presença cotidiana do racismo, visto que a autora o expõe com similaridades ao processo de colonização. Ela coloca que:

Uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida e finalmente encarcerada em fantasias brancas do que ela deveria ser. Para traduzir esses cinco momentos em linguagem colonialista militarista: a pessoa é descoberta, invadida, atacada, subjugada e ocupada. Ser olhada torna-se análogo a ser descoberta etc. Assim, em questão de segundos, uma manobra colonial é realizada sobre o *sujeito negro*, que simbolicamente se torna colonizado. De fato, gosto da metáfora do racismo cotidiano como um ato de colonização, porque o colonialismo jaz exatamente na extensão da soberania de uma nação sobre um território além de suas fronteiras - e essa também é a experiência do racismo cotidiano. A pessoa que o experiênciam sente como se estivesse sendo apropriada pela/o 'outra/o' branca/o (Kilomba, 2019, p. 224-225).

No entanto, o que fortalece essa caminhada e a possibilidade de (re)existir nesse contexto são as pessoas que fazem com que o processo político de auto-humanização ocorra com maior fluidez. Não poderia terminar este texto sem agradecer àqueles e àquelas que tornaram viável o meu processo de fortalecimento político, já que, como afirma Neusa Santos Souza:

saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2021, p. 46).

E nada disso é possível individualmente. Hoje, agradeço principalmente às mulheres negras. Agradeço às que vieram antes de mim e proporcionaram a possibilidade de viver tal experiência; àquelas(es) que lutaram e seguem lutando por uma educação digna à população negra; à minha família, especialmente minha mãe, que me acompanha em todos os processos e conquistas; à minha orientadora, que contribui fortemente com minha formação acadêmica e política; à minha companheira, que mesmo com a distância, não poupou esforços em me ouvir e consolar as minhas angústias; às colegas que estiveram comigo na empreitada de ida ao exterior em busca de ampliar horizontes e que compartilharam os momentos bons e adversos desse processo de imigração. É pela luta coletiva que caminhamos e escrevemos!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 169, 30 ago. 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2025.

BRASIL. Portaria nº 1.129, de 17 de novembro de 2013. Cria o Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 226, p. 9, 21 nov. 2013. Disponível em: https://www.portal.abant.org.br/images/Comissoes_Comites/portaria-MEC-n-1129-de-17-11-2013.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.

BRASIL. Portaria nº 1.191, de 27 de junho de 2023. Recria o Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 121, p. 31, 27 jun. 2023. Disponível em: https://www.portal.abant.org.br/images/Comissoes_Comites/portaria-MEC-n-1129-de-17-11-2013.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.

CARVALHO, C. Convivialidade cultural e xenofobia no contexto de migrantes do Brasil em Portugal: análise a partir de notícia jornalística. *Revista Galáxia*, São Paulo, v. 49, p. 1-21, e66536, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202466536>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/M45WdPZxSnwpV5HYjNpmjGn/?lang=pt>. Acesso em: 4 mar. 2025.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOURA, C. *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Dandara Editora, 2021.

MOURA, C. O racismo como arma ideológica de dominação. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 34, p. 28-38, ago./out. 1994. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/revistas/principios/pdf/034.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PONTES, L. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 23, p. 229-256, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/pvsBhSVt9xMp7syHphq8q8P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 mar. 2025.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

JARDINS DE ALECRIM

UMA NARRATIVA SOBRE CONHECIMENTOS, ACONTECIMENTOS, BARCOS E O MAR

Raul Tavares de Paula

Penso que poucas coisas são definitivas. Mesmo quando tudo está perfeitamente planejado, a vida se impõe com suas mudanças, suas nuances, adversidades e com seus caminhos cinzentos. Até pouco tempo atrás, não conhecia as flores do alecrim. Em uma visita a uma cidade portuguesa, me encontrei com essa cena. Uma praça inteira feita de jardins de alecrim. Isso mudou um pouco do que eu estive pensando em escrever para esta publicação. O alecrim é uma planta largamente utilizada no Brasil. Serve para chás, banhos e o seu óleo é empregado nos tratamentos mais diversos. Mas também serve ao olhar, à contemplação.

Minha perspectiva virou. As coisas têm utilidades e geralmente nos limitamos à função utilitária delas sem tomar o tempo necessário para a contemplação, para a reflexão. Em última análise, tratamos de impedir o fluxo natural da vida quando tentamos atribuir função a tudo e nos afastamos do que parece inútil. Acontece que a vida acontece. Com o perdão da repetição, é nos acontecimentos que nós vivemos. Não se pode reviver o passado, nem tampouco prever o futuro.

A minha pesquisa sobre formação pluriepistêmica em Saúde é recortada por acontecimentos. O primeiro deles foi a decisão

de retornar à universidade para cursar o Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Saúde. Já havia passado pela universidade outras duas vezes, em áreas diferentes e, por fim, decidi que deveria me dedicar à área que me encanta e que me move. Afastei-me da ideia de “ser da Saúde” muito criança, quando fui desmotivado por adultos sem tato que implantaram em mim a ideia de que filho de pobre não faz faculdade de rico. Mas a vida vai acontecendo e, já adulto, percebi que não deveria me limitar.

Primeiro porque já era possível ao filho da professora estudar na universidade pública. A luta do povo negro garantiu que a lei de cotas existisse para que alguma justiça social fosse posta. É importante sempre falar da necessidade das políticas públicas afirmativas para o acesso e a permanência de pessoas pretas, pobres ou, como diz Caetano Veloso, “quase pretas de tão pobres” na universidade. Até muito recentemente, a universidade brasileira mantinha uma estrutura totalmente excludente para essa população (e para os ribeirinhos, ciganos e pessoas trans também). Apesar de já contar com uma boa quantidade de estudantes negras e negros, pobres, trabalhadores, LGBTQIAPN+, a universidade ainda precisa percorrer um caminho muito longo para que os séculos de exclusão sejam compensados.

Não quero chover no molhado. Quero, antes, enaltecer um processo de resistência que considera a vida e os acontecimentos. Enaltecer a existência da Lei de Cotas como instrumento fundamental para a presença dos corpos e saberes de pessoas até então desviantes no chão da universidade. Até existir um marco legal, poucos negros e negras conseguiam acessar a educação superior pública e, quando acessavam, poucos foram os que tiveram condições de permanecer. Se considerarmos a afiliação universitária, penso que, talvez, um número ainda menor tenha vivido

essa experiência de estar acolhido e plenamente pertencente à comunidade acadêmica.

Digo por experiência própria. Poucas pessoas da minha família acessaram uma universidade. Menos ainda foram aqueles que permaneceram. Nenhum deles sentiu-se acolhido pela universidade. Todos viveram a experiência de formação de modo apenas utilitário, na busca pelo diploma para alguma formação profissional. O que dizer então do “chamado para a vida acadêmica”?! Tenho professoras absolutamente vocacionadas para a docência na família, mas nenhuma delas quis enveredar pela pesquisa, pela docência universitária.

Durante o meu percurso universitário, especialmente no BI em Saúde, tive contato com muitas pessoas pretas e pobres. Identifiquei-me com as suas histórias por se parecerem com a minha. Poucas delas pensavam seguir a vida universitária. Talvez nem enxergassem essa possibilidade porque também tiveram poucos exemplos de professores negros durante a sua passagem no ensino superior. Eu mesmo tive poucos professores negros. E nem todos eles tiveram posicionamento ou letramento racial diante da posição de autoridade que ocupavam. Logo, se não há pessoas de referência no lugar de poder, é difícil se ver nesse lugar. Estou cada vez mais convencido da importância de existirem cada vez mais docentes pretos e pretas racialmente letrados(as). E enquanto há poucos professores com essas características, precisamos contar com os professores não negros aliados.

Foi por ter professores negros e não negros aliados que pude ter acesso a experiências fantásticas dentro da universidade. Das experiências com as Ações Curriculares em Comunidade e Sociedade (ACCS) até a sala de aula, contar com docentes que entendiam a minha trajetória auxiliou no percurso. Uma dessas, talvez

a mais incrível, aconteceu durante o período de mestrado. Acho necessário dizer que acredito no conhecimento como construção a partir da experiência que se acumula da observação dos acontecimentos e até mesmo dos eventos que não percebemos, mas que nos tocam.

Antes mesmo de iniciar a jornada do mestrado, sentia que estava me envolvendo em algo grande. Sentia que esse espaço teria uma potência de transformação da minha vida e na vida das pessoas do meu entorno. Quem sabe poderia ser capaz de cumprir meus sonhos, anseios, apontando minha bússola para outros pontos do horizonte? Foi com essa expectativa que iniciei o mestrado, pensando em pesquisar sobre coisas que são imensamente importantes para mim: a saúde, minha comunidade religiosa e a universidade.

Pois bem, o que não tinha percebido é que já tinha visto, sem me dar conta, as flores de alecrim durante o período de tirocínio, quando pude experienciar o outro lado. Senti logo no primeiro dia que havia um acontecimento diferente e relevante ao entrar na sala de aula e escutar o primeiro “boa noite, professor!”. Ali tinha um jardim inteiro florescendo em mim. Ser reconhecido como professor pelo outro, antes mesmo que eu me reconhecesse como tal, despertou uma mudança interna. Tive contato com uma turma bastante diversa, composta majoritariamente por estudantes mulheres. A imensa maioria também era negra, de idades absolutamente variadas e com histórias de vida muito diferentes. Algumas pessoas, recém-saídas do ensino médio, dividiam a sala com outras pessoas que já passaram por muito mais acontecimentos na vida.

Era uma turma do componente curricular Estudos das Subjetividades. O público era majoritariamente de pessoas do BI em

Humanidades, mas também havia pessoas de outros cursos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Havia pessoas que já tinham passado pelo BI¹ e já tinham seguido para os cursos de progressão linear, notadamente os cursos de Direito e Psicologia. Foi um encontro com a minha identidade perceber que ali havia pessoas com trajetórias de vida muito parecidas com a minha. Vi na sala muitos cotistas. Vi muitas pessoas orgulhosas de ser quem são. Vi muitos jovens já conscientes de si e muitas pessoas mais maduras cheias de dúvidas. E eu, junto com a minha orientadora e uma colega que fazia o pós-doutorado conosco, assumimos o desafio de mediar o conhecimento durante o espaço de um semestre. Acredito ter aprendido muito mais do que ensinei alguma coisa. A troca foi muito boa.

A responsabilidade era muito grande. Lembro que quando resolvi retornar à universidade, pensei em seguir carreira acadêmica. Logo, queria ser pesquisador e docente. Só que não servia qualquer tipo de docente. Queria ser um docente que inspirasse pessoas como eu. Uma das maiores preocupações que tive desde

¹ Desde 2005, o Ministério da Educação autorizou a criação de BIs nas universidades brasileiras. Os BIs são cursos de formação acadêmica estruturados na interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento. Não são profissionalizantes. Servem como uma formação generalista em determinadas áreas do conhecimento, mas que permite o trânsito e o diálogo com outras áreas. Se diferem dos chamados Cursos de Progressão Linear (CPL), que são aqueles que seguem uma progressão curricular linear dentro de uma área específica e geralmente são profissionalizantes. Na UFBA, os BIs foram instalados em 2008, com a criação do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, o IHAC. A UFBA conta com cursos de BI em Humanidades, Artes, Ciência e Tecnologia e Saúde “[...] destinados à formação geral humanística, científica e artística, com currículos flexíveis e articulados, e que possibilitam também o aprofundamento num dado campo do conhecimento”. O QUE são os Bacharelados Interdisciplinares (BIs) e por que eles foram criados? *IHAC*, Salvador, 2010. Disponível em: <https://ihac.ufba.br/pt/2046/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

que tomei essa decisão é de que as pessoas precisavam ver em mim um bom exemplo. Repito diversas vezes que a minha estada na universidade só serve se for para fazer com que os que vêm depois de mim encontrem um caminho mais limpo. Então não pode ser eu a pessoa que causa desconforto ou trauma na trajetória de alguém na universidade. Especialmente porque a universidade é um lugar que deve ser acolhedor e diverso, nunca hostil.

Quando eu falo em hostilidade, me refiro a esse conjunto de estratégias que a universidade brasileira construiu ao longo dos anos para manter um regime de exclusão. Se eu senti falta de professores negros e negras na minha passagem pela graduação, os meus estudantes estavam ali naquela sala de tirocínio vendo uma pessoa como eles em uma posição de autoridade. Então, meu compromisso era tornar a experiência deles, e a minha, a mais proveitosa possível.

Hoje percebo que a minha missão era limpar o caminho, adubar a terra para que, fértil, permitisse o nascimento de novos jardins de alecrim, novas perspectivas e a chance de me reconhecer no outro. O fim da minha prática docente no mestrado me trouxe um período de reflexão extrema sobre os rumos que daria à minha vida. Primeiro porque não escolhi um curso de progressão linear. Geralmente as pessoas que ingressam no BI de Saúde têm em vista algum dos Cursos de Progressão Linear, especialmente o de Medicina. Muitas coisas aconteceram durante esse percurso para que eu tomasse a decisão de seguir direto para o mestrado e não para um curso de graduação convencional. Candomblecista que sou, crente nas encruzilhadas da vida, posso dizer hoje, com precisão, que fui agraciado pela minha ancestralidade com um caminho que me faz feliz.

Como já disse, a vida nos move por caminhos nevoentos e incertos e, apesar disso, não acredito nos acasos. Conto sempre uma história de quando era criança. Eu pensava em ser construtor de barcos. Morava muito perto da praia. Antes de ir para a escola, minha mãe me permitia ir até o mar, tomar um banho, me energizar. Depois, voltava para casa, tomava banho de água doce, comia e ia para a escola. Por vezes, quando eu ia para o mar, cedo pela manhã, eu via um senhor que construía barcos na beira da praia. Aquilo me chamava a atenção. Reparava como ele construía pacientemente cada pedaço do barco. Cada dia o barco estava um pouco mais desenvolvido. Eu ia reparando. Ele usava a plaina, usava serra, usava estopa, martelo, pinos e tarugos, tábuas, lixas. E, de repente, mais um barco estava pronto para a água. Mais um barco pronto para desbravar os humores do mar. Mais famílias teriam ali uma ferramenta de sobrevivência.

Os barcos eram elementos comuns na composição daquele lugar. Mas não me passavam despercebidos. De tanto observar, senti vontade de ver como era construído o barco mais de perto. Senti vontade de construir também. Sentia cheiro de madeira nova. Via o barco sendo construído embaixo de uma lona esticada de um jeito meio rude, apenas para proteger da bravura do sol da praia. O construtor de barcos também percebeu minha curiosidade e disse que eu podia observar. Podia aprender, mas não podia mexer em nada porque ainda era criança e as ferramentas afiadas e perigosas. Todos os dias eu acordava ansioso. Antes mesmo de ir para a escola, queria passar por aquela aula que não era em uma sala, nem era com cadernos e canetas e livros. Queria a prática, o corpo presente, os sentidos aguçados e os olhos atentos. Queria ver como se constrói um barco.

Em um desses dias de muita observação e pouco diálogo – porque “lugar de trabalho não é lugar de conversa”, dizia –, eu falei com ele e disse que eu gostava muito de ver como o barco era construído, porque sabia que cada um daqueles barcos servia para as pessoas irem para o mar. E o mar era nossa referência maior. Mas eu sonhava além. Queria navegar por outros mares. Queria muito ser uma pessoa que ajudasse na cura de outras pessoas. Gostaria muito de ser alguém em quem as pessoas se apoiam e confiam. Disse para ele que minha mãe era professora e eu não gostava de ver como ela voltava esgotada da escola. Que apesar de nunca reclamar, notava sempre que parecia ter acontecido alguma coisa ruim com ela. E disse que esse era um sonho e que esse sonho ia servir para dar um lugar melhor para minha mãe morar com a gente. Serviria para proteger as minhas irmãs e a minha avó. E disse que só por isso não seria professor. Que seria médico ou outra coisa que rendesse dinheiro o suficiente para não passar mais necessidades. O que ele falou, me olhando severamente, então me marcou. Que filho de pobre podia ser, no máximo, construtor de barco.

Nesse ponto é importante dizer que foi frustrante para mim, ainda criança, perceber que aquela pessoa, que era a minha referência, na verdade era uma pessoa amarga. Que aquela figura heroica do construtor de barcos estava apenas em minha cabeça. Que ele não acreditava no meu sonho. Por tabela, não acreditava em mim. Isso me endureceu. Aquelas palavras ficaram guardadas em algum lugar de onde eu não conseguia tirá-las. E, de tanto conviver com elas, de alguma forma passei a acreditar que, de fato, não poderia ser mais do que aquilo que estava determinado para mim. Deveria então ser alguma coisa intermediária que garantisse o meu sustento? Todo mundo se comporta

desse jeito naquele lugar. Todo mundo estava apenas brigando pelo sustento. Não havia espaço para sonhos bobos diante do mar. A imposição era muito pesada. Não tinha espaço para tergiversar. Mas em algum lugar, restava algo de insubmisso, de livre no meu pensamento: não me conformei com o fatalismo e decidi que também não queria construir barcos. Nunca mais voltei para debaixo daquela lona onde os barcos eram construídos.

Trago esse relato do construtor de barcos para ilustrar a ideia que tenho de que o conhecimento pode ser construído a partir de tudo aquilo que nos atravessa. Cada sentimento que foi desenvolvido naquele momento foi importante para que eu pudesse me construir, formar a minha concepção de mundo, mesmo enquanto uma criança. Olhando em retrospecto, sinto que aprendi muito com aquele construtor de barcos. Eu via o processo. Ele separava as melhores peças de madeira, as organizava em grupos, polia e só depois ele construía o produto final que, por fim, nem era mesmo o produto final, porque o barco apenas serviria como instrumento para que os pescadores fossem até o mar buscar o peixe, que garantiria o pão de cada dia.

Essa ilustração, para mim, é bastante adequada para falar sobre a trajetória de construção de conhecimento. Vindo de uma graduação bastante diversificada, interdisciplinar, encarei o desafio de pensar sobre o que eu queria produzir. Precisava pensar que barco eu estava construindo e com que finalidade. Hoje o meu barco é um barco de busca. O meu peixe é a curiosidade. O meu sustento é meu conhecimento. Certamente estou navegando em águas turbulentas, desconhecidas, com muita neblina, mas tenho menos medo de desbravar porque já adquiri experiência e ferramentas boas o suficiente para me auxiliar no caminho. E tenho encontrado outros construtores, outros pescadores,

de outros barcos, com outras bússolas que apontam para direções e jardins diferentes. Percebo que cada pessoa que atravessa a minha trajetória vem desenvolvendo um caminho para a construção do conhecimento e todos eles são legítimos. Os métodos podem ser os mais diversificados possíveis, mas não são menos válidos por isso.

Nós e as coisas em nosso entorno estamos sempre mudando. Afinal, os acontecimentos são parte da construção da nossa vida. Apesar das adversidades, minha embarcação tem sido construída de outras maneiras muito lindas também. Luedji Luna, cantora preta brasileira, diz: “eu sou a minha própria embarcação. Sou minha própria sorte”. Essa compreensão está cada vez mais presente nas experiências que venho adquirindo em toda essa caminhada. Lembro que, ao receber o sinal positivo para a minha participação no Programa Abdias Nascimento², me questionei muitas vezes se tinha mesmo o direito de estar naquele lugar. Tive muito medo de como seria recebido o meu corpo preto, candombecista, carregando uma pesquisa que, entre outras coisas, questiona a hegemonia europeia na produção de conhecimento legítimo. Que tipo de gente eu iria encontrar? Com que tipo de experiência a mais com o racismo eu seria obrigado a lidar? Como seria estar longe da família, do meu terreiro, dos meus amigos, da minha terra? Que tipo de mar o meu barco encontraria pela frente? Não tinha nem noção do que se seguiria. Mas topei o desafio de segurar firme o timão da vida e seguir. Coloquei 23 kg de

² O programa envolve a concessão de bolsas para intercâmbio oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para estudantes brasileiros de mestrado e doutorado, com foco nos estudantes negros, indígenas, quilombolas e outros grupos no escopo das políticas de ação afirmativa.

vida em uma mala e embarquei rumo ao desconhecido. Ora, eu sempre quis isso! Não fui eu mesmo quem desejou outros mares? Não fui eu mesmo a pessoa a determinar que a lona do construtor de barcos à beira-mar não me caberia nunca mais? Então! Levantei a vela e esperei o vento.

O que não esperava era a dureza. Dureza nas pessoas – duras como as pedras e as folhas das camélias do Norte. Não esperava o frio que deprime. Nem das folhas, nem das pedras, nem das pessoas. Na minha primeira ida ao mercado, já no Porto, a atendente falou comigo em inglês. Deduziu automaticamente que eu fosse imigrante pela minha cor. Brinquei. Respondi em francês e ela reclamou que não falava francês. Eu disse que também não falava inglês, que podíamos falar em português porque tanto em Portugal quanto no Brasil, de onde eu venho, falamos o mesmo idioma. Já haviam me alertado para o fato de a língua ser diferente, mas não pensei que eu precisasse falar em inglês no mercado, em Portugal.

De fato, há uma barreira na língua que escancara a diferença cultural. Enquanto o norte de Portugal fala um português quase galego, o português do Brasil recebeu uma influência multiétnica, pluricultural na formação da língua que usamos hoje. A diferença é tanta que os portugueses chamam a nossa língua de “brasileiro”. Sim, eu falo brasileiro. Lélia Gonzalez diria que falo pretuguês. Além disso, carrego orgulhosamente um sotaque forte nordestino que está sempre adornado por minhas contas de devoto de orixá.

Conta-se que o pintor argentino Carybé, muitas vezes confundido com um baiano, ao ser perguntado sobre ter nascido na Bahia, respondia entre solene e triste: “não mereci”. Pois eu mereci! Quiseram as confluências universais que eu nascesse na

Bahia e tenho muito orgulho disso. Só que, até isso, sem estratégia, pode se tornar uma barreira. Estudantes estrangeiros, cujos corpos não podem ser confundidos com os corpos europeus, não tem passabilidade. Ser tratado como exótico é um incômodo para mim. Conto sempre com a inspiração de Oxum, grande orixá feminina das águas doces, para travar minhas batalhas com astúcia.

Sentindo-me “ainda estrangeiro na universidade”, como provoca o título do projeto dentro do Programa Abdias Nascimento que me trouxe para o intercâmbio, precisei combater o racismo das formas mais variadas. Especialmente porque pesquisar as práticas de saúde do candomblé como fundamento epistêmico para a formação em Saúde, em um ambiente tão impermeável à pluriépistemologia, não poderia mesmo ser uma tarefa fácil. As flores de alecrim me deslocaram do deserto para a possibilidade. Lembraram-me que, mesmo nos lugares menos propícios, na terra mais árida e fria, a beleza é possível. Exu, orixá da comunicação, da dinâmica e do movimento, tão injustiçado e demonizado pelo cristianismo, fez, mais uma vez, das suas artimanhas. Exú encruzilhou meus caminhos, me mostrou as flores, me mostrou pessoas e até me levou a um terreiro de candomblé em Portugal! Apesar de tantas diferenças, o vento estava soprando em minha vela. Aprendi que a ancestralidade não pode ser contida e, mesmo quando não percebemos, ela acha um jeito de nos encontrar, abraçar e acolher.

Um aforismo iorubano diz que “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só atirou hoje”. Esse ensinamento serve para dizer que a dinâmica da vida nos atravessa das formas mais diferentes, estranhas até, mas que são possíveis. Sou sim um estrangeiro na universidade. Estou sim pesquisando algo contra-hegemônico no berço do pensamento colonial. Estou sim jogando meu corpo

no mundo e andando por todos cantos, como na canção do poeta Luiz Galvão, eternizada pelos Novos Baianos.

E foi pela “lei natural dos encontros” de Galvão que comemo-rei Nego Bispo na Universidade de Lisboa. Se isso não é confluência, eu não saberia dizer o que é. Por essa lei de confluências e encontros é que pude apresentar minha pesquisa em eventos na Universidade de Coimbra, na Universidade de Toulouse, na Universidade do Porto. Por essa mesma lei é que encontrei pessoas incríveis, navegantes de suas embarcações, timoneiras e timoneiros de seus destinos. Por esses encontros é que minha vida foi ligada à vida de outras pessoas. Todo o meu medo se dissipando como se dissipa o nevoeiro para dar lugar a um belo dia de sol. Aliás, apesar de saber que cada pessoa está vivendo sua própria missão, enfrentar os medos coletivamente é muito mais fácil. Poder dividir as angústias, os medos, os fracassos e as vitórias me garantiu algum nível de saúde mental.

A vida, como o mar, é feita de tempestades e bonanças. Durante a passagem por Lisboa, para o colóquio em homenagem a Nego Bispo, encontrei com pessoas que já estiveram na minha terra, que conheciam o meu mar e o calor da minha aldeia. Havia saído para conhecer um pouco mais da cidade de Lisboa e, em uma bar-raca de lanches, encontrei um ambiente familiar. Uma bandeira de Bob Marley, uma foto de Janis Joplin, Jimmy Hendrix e tocava Jorge Ben, Tim Maia, Caetano, Gil, Tom Zé, Ney Matogrosso, tudo muito tropicalista e muito hippie com algumas permissões à Música Popular Brasileira e à bossa nova também. Conheci a história daquelas pessoas que também se aventuraram no grande mar do mundo e, ali, também encruzilhavam suas vidas com as vidas de tantas outras pessoas que passavam como consumidores de seus lanches ou eram atraídos, como eu, pelo ambiente.

Essa passagem reforçou, para mim, o aspecto de mutabilidade, possibilidades e afetos que esses acontecimentos nos trazem.

Durante o período de adaptação, recebi um grande ato de gentileza. No Mercado do Bolhão, no Porto, uma senhorinha que vende frutas me ofereceu suas pitangas. Disse-lhe que estava com saudade das pitangueiras de minha casa. Há muitas. O sabor da pitanga é um lugar de afeto. Conteí que quando tenho febre, o que me salva é chá de pitanga. Nem Dipirona é tão efetivo. Ela então se ofereceu para me trazer folhas da sua pitangueira e, na semana seguinte, fui até lá buscar um grande maço que me ofertou gratuitamente, com um grande sorriso e com a abertura para voltar e pedir mais se eu precisasse. Ora, paga-se por tudo em Portugal, menos por gentileza. Aquela senhora aqueceu meu coração. O acolhimento no terreiro igualmente. Ser reconhecido como um igual na comunidade, ser bem tratado pela iyalexá e pelos seus filhos de santo me fez sentir como se pudesse, enfim, experimentar o afago da beleza que é estar no mundo, mesmo longe de casa.

De alguma maneira, sinto que meu espírito livre e insubmisso tinha se fechado frente às adversidades e eu não estava apto ainda a perceber o quanto que essa travessia me ofereceria. Talvez seja agora, escrevendo, que esses acontecimentos estejam ressoando de outra maneira e ressignificando em mim. Tudo que havia recebido antes era hostil. Desde a professora que expulsou meus colegas pretos da sala de aula por “não ter sido avisada que haveria outros estudantes” até os questionamentos sobre o caráter supostamente “místico, fantasioso, enviesado e anticiência” da minha pesquisa, tudo foi muito duro. Felizmente esse não é o extrato da minha experiência pessoal, nem coletiva. Recebi muito

acolhimento de pessoas portuguesas e de navegantes brasileiros que já estão há mais tempo nesses mares do Norte.

Por mais anseio do mar da vida que eu tenha, é preciso dizer que a tarefa não é simples e que muitas vezes me peguei questionando se era mesmo bom estar em um lugar onde “não sei se por sorte ou por castigo dei de parar”, mas lembrei, como Gilberto Gil, que essa travessia dura apenas “por algum tempo que, afinal, passou depressa como tudo tem de passar” e, logo meu barco retorna “Back in Bahia”, um tanto mais vivo.

Foi dito sobre Oxalá, orixá mais velho e sábio, que quando ele fosse visitar o filho Xangô, que fizesse oferendas para Exu, para que tivesse uma viagem tranquila. Conta-se então que Oxalá não fez as oferendas e não respeitou as recomendações do babalaô, pessoa responsável pela divinação oracular do povo iorubano. Então Oxalá teve muitas dificuldades no caminho e, por fim, não tendo sido reconhecido pelo povo de Xangô, foi acusado de ter roubado um dos cavalos do rei. Ficou preso por sete anos até que, por fim, descobriram que haviam cometido uma injustiça contra o pai do rei e que, por isso, a fúria de Deus (Olodumare) tinha recaído sobre aquele povo e todo o reino tinha entrado em dificuldades e miséria. Com a justiça reposta, Oxalá é libertado e Xangô se desculpa com seu Pai, fazendo com que todo o seu povo reverenciasse o velho orixá. O reino voltou a prosperar. Antes de partir, também conversei com o oráculo. As recomendações foram feitas e muitos avisos chegaram sobre a estadia longe do meu porto. As dificuldades foram, de certa forma, antecipadas. As dificuldades se apresentaram em maior ou menor grau. A falta de sono, a conseqüente dificuldade em elaborar pensamentos complexos tão necessários à produção acadêmica, os problemas de saúde, as demandas que não param de surgir mesmo longe de casa,

a ansiedade, a síndrome do impostor, tudo se colocou na ordem do dia. Mas o oráculo também previu sucesso ao fim dessa parte da jornada. Como uma pessoa de filiação dupla – à comunidade acadêmica e à comunidade de terreiro –, preciso acreditar, por integridade intelectual e fé, que meu barco está no rumo certo.

Concordo com o rapper Emicida quando diz que “viver é partir, voltar e repartir”. Quero mostrar para outras pessoas que o conhecimento não se faz de uma única forma. Que podemos utilizar nossas ferramentas afiadas sem nos cortar. Que o ambiente acadêmico pode ser uma água muito turva, mas que é possível navegar. Que o alecrim floresce e perfuma no frio do outro lado do Atlântico. Que não precisamos deixar quem nós somos em casa antes de ir para a academia pesquisar. Que a construção do nosso barco é um processo e que devemos respeitar nossas limitações. E que podemos fazer com que esse seja um ciclo virtuoso em que as pessoas que conseguem navegar mais longe possam voltar e auxiliar as pessoas que ficaram na beira da praia. Perceber que é possível, até para filho de gente pobre, se aventurar no mar. Seja o mar do tamanho que for.

CARTAS DO TRANSATLÂNTICO

MEMÓRIAS DE UMA MULHER NEGRA AMAZÔNIDA EM MOBILIDADE ACADÊMICA EM PORTUGAL

Silvia Tavares de Amorim

ANTES DE TUDO, O SER

Meu nome é Silvia Tavares de Amorim. Sou uma mulher negra, lésbica, brasileira. Cresci no bairro do Guamá, uma das mais populosas periferias da cidade de Belém, localizada no estado do Pará. Considero ser importante demarcar os lugares de meu corpo-terra-território porque estes constituem minha subjetividade, mas sobretudo contribuem na confecção das lentes que me permitem ver e perceber o mundo, as formas como me coloco nele, penso as relações/teias que construo coletivamente e, conseqüentemente, as minhas formas de pensar-fazer-ser pesquisa.

Trago comigo as dores e as delícias de ser a primeira da família a ingressar e permanecer na pós-graduação *stricto sensu*. Família esta do interior do estado, majoritariamente negra, pobre, que consolida a sua vida e sobrevivência, predominantemente, em serviços de terraplenagem. Essa atividade é exercida pelos homens de minha família, que operam máquinas e caminhões. Na memória, guardo as tantas vezes que os ouvi se colocando

como os narradores da música “Cidadão”¹, de Zé Ramalho. Hoje, posso compreender o que queriam dizer.

Existe algo interessante nisso. Há décadas cumprindo uma tradição familiar, estas pessoas preparavam os terrenos para os sonhos alheios. Metáforas... Minha mãe, a primeira dos seus irmãos a ingressar num curso superior em uma faculdade, é professora. Acho simbólico isso tudo porque, por meio da educação, ela arrou a terra para que eu pudesse estar onde estou. A educação sempre foi nossa maior aliada nas mobilidades sociais e acessos a lugares antes impensados. Fundamentos...

Minha trajetória pessoal, acadêmica e de ativismo social sempre estiveram conectadas. Integro o Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (Cedenpa), sou enfermeira, mestra em Psicologia, curso doutorado em Saúde Coletiva na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atualmente vivo em Portugal para cursar o doutorado-sanduíche na Universidade do Porto. Desde a graduação, discuto/estudo as relações étnico-raciais no Brasil. Essa mobilidade acadêmica que vivo hoje é fruto da luta histórica dos movimentos sociais negros que construíram as políticas afirmativas de igualdade/equidade racial no Brasil. É nesse cenário que foi criado o Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, o qual integro como bolsista de doutorado. Esse programa fortalece a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação por meio da mobilidade acadêmica e é comprometido com o combate ao racismo institucional, ao focalizar suas

¹ Trechos da música “Cidadão”, de Zé Ramalho, lançada em 1979: “Tá vendo aquele edifício, moço? Ajudei a levantar, foi um tempo de aflição ‘era’ quatro condução, duas ‘pra’ ir, duas ‘pra’ voltar. Hoje depois dele pronto, olho pra cima e fico tonto, mas me vem um cidadão e me diz desconfiado, tu tá aí admirado ou tá querendo roubar?”.

vagas a pessoas autodeclaradas negras, indígenas, quilombolas, população do campo e das águas, dentre outras que compõem o perfil das políticas afirmativas.

O projeto “Ainda estrangeiros na universidade pública: racismo acadêmico e saúde mental entre estudantes cotistas”, contemplado no Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento e desenvolvido pela UFBA e pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), é coordenado pela professora doutora Sônia Sampaio. Nessa edição, viajaram para Portugal 12 pessoas negras, uma negra quilombola e uma asiática, entre mestrandos e doutorandos. Esta foi a primeira vez que vivi uma mobilidade acadêmica internacional.

Creio que existam muitos simbolismos em nossa viagem. A possível reparação às seculares opressões do colonialismo, racismo e xenofobia por meio de muita coisa, a principal delas, eu diria, a nossa presença nas universidades deste país. Atravessamos o oceano para viver na terra dos colonizadores e, nesse gesto, muitas questões emergiram. Algumas delas apresentarei aqui, as demais, nem sempre amenas, mas sempre pedagógicas, ficam para o baú das memórias coloniais (que às vezes a gente rememora e segue, outras só finge que não existiram e segue também, mas sobretudo pega todas e reconstrói as lógicas para nós e nossa comunidade).

Este texto é uma partilha-convite-confluência das histórias que vivi/pensei/idealizei, mas que não são unicamente minhas. Em minhas reflexões empíricas e teóricas, apresento cartas que escrevi a pessoas/lugares, às vezes contando as mesmas histórias, às vezes contando histórias diferentes. Penso que este é um exercício de reflexividade acadêmica, onde um mesmo acontecimento pode ser contado das mais variadas formas, a depender

de quem conta, quando conta, de onde conta e das lentes que utiliza para ver e contar aquele caso.

Em minha mala de viagem trouxe as poucas roupas de frio que tinha, uma plaquinha com os escritos “sonhos não envelhecem”, uns poucos livros, uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré (a padroeira da Amazônia), copaíba, andiroba e uma foto de minha versão aos 2 anos. Embora eu estivesse vestida de princesa, tinha olhos que enfrentavam o mundo. E é o que estou fazendo.

Neste texto, possivelmente publicado depois do meu retorno para o Brasil, uma mulher negra escreve em primeira pessoa. Esta é, portanto, uma escrevivência.

INÍCIOS

Acredito no Tempo que não segue uma linha reta (aqui escrevo em maiúsculo porque Tempo é orixá). Por isso, também escrevo a quem sou agora, mas a quem já fui e a quem serei quando reler este texto.

Nas memórias, a primeira que me vem é o dia do convite para participar do processo seletivo do Programa Abdias Nascimento, que naquela altura sequer conhecia. A convocatória veio depois de uma mesa compartilhada com a querida professora/orientadora/amiga doutora Magali da Silva Almeida e Gustavo Santana, bolsista do projeto que participamos, ela enquanto coordenadora e eu como tutora. O projeto lida com mães e familiares de vítimas de violência letal do Estado, focalizando o racismo e as relações raciais que direcionam as práticas de necropolítica sumariamente direcionadas a jovens negros que residem nas periferias e favelas brasileiras. Naquele dia, falamos de muitos jovens,

muitas mulheres e famílias negras que têm sonhos e vidas interrompidas por uma política de morte e pelo ódio racial.

Depois de tudo isso, a professora me perguntou se eu tinha coragem/vontade de morar fora do país. Lembro do espanto do convite (nós, pessoas negras, sabemos o quanto ainda são escassas essas oportunidades propostas a nós dentro dos contextos acadêmicos ainda tão embranquecidos). Eu só consegui dizer que nunca imaginei e não tinha dinheiro para isso. Ela me tranquilizou dizendo que o governo brasileiro custearia tudo caso eu passasse no processo seletivo. Esse é o poder de uma política pública de reparação histórica. Desejo que elas sigam sendo cumpridas para que mais pessoas negras possam viver, sonhar e realizar sonhos em vida. Vivas!

Primeira carta

Destinatária: Eu mesma.

Silvia, minha mana

Começo a te escrever esta carta do outro lado do Oceano Atlântico, mais especificamente da cadeira de meu quarto-casa-escritório superfaturado, mas que foi minha morada durante os sete meses que vivi na cidade do Porto, em Portugal. Morando neste país, aprendi um bocado de coisas, talvez não te conte todas elas porque rememorar tudo isso, às vezes, me traz nostalgia, sensação de dever cumprido e muita felicidade, mas outras, medos, inseguranças e dores. Tudo tem sido importante e tem o seu lugar.

Vivo em uma residência estudantil, a AMRO Residência, localizada na Rua do Campo Bello, 260, em Paranhos. Nós, no Brasil,

diríamos que Paranhos é um bairro, mas eles chamam de freguesia. Sim, não falamos a mesma língua. Logo soube pelo sotaque e demorei um tempo para compreender o que as pessoas diziam. A sensação antiga de estrangeiras de dentro, lembra?

Chegamos aqui no fim do outono. Pelas ruas da cidade era possível ver aquelas folhas com cinco pontas que vi tantas vezes em filmes na sessão da tarde. A primeira impressão que tive quando conheci a AMRO era de que aqui a freguesia não era negra ou popular, ao contrário. Me perguntei se eu conseguiria custear a moradia aqui com minha bolsa. O lugar é lindo, seguro, tem uma estrutura incrível. Me custou muitos euros, mas também me trouxe a tranquilidade da segurança. Falando nisso, aqui relaxei um pouco quanto a isso e passei a usar o celular com mais frequência na rua, mas não com menos medo pelo fato de ser uma mulher negra brasileira. Sem perceber e por medo do assédio que vivencio desde o primeiro dia que cheguei aqui, fui deixando minhas roupas coloridas de lado, usando meu cabelo solto e cheio com menos frequência, talvez meu inconsciente me dissesse que isso me protegeria. É isso que a sociedade faz com a gente, né? Nos responsabiliza pelo machismo, racismo e xenofobia alheios.

Nem tudo são flores, mas falando nelas, aqui vi coisas muito bonitas. Conheci monumentos e lugares inesquecíveis com arquiteturas impressionantes. Entrei em prédios e palácios e todas as vezes que via salões cobertos de ouro, madeira, minerais e pedras preciosas, lembrava das mãos do genocídio colonial. Impossível não pensar. Aliás, aqui muitas pessoas carregam consigo o orgulho colonial. Ouvi algumas vezes e de diferentes pessoas, dentro e fora da universidade, coisas que considero importante compartilhar: a) se a “família real” portuguesa viveu no Brasil, o nosso país não pode ser considerado uma colônia. Logo, para

algumas pessoas, a colonização não existiu; b) para pessoas que consideravam a existência da colonização, achavam que esta foi um benefício para o nosso país e que nos trouxe “desenvolvimento” – o velho mito do descobrimento do Brasil; c) Portugal não se considera racista, embora pesquisas demonstrem que este é um dos países mais racistas da Europa; d) para o governo português, é uma contravenção ética perguntar sobre a raça/cor/etnia das pessoas entrevistadas em pesquisas científicas. Logo, nem em pesquisas acadêmicas nem no último censo demográfico realizado é possível encontrar essas informações; e) a frase “volte pra sua terra” é uma das mais ditas aqui por pessoas xenofóbicas; e f) pessoas negras portuguesas não são reconhecidas como cidadãs portuguesas e, frequentemente, ouvem a frase que citei anteriormente. Estas pessoas também são vistas como estrangeiras em sua própria terra.

Cheguei aqui sedenta pelo intercâmbio acadêmico. Organizei cronogramas de aulas semanais, desejei participar de muitos eventos acadêmicos, mas conforme pessoas amigas já haviam me orientado, a dinâmica da mobilidade acadêmica não segue a mesma lógica das aulas regulares do doutorado no Brasil. Outra informação que acho legal compartilhar contigo é que sei e senti que nosso país tem avançado muito mais nas pesquisas das relações étnico-raciais. Aqui quase não encontrei isso e, quando encontrei (disciplinas, eventos ou grupos de estudo que abordem a temática), brasileiras(os/es) negras(os/es) ou pessoas negras imigrantes de demais países os integravam, o que ratifica a importância da presença e da representatividade de pessoas não brancas nas universidades.

Já te contei que nosso grupo foi expulso de uma sala de aula assim que chegamos? Pois é, fomos. A professora branca-portuguesa

em questão achou que a sala estava “cheia” demais e que nós não parecíamos ser alunas(os) de sua disciplina. A disciplina era compartilhada com a professora local que nos recebeu; nós éramos as únicas pessoas negras na sala e somos muitos. Para uma professora acadêmica racista como a que nos expulsou, pessoas como nós não se parecem com pesquisadoras(es) que estão no mestrado/doutorado, e pessoas assim acham que realmente ainda podem nos tirar das cadeiras das universidades. Não podem e nem vão!

Depois de todas as implicações emocionais causadas por esse ocorrido, decidimos que não frequentaríamos mais as aulas em respeito a quem somos. Passei a odiar Portugal. Quando o inverno chegou, eu desbotei, literalmente. Fui sentindo minha felicidade ir embora e me perguntei, quase diariamente, o que eu continuava fazendo aqui nesse frio (no que se refere à baixa temperatura e também às formas de ser da maioria das pessoas locais).

Mas é como diz o poeta, “há sempre um lado que pesa e outro lado que flutua” na vida que nunca é uma coisa só. Foi vivendo a cidade e fazendo conexões (presenciais e virtuais) que conheci o Quilombo Porto, um espaço de acolhimento e articulação política de pessoas negras (brasileiras, africanas e portuguesas). A primeira reunião que participei aconteceu na Casa Odara (um espaço importantíssimo de fortalecimento da estética e cultura negra nesta cidade), para um debate em torno do livro² recém-publicado por eles. A coletânea traz as escrituras das pessoas que integram esse quilombo urbano. Ali conheci muita gente querida e foi a primeira vez que me senti em casa neste país. Beatriz

² O título do livro é *Escrituras* e foi publicado de forma independente pelo Quilombo Porto em 2024.

Nascimento estava certa: os quilombos seguem sendo lugares de resistência e acolhimento onde pessoas negras são humanizadas.

Conheci um projeto social, o “Elo”, idealizado pelo Coliseu do Porto, um histórico teatro da cidade. A turma que integrei era composta pelas mais diversas pessoas: pessoas portuguesas com deficiência ou idosas, imigrantes africanos, espanhóis, brasileiros e uma mulher árabe. Foi nas aulas de dança contemporânea que abracei as primeiras pessoas portuguesas. Por meio da arte, pude ressignificar as considerações tão negativas que tinha construído e generalizado sobre os locais. Talvez a partir dali eu tenha começado a considerar que este país seria o meu lar temporário.

Sentir-me assim me deu mais fôlego e me lembrou do meu propósito de estar aqui. Participei de seminários, congressos e aulas importantes. Falei muitas vezes em público (palavras que são de minha autoria ou as de autoria de outras pessoas negras, quilombolas e indígenas). Reivindiquei o lugar político e a urgência de pensarmos a diversidade do corpo acadêmico e seus currículos no contexto brasileiro e português, em busca da construção de pluriversidades. Encontrei pessoas com sonhos afins. O último evento que participei, antes do meu retorno para o Brasil, foi organizado e idealizado por nosso grupo do Abdias e pelo grupo de pesquisa da professora doutora Conceição Nogueira. Um espaço fértil para confluências. O evento aconteceu em uma universidade portuguesa e teve o protagonismo de dezenas de pessoas negras brasileiras. Dentre tantas coisas importantes, destaco a que talvez seja a mais inusitada por estas terras: capoeira dentro da universidade. A proposta era, por meio da gira e do jogo de capoeira, pensar a saúde mental e a produção de ciência. Sim, estamos fazendo revoluções!

Ah, mamãe e Maria vieram me visitar, foi um sonho realizado, mas te conto isso em outras cartas. Por fim, quero dizer que outro dia, tomando uma cervejinha no Parque das Virtudes, encontrei com amigos do Quilombo Porto. Antes mesmo de ver meu rosto, uma pessoa me reconheceu e disse: “eu vi o teu cabelo de longe, sabia que era alguém do Quilombo”. Fiquei reflexiva ouvindo isso porque foi um comentário afetivo, de pertença e reconhecimento. A lembrança de que, com os nossos, em nossos quilombamentos e aldeamentos, a gente se sente pertencente.

Cheguei nessas terras no fim do outono/início do inverno e saio daqui no início da primavera. Talvez mais uma metáfora do que foi viver aqui. Há sempre de florescer, sempre há! Obrigada por quem somos uma para outra.

Abraços de saudade,
Silvia.

Segunda carta

Destinatárias: Às mulheres negras que me antecederam.

Para Ivete Tavares (minha mãe), Maria Tavares (minha avó), Daniele Vasco (professora universitária, eterna orientadora e amiga) e Luzia Gomes (professora universitária e amiga).

Oi, minha gente

Esta foi a carta mais difícil de escrever. Me perguntei o porquê disso. Seria por que senti a vossa presença tão fortemente que achei que não havia novidades para serem ditas? Ou por que perdi o hábito de escrever cartas a quem tem lugar cativo na minha vida?

Vocês têm algo em comum: todas são mulheres negras que me inspiram e que me antecederam (na vida e/ou na experiência acadêmica). Lembrei das primeiras cartas que escrevi e da mulher que me alfabetizou, a minha mãe. Nas cartas que lhe ofereci haviam poeminhas, acrósticos e colagens com minhas figurinhas adesivas mais especiais, o início da prática do que hoje seria meu ofício, quem diria? Obrigada pelos litros de açaí que me destes de presente depois dos resultados dos processos seletivos do mestrado e doutorado. Este último, que deu início a muitas projeções profissionais que jamais imaginei e que literalmente me tirou do Guamá e me trouxe para o mundo. Foi o que você disse emocionada na beira do rio, quando anunciei para a nossa família que viria pra cá, a senhora lembra? “Preta e pobre! Preta e pobre! É possível! Do Guamá pro mundo!”. Lembro disso e meus olhos enchem de lágrimas, minha mãe. Amo e admiro você!

O caminho foi longo, mas tenho aprendido com pessoas com histórias parecidas com as nossas que a vida pode ser muito bonita, próspera e feliz. Que merecemos o melhor sem reticências, por isso foi tão especial te receber aqui junto com Maria, minha irmã, e realizarmos sonhos juntas, conhecendo lugares tão bonitos e com temperaturas tão baixas. Sim, a vida presta! E aqui não cabe nenhum papo de meritocracia porque trabalho duro sempre existiu, mas sem políticas públicas talvez não tivéssemos esses acessos sociais.

Minha vó Cotinha, meu amor, sinto sua falta! Não lembro mais da sua voz ou do som de sua risada, ou se você tinha tempo para nos contar histórias. Tenho tentado recuperar as nossas memórias, sinto que lhe devo isso. Tenho ajudado na construção coletiva de levar para as universidades os saberes de mulheres como você e dizer que isso também é ciência. Lhe enxergo em muitas Marias que tenho conhecido pelos caminhos que a pesquisa me proporciona seguir. Eu atravessei um oceano, vó. Eu tinha medo do igarapé no quintal de sua casa, lembra? Perdi o medo, mas ainda tô aprendendo a nadar. Na lembrança, o único registro fotográfico que temos juntas. Eu ainda era um bebezinho de colo e você me olhava sorrindo. Sigo olhando para o alto, sonhando grande, e sei que você segue me guiando, exatamente como você me olhava naquela foto (dos seus olhos de cuidado, do seu sorriso tímido, da cor negra de sua pele e da sua história eu jamais esquecerei. Te amo!)

Dani Vasco, professora doutora Daniele Vasco, minha orientadora e amiga, você me inspira! Sempre disse isso desde quando te conheci para a coorientação de minha dissertação. Entre tantas coisas, uma das memórias que sempre retorna foi a de uma orientação que tivemos, quase às 21 horas, depois de um longo

dia de trabalho. Nessa época, além do mestrado, eu trabalhava oito horas por dia, lembra? Muitas vezes achei que não conseguiria ou que minha pesquisa não tinha valor ou que a universidade não era o meu lugar. Sempre que eu queria sucumbir, você me encorajava: “bora, mais um pouco, você consegue!”. Quando finalizei esse processo e entreguei minha dissertação, você disse que eu deveria tentar doutorado na Bahia e que eu merecia ser feliz.

Nesses meses aqui, te mandei muitas mensagens de WhatsApp, te atualizei de muitas coisas boas que iam acontecendo, nos emocionamos juntas com as conquistas uma da outra. Lhe pedi ajuda quando a dúvida entre a estabilidade de um emprego que não era o meu desejo ou a permanência em tecer meu sonho acadêmico apareceu. Isso deu em poema, “Linha 703 - sonhos”, tu lembra? Sua existência na universidade permite que muitas outras pessoas como eu acreditem em seus sonhos. Obrigada, minha amiga! Todas as vezes que coisas boas me aconteceram aqui, as quais eu acreditava antes ser do campo do extraordinário e impossível, pensava: “Dani estava certa, a vida pode ser boa e eu mereço ser feliz!”.

Luzia Gomes, professora doutora Luzia Gomes, minha amiga! Nos conhecemos presencialmente em um *show* de seu Mateus Aleluia na cidade de Belém e nos acolhemos ouvindo “Cordeiro de Nanã”, a sua mãe. Lembra? Acho esse encontro simbólico. Desde então fomos sabendo quantas pessoas e estudos tínhamos em comum, as semelhanças de nossas histórias de vida e sonhos. Você me inspira! Obrigada por todos os acolhimentos e orientações, por sua preocupação quando as coisas desandaram, por me sugerir professoras negras que estavam lecionando em Lisboa, me indicar leituras, partilhar sobre possibilidades, obrigada! Nossas conversas *on-line* me foram acolhimento tantas vezes, nem sei se

você dimensiona o quanto. Já te disse um bocado nestes meses, mas para te atualizar, uma última novidade: viajei por muitos lugares nesta terra, como sugeristes. Fui por onde nem imaginei um dia poder estar. Sua coragem e sua poesia fazem da universidade um outro lugar porque nos ensina sobre pertencimento, felicidade e sobre beleza das coisas.

Minha avó não conheceu o ensino formal de educação, na verdade nem tenho certeza se foi alfabetizada. Minha mãe foi a primeira de sua família a cursar uma faculdade, eu sou a primeira a cursar mestrado e doutorado, Dani Vasco e Luzia Gomes são professoras de universidades públicas federais, suponho que também as primeiras de suas famílias em algum aspecto. Não sei se a universidade é o único lugar de emancipação de nosso povo, suponho que não. Nem todos(as/es) temos os mesmos sonhos. E também penso que as lutas e os sonhos se constroem nos mais variados lugares – institucionalizados ou não. Nestas cartas, em nossas escrituras, quis compartilhar minhas percepções e caminhadas, refletindo as relações raciais e lembrando que, na coletividade e na ancestralidade, a gente pode alcançar o bem-viver e gerar fissuras nesse sistema colonial. Eu sou porque todas vocês são, obrigada!

Abraços do outro lado do Atlântico,
Sílvia.

ENTRE DADOS E VIDAS

A JORNADA DE UM ESTATÍSTICO NEGRO NA SAÚDE COLETIVA

Jessidenes Teixeira de Freitas Mendes Leal

INTRODUÇÃO

No dia 5 de julho, sob o céu cinzento de Salvador, capital do estado da Bahia, na histórica e já descontinuada maternidade da Cruz Vermelha, na pitoresca Cidade Baixa, eu vim ao mundo. Naquela mesma tarde, os médicos de plantão, assim como milhares de brasileiros, estavam com os olhos voltados para o outro lado do planeta, onde o Brasil enfrentava a Itália, na Espanha, em um dos jogos mais emblemáticos da Copa do Mundo de 1982. Comandados por Telê Santana, a seleção brasileira, composta por talentos excepcionais como Leandro, Júnior e Zico do Flamengo, Sócrates do Corinthians, Falcão da Roma, Cerezo e Éder Aleixo do Atlético Mineiro, tinha recém-derrotado a Argentina por 3 a 1. Naquele dia, precisavam apenas de um empate para avançar para a semifinal. Porém, contra todas as expectativas, a Itália, liderada por Paolo Rossi, que marcou três vezes, selou o destino do Brasil e seguiu para conquistar seu terceiro título mundial após 44 anos de espera.

Nesse contexto de emoção e expectativa, eu chegava ao mundo, em um parto normal que quase custou a vida de minha mãe, inaugurando minha jornada em um momento tão monumental do esporte nacional. Mal sabia eu que, naquele instante, se iniciava também uma conexão inesperada entre minha história no Brasil e o continente europeu que, décadas depois, eu viria a conhecer pessoalmente por meio do projeto Abdias Nascimento.

Sou um homem pardo e, de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), isso me coloca dentro da população negra. Nasci em uma família simples, cercado pelo afeto e pela resiliência de meus pais, Maria da Conceição Teixeira de Freitas e Jessé Gomes de Freitas. Minha mãe, empregada doméstica, lavava roupa de ganho para complementar a renda da casa e meu pai, marceneiro, construía sonhos em madeira enquanto sustentava nossa família. Foi por meio do esforço deles que enxerguei, desde cedo, o valor da educação e da persistência.

O caminho até a universidade não foi simples. Meu ingresso no ensino superior só foi possível graças ao sacrifício materno, que converteu horas de trabalho exaustivo na lavagem de roupas em mensalidades do cursinho pré-vestibular. Meu pai, por sua vez, garantiu que eu tivesse o essencial: comida na mesa e um teto seguro. Para tornar isso viável, adquiri uma bicicleta com o dinheiro que ganhava dando aulas de Matemática em um reforço escolar no bairro. Todos os dias saía da escola, onde fazia o terceiro ano, comia rápido, ia dar aula de Matemática, voltava, pegava a roupa de ganho para levar e, na volta, ia para o cursinho pré-vestibular. Deixava as roupas lavadas por minha mãe na casa dos clientes e seguia para o cursinho. Nos momentos livres, auxiliava meu pai na carpintaria sempre que possível, aprendendo

com ele não apenas sobre o trabalho com a madeira, mas sobre a dignidade do esforço e o valor da dedicação.

Aprovado para o curso de Estatística na Universidade Federal da Bahia (UFBA), percebi que meu caminho com os números ia muito além dos cálculos e algoritmos. Minha trajetória acadêmica se consolidou a partir de uma interseção formidável: a Estatística e a Saúde Coletiva. Não tardou para que eu compreendesse que os dados que estudava não eram meras abstrações matemáticas; eram reflexos de vidas, de desigualdades, de histórias silenciadas. Foi nesse contexto que comecei a pesquisar sobre a qualidade dos dados em saúde e, mais tarde, a epidemiologia da doença falciforme, condição que afeta majoritariamente a população negra e que, por muito tempo, permaneceu invisibilizada no Brasil.

A construção da minha identidade como pesquisador foi atravessada por influências diversas. Da lógica matemática de Gauss e Newton às reflexões sobre a sociedade de Karl Marx, Weber e Durkheim, cada referência me ajudou a moldar um olhar crítico e analítico. No campo da Saúde Coletiva, mestres e mestras, como doutora Clarice Mota, doutor Júlio César Leal, doutora Joilda Neri, doutor Eduardo Mota, doutor Jairnilson Paim, doutor Namomar de Almeida Filho e doutor Maurício Barreto, foram fundamentais para consolidar minha compreensão do Sistema Único de Saúde (SUS) e de suas potencialidades e desafios. Fora da academia, as palavras de Martin Luther King Jr., Nelson Mandela, Milton Santos, Barack Obama e Silvio de Almeida ecoaram como um lembrete constante da responsabilidade social da ciência e da necessidade de atuar para reduzir desigualdades estruturais.

Hoje me encontro na Europa, realizando um doutorado-sanduíche na Universidade do Porto a partir do projeto Abdias

Nascimento, uma iniciativa que visa ampliar as oportunidades acadêmicas para pesquisadores negros e outros grupos menos favorecidos conforme política de ação afirmativa. Essa experiência internacional representa não apenas um salto na minha carreira acadêmica, mas um símbolo da força das políticas públicas de inclusão. Dado o contexto de toda a minha condição social, foi apenas em 2025, por meio desse projeto, que finalmente conheci a Europa, continente, que sem que eu soubesse já estava de alguma forma presente na minha história desde o dia do meu nascimento.

Este ensaio autobiográfico é mais do que um relato pessoal. É um testemunho sobre como a educação transforma vidas e como a interseção entre dados e histórias humanas pode impactar a saúde pública. Aqui, compartilho a jornada de um estatístico negro que encontrou, nos números, um caminho para lutar por equidade e visibilidade na ciência e na sociedade.

A DESCOBERTA DA DOENÇA FALCIFORME E DA QUALIDADE DOS DADOS NA SAÚDE COLETIVA

Minha trajetória na Estatística tomou um rumo inesperado quando comecei a trabalhar na Secretaria de Saúde de Salvador. Meu envolvimento inicial com a análise de dados epidemiológicos me fez perceber que os números iam muito além das planilhas e modelos matemáticos: eles representavam histórias, desigualdades e desafios reais na saúde da população.

Foi nesse contexto que tive o primeiro contato com a doença falciforme. Ao analisar os dados, percebi a deficiência na qualidade das informações e o impacto que isso tinha no atendimento

aos pacientes. A invisibilidade estatística dessa doença refletia um problema mais amplo: a ausência de políticas públicas efetivas para uma condição que atinge predominantemente a população negra. Isso me levou a direcionar minhas pesquisas para compreender melhor a qualidade dos dados e como sua melhoria poderia contribuir para transformar a assistência em saúde e a continuidade do cuidado.

Minha formação acadêmica e profissional passou a se pautar por esse compromisso. Inspirado pela equipe de professores e pesquisadores do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA) e muitos outros mestres, compreendi que a Saúde Coletiva precisava de um olhar que transcendesse os cálculos: era necessário entender o impacto social e histórico das políticas de saúde.

Esse entendimento foi sendo forjado ao longo do tempo, desde os primeiros passos na pós-graduação em Docência e Pesquisa do Ensino Superior, iniciada em 2011, na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), em Cachoeira. Apesar da distância e das longas jornadas de estudo aos domingos, essa formação fortaleceu meu compromisso com o ensino e abriu portas para experiências importantes na docência superior, em Salvador e região metropolitana. O trabalho de conclusão desse curso refletiu meu interesse pela interface entre educação e tecnologia, ao abordar o uso de recursos tecnológicos por docentes do ensino superior para otimizar o processo de aprendizagem.

Posteriormente, em 2014, decidi aprofundar meus conhecimentos em Saúde Pública ao cursar uma pós-graduação na área, com o objetivo não apenas de ampliar minha formação, mas de me preparar adequadamente para a seleção do mestrado no ISC/UFBA. Foi nesse período que produzi o trabalho “Qualidade das

informações em Saúde”, analisando a completude dos dados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), o que reforçou meu interesse e sensibilidade ao tema da qualidade dos dados em Saúde Pública.

Esse envolvimento culminou no meu mestrado, um período que coincidiu com um momento transformador da minha vida pessoal: o nascimento do meu filho, Lucca Leal, fruto do meu casamento com Sabrina Freitas. Quando iniciei o mestrado em Saúde Coletiva, ele estava prestes a completar 2 anos. Essa nova responsabilidade trouxe ainda mais significado ao meu compromisso com a pesquisa e com a melhoria da qualidade dos dados em Saúde, pois compreendi, de maneira ainda mais profunda, a importância de um sistema de saúde eficiente e equitativo. Durante essa fase, desenvolvi uma pesquisa focada na qualidade dos dados de morbidade e mortalidade por doença falciforme. O estudo revelou deficiências significativas no registro dos dados, reforçando a necessidade de intervenções para aprimorar a vigilância epidemiológica. Meu trabalho não era apenas sobre Estatística; era sobre garantir que vidas negras fossem contabilizadas, cuidadas e valorizadas dentro do sistema de saúde pública.

A partir desse momento, ficou claro que meu percurso na Estatística e na Saúde Coletiva seria inseparável da luta por equidade. Minha missão acadêmica passou a ser garantir que os dados não fossem apenas números, mas instrumentos de transformação social.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E A LUTA POR EQUIDADE NA SAÚDE COLETIVA

Minha trajetória acadêmica e profissional me levou a perceber que a tecnologia e a inovação desempenham um papel central na construção de um sistema de saúde mais equitativo. Pensando assim, comecei a estabelecer parcerias com pesquisadores e técnicos que, assim como eu, acreditam que o SUS é uma excelente solução para termos uma população saudável e amparada de forma gratuita e universal.

Juntamente com pessoas estratégicas da Sala de Situação em Saúde (SDSS) de Salvador, da Diretoria de Vigilância da Saúde de Salvador e da Universidade de São Paulo (USP), apresentei, pessoalmente, dois trabalhos na cidade do Cabo, África do Sul, que evidenciam como essas tecnologias podem contribuir para a redução das desigualdades na Saúde Pública. O primeiro estudo focou no impacto da vacina contra o HPV na mortalidade por câncer de colo de útero em mulheres no Brasil, aplicando uma análise de série temporal interrompida para verificar os efeitos da vacina, comparando os estados de São Paulo e Bahia. O segundo estudo utilizou algoritmos de *machine learning*¹ para desenvolver e comparar modelos de aprendizado de máquina capazes de prever o risco de hospitalizações devido à doença falciforme e avaliar o impacto do uso da Hidroxiureia² na redução desses desfechos,

¹ O aprendizado de máquina é um campo da inteligência artificial que se concentra em ensinar máquinas a aprender a partir de dados, permitindo que elas tomem decisões sem serem programadas explicitamente para cada tarefa específica. Esse campo é a interseção da Ciência da Computação e da Estatística e é fundamental para o desenvolvimento de sistemas inteligentes (Janiesch *et al.*, 2021).

² A Hidroxiureia é um composto orgânico simples amplamente utilizado na Medicina, principalmente como um agente quimioterápico e no tratamento de

utilizando dados de atendimento ambulatoriais da Bahia. Essa experiência no evento ampliou minha visão sobre as diferenças intercontinentais entre Brasil e África e reforçou a importância de estudos baseados em dados para fundamentar políticas públicas de saúde.

Meu doutorado teve início imediatamente após a conclusão do mestrado, sob orientação da professora doutora Clarice Mota e coorientação da professora doutora Joilda Nery. Com um objetivo tão nobre quanto necessário, busquei atualizar os dados de prevalência da doença falciforme no estado da Bahia, visto que a última estimativa científica disponível datava de 2007. A defasagem dessas informações é, em si, um reflexo do racismo institucional que silencia e marginaliza populações negras ao negligenciar agravos que as afetam majoritariamente. A proposta da tese, portanto, não é apenas técnica ou estatística: é uma intervenção ética, política e social, que visa enfrentar a invisibilidade de uma condição que ceifa vidas e escancara desigualdades históricas.

Durante meu doutorado, tenho aprofundado meus estudos em saúde digital, educação digital, inteligência artificial e qualidade dos dados, sempre com a perspectiva de que a tecnologia deve servir para reduzir desigualdades, e não as ampliar. Um dos marcos dessa fase foi a publicação de um artigo³ científico em co-autoria com pesquisadores do ISC/UFBA, na *The Lancet Regional*

doenças hematológicas, como é o caso da doença falciforme. Ela atua inibindo a enzima ribonucleotídeo redutase, o que impede a síntese do DNA e afeta a fase S do ciclo celular, resultando em morte celular ou sincronização celular (McGann; Ware, 2015).

³ Indicadores de saúde materna e perinatal no Brasil ao longo de uma década: avaliando o impacto da pandemia de Covid-19 e da vacinação contra SARS-CoV-2 por meio de análise de séries temporais interrompidas (Carvalho-Sauer *et al.*, 2024).

Health – Americas, uma das revistas científicas mais respeitadas do mundo. A experiência reafirmou o potencial transformador das redes de colaboração e evidenciou como a ciência comprometida com a equidade em saúde pode alcançar espaços de alta visibilidade internacional.

Como atualmente ainda estou desenvolvendo minha tese e aprofundando os estudos no doutorado-sanduíche, também venho expandindo meus conhecimentos sobre a epidemiologia da doença falciforme, especialmente no que se refere à sua prevalência na Bahia. Esse estado, reconhecido como o mais negro do Brasil, tem Salvador como a capital mais negra do mundo fora da África. Esse contexto tem reforçado ainda mais a importância da aplicação de tecnologias avançadas para reduzir iniquidades em Saúde e garantir que populações historicamente negligenciadas tenham acesso a cuidados de qualidade.

Paralelamente, minha atuação profissional na SDSS da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador (SMS) e na Subcoordenação de Informações em Saúde (SUIS) da Diretoria de Vigilância da Saúde de Salvador se consolidava como um espaço estratégico para a inovação em saúde pública. O Banco Mundial reconheceu o impacto desse trabalho e realizou uma entrevista comigo para discutir como as tecnologias desenvolvidas na Sala têm contribuído para o avanço da saúde pública no município de Salvador⁴. A produção de painéis de Business Intelligence (BI) sobre a qualidade dos dados em saúde, assim como painéis sobre a prevalência da doença falciforme e muitos outros foram produzidos por uma equipe multiprofissional que integra minha visão de

⁴ Ver em: <https://www.worldbank.org/pt/news/feature/2024/06/13/advancing-digital-transformation-in-salvador-brazil-public-health-sector>.

estatístico e sanitário. Essa experiência me permitiu difundir o trabalho realizado pela equipe, colaborando com especialistas de diversas áreas e ampliando minha visão sobre a interseção entre Estatística, Epidemiologia e Governança de Dados em Saúde.

Na interseção entre Estatística, Epidemiologia e Saúde Digital, compreendi que a qualidade dos dados não é apenas uma questão técnica, mas também uma questão política. Dados inconsistentes ou mal estruturados podem perpetuar a exclusão de populações vulneráveis, enquanto dados bem organizados podem direcionar políticas públicas eficientes e promover justiça social. Inspirado por autores como Thomas H. Davenport, Naomar de Almeida Filho, Eduardo Mota e Ilara de Moraes, passei a explorar como o gerenciamento de dados pode ser um instrumento de transformação dentro do SUS.

A inteligência artificial e a modelagem estatística se tornaram ferramentas essenciais no meu trabalho, permitindo que padrões antes invisíveis nos dados epidemiológicos fossem identificados. Também tive uma passagem significativa pelo Projeto Vida no Trânsito, em Salvador, onde participei ativamente do Comitê Gestor Vida no Trânsito, assim como no grupo de análises de dados, e contribuí com tecnologias para realizar *linkages*⁵ entre bases de dados, auxiliando nas decisões que levaram à redução das mortes no trânsito da cidade. Esse esforço culminou no reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU), que premiou Salvador⁶ por suas iniciativas bem-sucedidas na redução da mortalidade no trânsito.

⁵ Ver em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/faq/o-que-significa-dados-vinculados-linkage/>.

⁶ Ver em: <https://www.paho.org/pt/historias/salvador-capital-brasileira-que-reduziu-em-mais-50-mortes-no-transito>; <https://atarde.com.br/bahia/>

Além dessas experiências, fui voluntário, por dois anos, como professor de Matemática no projeto Quilombo Ilha, na Ilha de Itaparica, Bahia, com o objetivo de preparar jovens negros de baixa renda para o ingresso no ensino superior. Logo em seguida, atuei como professor universitário na Universidade Maurício de Nassau por seis anos, lecionando disciplinas como Engenharia de Software e Qualidade de Software no curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Durante esse período, recebi um prêmio de honra ao mérito em docência, aprofundando meus conhecimentos e contribuindo para a formação de novos profissionais da área. Minha trajetória também incluiu um período no Tribunal Regional Eleitoral da Bahia, onde integrei o grupo de pesquisas judiciárias, produzi e supervisionei um elenco de painéis de BI⁷ sobre os dados do eleitorado da Bahia no Brasil e participei da publicação de um artigo⁸ sobre a qualidade dos dados produzidos na Justiça Eleitoral, reforçando a importância da governança de dados para a tomada de decisão no setor público.

Essa jornada me fez compreender que, por mais que a produção de dados em diversas áreas seja muito importante, ser estatístico na Saúde Coletiva é atuar não apenas com números, mas com vidas. E, nesse sentido, minha trajetória seria direcionada para contribuições que possam melhorar a vida e a saúde das

bahiasalvador/salvador-bate-meta-da-onu-e-reduz-mortes-em-acidentes-de-transito-1103283?_amp; https://www.portaldotransito.com.br/noticias/onu-premia-brasil-por-aco-es-no-transito-o-que-isso-significa-2/.

⁷ Ver em: <https://learn.microsoft.com/pt-pt/power-bi/fundamentals/power-bi-overview>.

⁸ Ver em: <https://www.tre-ba.jus.br/institucional/grupo-de-pesquisas-judiciarias/arquivos/tre-ba-qualidade-dos-dados-judiciais-artigo-cientifico/@@download/file/TRE-BA-gpj-artigo-cientifico-fatores-determinantes-qualidade-dados-judiciais.pdf>.

pessoas. Nesse caminho, também encontrei na música um espaço de expressão, saúde e fé. Desde 2001, integrei o grupo vocal *a capela* Prophecy, um conjunto masculino formado por oito vozes, com o qual atuei até 2024, quando o grupo infelizmente foi descontinuado. Foram mais de duas décadas de vivências intensas, aprendizado musical e aprofundamento espiritual como adventista do sétimo dia. Acreditamos, assim como Isaac Newton e o rei Salomão, na possibilidade de uma nova vida após a morte, assim como num novo projeto de vida onde não haveria mais choro, dor ou sofrimento e essa fé era expressa nas músicas que interpretávamos.

A atuação no Prophecy também me proporcionou reflexões importantes sobre minha visão científica. Durante a graduação, fui bastante influenciado pelo pensamento positivista de August Comte, que vê a ciência como via única de explicação dos fenômenos. Mas ao vivenciar ações sociais por meio do projeto “Evangélico”, do grupo Prophecy (Evangp) – com visitas mensais a hospitais, asilos, abrigos e centros de reabilitação, levando alimentos, roupas, fraldas e, sobretudo, conforto em forma de canto –, fui me aproximando da concepção de Max Weber, segundo a qual a visão de mundo do pesquisador influencia a análise dos fenômenos sociais.

Essa vivência também ressoava com a ideia de ação social, distinta do funcionalismo de Émile Durkheim, permitindo-me afirmar que tanto minha atuação técnica quanto artística sempre caminhou de mãos dadas com valores éticos e humanos. Cada tabela analisada e cada modelo desenvolvido devem servir para reduzir as desigualdades no acesso e na qualidade do cuidado em saúde. O compromisso com a equidade segue sendo o eixo que norteia minha atuação profissional e acadêmica.

CONCLUSÃO: IDENTIDADE, TRAVESSIA E FUTURO

Não é simples falar sobre quem somos sem cair na armadilha de listar apenas o que fazemos. Esta reflexão ressoa profundamente comigo. Mais do que estatístico, pesquisador ou docente, sou Jes-sidenes Teixeira de Freitas Mendes Leal. Tenho fé em Deus, sou apaixonado pela vida, mas acredito na esperança de uma nova existência após a morte. Amo e priorizo minha família, considero-me observador e procuro respeitar e me conectar com pessoas, mesmo quando não compartilham da minha fé. Gosto de renovar meus pensamentos com novos saberes, transformando continuamente meu modo de pensar, sem abandonar os fundamentos em que acredito.

Ao longo da vida, aprendi que a identidade é aquilo que modulamos em meio ao mundo que nos atravessa. A convivência com diferentes realidades – da carpintaria de meu pai ao rigor científico da Saúde Coletiva – me ensinou a perceber que a subjetividade não se opõe à ciência, mas a complementa. “Conhece-te a ti mesmo”, dizia Sócrates; e foi nesse exercício constante de autoconhecimento que percebi que só posso falar dos outros com responsabilidade quando me permito mergulhar em mim.

A experiência de viver na Europa, proporcionada pelo doutorado-sanduíche por meio do Projeto Abdias Nascimento, tem sido a concretização de uma travessia intelectual, espiritual e humana. Ao alugar residências na cidade do Porto – foram três no total, cada uma em momentos distintos –, conheci pessoas de diferentes países, histórias e culturas. Essas mudanças foram necessárias para que eu pudesse administrar, com cuidado e dignidade, a vinda temporária de minha esposa e filho a Portugal durante parte da minha experiência de doutorado-sanduíche.

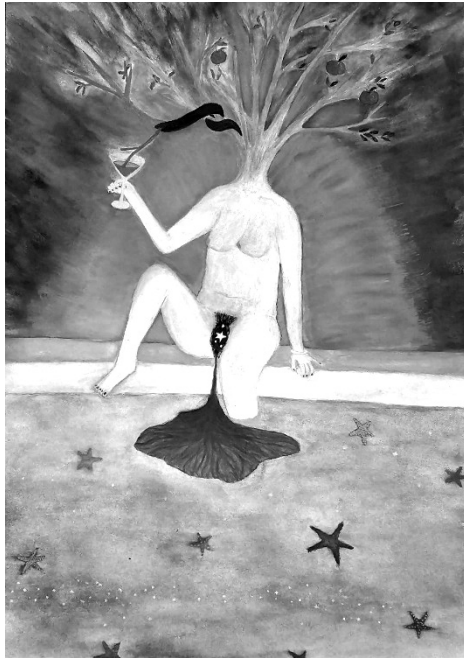
Compartilhei mesa com italianos, conversas com etíopes, ruas com espanhóis e janelas com dinamarqueses, colombianos, trechos, porto-riquenhos, franceses e muitos portugueses. Essa convivência expandiu minha percepção sobre o mundo e reforçou o valor do diálogo intercultural. Fiquei especialmente impressionado com o poder de compra na Europa comparado ao Brasil – uma constatação que, por si só, já revela desigualdades estruturais globais. O domínio do inglês tornou-se mais do que uma necessidade acadêmica: tornou-se um passaporte para a conexão com o mundo. Mais do que nunca, compreendi que a segurança, o acesso a bens culturais, a liberdade de circular e a confiança nas instituições públicas são privilégios que não deveriam ser privilégios.

Foi em uma dessas residências arrendadas que conheci Alba Luna, uma artista dinamarquesa que me apresentou uma pintura magnífica, com a tinta ainda fresca que tinha acabado de ser pintada no jardim da residência à luz do lindo sol daquele dia. A obra, que ela mesma criou, traz, sob a minha percepção, uma releitura sensível do pecado original a partir do empoderamento feminino. A beleza e a qualidade da obra me tocaram profundamente, e não pude deixar de associá-la ao rigor e à beleza que busco em meu campo de estudo: a qualidade dos dados em Saúde.

Assim como uma obra de arte comunica algo maior do que a si mesma, um dado de qualidade nos permite acessar histórias, desigualdades e possibilidades de mudança. Alba Luna autorizou trazer para este texto sua obra com uma mensagem inspiradora: *“I am glad my art made you reflect. That is my main reason why I make it. To reflect on our relationship with life and how we connect with both spirituality, power and our bodies. Here is the final piece which you are allowed to use in your paper”* (“Fico feliz que minha arte tenha

feito você refletir. Essa é a principal razão pela qual a faço. Para refletir sobre nossa relação com a vida e como nos conectamos com a espiritualidade, o poder e nossos corpos. Aqui está a peça final que você tem permissão para usar em seu artigo”).

FIGURA 1 | Beleza original



Fonte: Obra de Alba Luna Gro (2025) - Porto, Portugal⁹.

Falando sobre arte, outro momento marcante dessa jornada foi visitar o Louvre, na França, o maior museu do mundo. Percorrer

⁹ Instagram: @albalunart.

suas galerias foi mais que um passeio: foi uma aula sensível sobre a construção simbólica da humanidade. A grandiosidade das esculturas greco-romanas, o mistério da *Mona Lisa* (esperava um quadro bem maior), a luz que atravessa as pinturas renascentistas, tudo isso me fez lembrar da frase de Isaac Newton: “Se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”¹⁰. Popularizada por Newton em carta a Robert Hooke em 1676, retoma uma metáfora medieval atribuída a Bernardo de Chartres e registrada por João de Salisbury no século XII, ao relatar os ensinamentos do filósofo em seu *Metalogicon* (Salisbury, 1955, p. 167). O Louvre me fez perceber que a ciência e a arte caminham lado a lado – ambas são construções humanas que buscam sentido, beleza e verdade.

Essas experiências não aconteceram por acaso. Elas foram resultado de uma política afirmativa, de um projeto pensado para permitir que jovens negros, como eu, pudessem ocupar espaços de prestígio intelectual e internacional. O Projeto Abdias Nascimento, que me possibilitou estar hoje na Universidade do Porto, não é apenas uma bolsa acadêmica: é uma reparação simbólica, um reconhecimento histórico de que precisamos reequilibrar as balanças do acesso ao conhecimento. Como escreveu Abdias em sua proposta de projeto político:

O Estado Quilombista Nacional é um estado livre, justo, igualitário e soberano. O igualitarismo democrático quilombista

¹⁰ SALISBURY, J. of. *The Metalogicon of John of Salisbury*: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the trivium. Tradução: Daniel D. McGarry. Berkeley: University of California Press, 1955. Disponível em: <https://archive.org/details/themetalogiconofjohnofsalisbury/page/167/mode/2up>. Acesso em: 20 jul. 2025.

se estende aos fatores de raça, economia, sexo, sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura e todas as expressões da vida na sociedade. O mesmo igualitarismo se aplica a todos os níveis de poder e de instituições públicas e privadas (Nascimento, 1980).

Escrever este capítulo de dentro de uma universidade europeia, como sujeito negro atravessado por uma história de lutas e exclusões, é uma forma concreta de afirmar que existimos, resistimos e produzimos ciência com qualidade – comprometida com justiça, memória e transformação social.

Abdias Nascimento denuncia ainda em sua obra a chamada “democracia racial” no Brasil, como uma “monstruosa máquina ironicamente designada ‘democracia racial’ que só concede aos negros um único ‘privilegio’: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora” (Nascimento, 2016, p. 84). Essa denúncia dialoga com minha trajetória de superação em espaços que historicamente invisibilizaram corpos e vozes negras. Hoje, ocupar esses espaços é um ato político, espiritual e coletivo, que carrega o peso das ausências do passado e a responsabilidade de abrir caminhos para o futuro.

E, de fato, por muitas vezes questioneei se havia lugar para mim na academia, na ciência, nas esferas de decisão. Mas hoje sei que minha presença nesses espaços é um ato de justiça, de fé e de continuidade da luta que ele e tantos outros iniciaram. Ao olhar para trás, vejo que minha trajetória foi tecida por encontros: com minha família, com a fé, com a docência, com a estatística, com a música, com as dores da população negra e com os desafios da saúde pública. Cada dado que analisei, cada aula que ministrei, cada música que cantei, cada paciente invisibilizado por

um sistema precário de dados me trouxe até aqui. Como escreveu o rei Salomão em Provérbios 4:7: “Procure obter sabedoria; use tudo o que você possui para adquirir entendimento” (Bíblia, 2003). Esse provérbio, que me acompanha desde a infância, hoje ecoa com ainda mais sentido.

Olhar para frente é reconhecer que o caminho ainda é longo. Mas hoje, mais maduro, mais consciente e mais conectado com o mundo, sigo disposto a usar meu conhecimento e minhas vivências para construir pontes entre dados e vidas – porque, no fim das contas, é disso que se trata minha caminhada: tornar visível o invisível, dar sentido ao que é negligenciado, transformar números em narrativas e estatísticas em justiça. Como nos ensinou Max Weber, toda ciência parte de uma escolha de valores. E minha escolha é clara: a ciência que produzo deve servir para libertar, incluir e cuidar. Esse é o meu compromisso. E essa, é a minha jornada.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Tradução direta dos originais em grego, aramaico e hebraico. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- CARVALHO-SAUER, R. *et al.* Maternal and perinatal health indicators in Brazil over a decade: assessing the impact of the COVID-19 pandemic and SARS-CoV-2 vaccination through interrupted time series analysis. *The Lancet Regional Health: Americas*, London, v. 35, p. 1-9, 100774, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2024.100774>. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(24\)00101-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(24)00101-7/fulltext). Acesso em: 30 mar. 2025.
- JANIESCH, C.; ZSCHECH, P.; HEINRICH, K. Machine learning and deep learning. *Electronic Markets*, v. 31, n. 3, p. 685-695, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12525-021-00475-2>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12525-021-00475-2>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- MCGANN, P. T.; WARE, R. E. Hydroxyurea therapy for sickle cell anemia. *Expert Opinion on Drug Safety*, v. 14, n. 11, p. 1749-1758, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1517/14740338.2015.1088827>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1517/14740338.2015.1088827>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- NASCIMENTO, A. do. *O genocídio do negro no Brasil: processos de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NACIMENTO, A. do. Quilombismo: An Afro-Brazilian Political Alternative. *Journal of Black Studies*, v. 11, n. 2, p. 141-178, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2784225>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MATERNIDADE E RESISTÊNCIA

ESCREVIVÊNCIAS DE UMA MULHER NEGRA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Jaqueline Almeida de Jesus Brito

Sou Jaqueline Almeida, mulher negra, oriunda da periferia de Salvador, mãe, assistente social, esposa, filha e cuidadora de todos e todas que dividem a caminhada da vida comigo. Minha trajetória acadêmica e profissional tem se pautado nos estudos das violências contra as mulheres, temática que se impôs de forma mais sistemática durante o Estágio Supervisionado em Serviço Social, em 2015. A partir desse momento, iniciei um processo de desconstrução de percepções baseadas no senso comum e mergulhei em uma investigação teórica para compreender as múltiplas dimensões que envolvem essa questão social.

Desde a infância, fui confrontada com a desigualdade de gênero, observando, nos contextos familiares e comunitários, a atribuição de papéis subordinados às mulheres. Violências físicas, psicológicas, verbais e simbólicas eram práticas naturalizadas, comumente atribuídas às próprias mulheres como responsabilidade delas. Ainda criança, lembro de ouvir conversas entre mulheres que relatavam agressões de seus companheiros, normalizando situações de violência e sofrimento cotidiano.

A percepção da injustiça que atravessava a vida das mulheres ao meu redor despertou em mim um desejo precoce de

transformação. Mesmo sem ferramentas teóricas à época, intuía que esse tipo de violência era reflexo de fatores estruturais, que iam muito além da dependência econômica, ainda que esta fosse um elemento relevante.

Além dessas vivências da infância, outras nuances da violência de gênero e racial se revelaram para mim ainda na adolescência, quando passei a estudar em uma instituição de ensino frequentada por pessoas de classe média alta. Nessa experiência, presenciei práticas de racismo dirigidas a meninas negras: exclusão, violência simbólica, humilhação pública e hierarquização estética.

Frequentemente, éramos excluídas de grupos de trabalho por sermos consideradas intelectualmente inferiores, por falarmos o “pretuguês”, como bem define Lélia Gonzalez, sendo associadas a um lugar de servidão. As meninas negras que não se encaixavam no padrão estético dominante eram frequentemente alvo de listas infames que classificavam as mais “feias” da sala de aula. Essas vivências demonstram que a violência racial e de gênero, experimentada desde a infância, é constitutiva das desigualdades estruturais que marcam o percurso das mulheres pretas, perpetuando-se desde o ensino fundamental até o ensino superior.

A violência contra essas mulheres não é um evento isolado, mas uma manifestação de um sistema histórico e social que articula racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo. Esses sistemas operam de forma interseccional, reforçando a desumanização e a subalternização de corpos negros, naturalizando a divisão sexual e racial do trabalho e invisibilizando suas contribuições sociais.

A questão racial não atravessa apenas as experiências cotidianas, mas também meu posicionamento epistemológico. Rejeito a ideia de neutralidade na produção do conhecimento, uma vez

que minha vivência é, ao mesmo tempo, método, instrumento de análise crítica e lócus de enunciação. Produzir conhecimento a partir da experiência de vida não compromete o rigor científico, mas sim legitima epistemologias encarnadas e situadas. Isso remete ao conceito de Conceição Evaristo sobre as “escrivivências”, pois segundo ela é impossível dissociar a escrita da vivência.

Ao compreendermos o que significa ser mulher e negra na sociedade, percebemos questões que só nós vivenciamos e que, há muito, são pauta das lutas do movimento de mulheres no Brasil – como o acesso à educação, saúde, igualdade racial, creches e inclusão no ensino superior por meio de políticas de combate à discriminação, que se tornaram um divisor de águas.

Nesse novo contexto, como mãe e em mobilidade acadêmica, dedicada ao estudo do racismo e do sexismo na vida de outras mulheres, pude vivenciar como essas opressões se manifestam de maneira concreta. Lélia Gonzalez nos lembra que o sexismo, especialmente quando interseccionado ao racismo, resulta em uma dupla marginalização para as mulheres negras.

Com as políticas de ações afirmativas, um número expressivo de mulheres que estavam à margem da sociedade passou a ingressar nas universidades, muitas vezes sendo as primeiras de suas famílias a frequentar o ensino superior. Isso transformou o perfil social e racial da academia, trazendo maior diversidade e incluindo mulheres de diferentes idades, classes sociais e, especialmente, mães.

Nessa perspectiva, pude sentir de forma mais intensa o peso de ocupar esse lugar. Ao ingressar num programa de mestrado acadêmico em uma universidade federal brasileira e participar de uma mobilidade internacional, experimentei simultaneamente a alegria da conquista e os desafios da maternidade. Desde o início,

os questionamentos dirigidos a mim giravam quase sempre em torno da maternidade: “O que fará com seu filho para poder viajar?”, “Como conciliará os cuidados com os estudos?”

Embora seja compreensível a preocupação com uma mãe, essas cobranças recaem quase exclusivamente sobre as mulheres. Homens na mesma situação são questionados da mesma forma? Ou seus filhos estão sob o cuidado de outras mulheres? Essa disparidade revela a permanência de um sistema que pressupõe, tacitamente, a existência de mulheres que sustentam o cotidiano dos homens, permitindo-lhes dedicação exclusiva à produção intelectual.

Para aprofundar essa análise, Vergès (2020) destaca que o trabalho de cuidado realizado por mulheres é uma atividade não remunerada, voltada para garantir ou ampliar a liberdade de outrem. Essa concepção é essencial para uma reflexão crítica sobre as estruturas que sustentam a academia, muitas vezes apoiadas em redes de cuidado invisibilizadas e historicamente sustentadas por mulheres pretas e pardas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas afirmativas têm possibilitado o ingresso de mulheres negras – de diferentes faixas etárias, condições socioeconômicas e experiências de vida – na graduação e na pós-graduação, alterando o perfil hegemônico da comunidade acadêmica. Essa transformação exige políticas de acolhimento e acompanhamento que considerem as especificidades de raça, classe, gênero e maternidade.

A experiência da mobilidade acadêmica internacional no mestrado é profundamente enriquecedora, pois amplia horizontes e evidencia as barreiras enfrentadas por grupos historicamente excluídos. Reconhecer essas barreiras é essencial para a construção de uma universidade verdadeiramente plural, onde mães e estudantes não apenas estejam presentes, mas possam florescer.

Reafirmamos, assim, a importância de uma abordagem interpretativa baseada nas experiências das mulheres de cor, reconhecendo-as como fontes legítimas de conhecimento. É preciso evitar a naturalização e a desumanização dessas vivências para que possamos promover, enquanto comunidade acadêmica, espaços de escuta, diálogo e transformação, onde o acesso à ciência e à educação não exija a negação de nossas histórias, responsabilidades ou identidades. Como diz dona Conceição Evaristo: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2014, p. 11).

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. A nossa escrivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos. In: DUARTE, C. L.; HOLLANDA, H. B. de (org.). *Escritas de si, escritas de outrem: autorrepresentação, cicatrizes e (re)existência*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 64-65.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

VERGÈS, F. *Un féminisme décolonial*. Paris: La Fabrique, 2020.

EU, (I)MIGRANTE EM MIM

AS QUATRO ESTAÇÕES?

Jordôa Moreira Leite

INTRODUÇÃO

A ideia de imigrar ou emigrar sempre fez parte da minha história e talvez isso tenha se dado até mesmo antes de eu nascer. Nasci e fui criada na cidade de Caxias, no Maranhão, mas minha mãe nasceu em Passagem Franca, no interior do estado. Portanto, essa história é sobre mim, mas também é sobre quem veio antes, pois não cheguei aqui sozinha, e sim com a ajuda de muitas pessoas.

Os escritos a seguir, que escolhi compartilhar, podem evocar diversos sentimentos. Conceição Evaristo diz que falar dos sentimentos, que escrever sobre eles é uma maneira de vencer a dor, vencer a morte, e eu não poderia discordar dela. Apesar das dores que a imigração nos traz, apesar da morte (não literal) que envolve o migrar, escrevo esse texto em meio a sangue, cura e ancestralidade.

Talvez por isso goste tanto do sentido de tempo e corporeidade que conheci por meio da obra de dona Leda Maria Martins¹, pois se tornar imigrante é também sobre dançar com o tempo: com o tempo cronológico e com as outras temporalidades. Estações do ano diferentes, fuso horário diferente, pessoas diferentes, corpos diferentes, e nessas diferenças vou me encontrando e, às vezes, me desencontrando também.

Portanto, ao falar sobre migrar, eu penso na minha mãe que saiu da cidade dela para Caxias, para trabalhar na casa de uma família abastada, e não conseguiu terminar os estudos. Mas ainda assim, do jeito dela, nos impulsionou a estudar e os estudos também me trouxeram até aqui.

Hoje, 4 de fevereiro de 2025, estou na cidade do Porto, em Portugal. A estação do momento é o inverno, mas não somente é

¹ Nascida no Rio de Janeiro em 1955, Leda Maria Martins é uma das principais expoentes do teatro brasileiro, sobretudo do teatro negro brasileiro. Formou-se em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, devido à sua excelência acadêmica, realizou mestrado em Artes na Indiana University, entre os anos de 1978 e 1981. Ainda nos Estados Unidos, Leda se depara com o livro *Drama para negros e prólogos para brancos*, coletânea de textos dramáticos organizados por Abdias Nascimento e encenados pelo Teatro Experimental do Negro (TEN). Sob a influência do trabalho dramaturgicamente do TEN, a pesquisadora ingressa no curso de doutorado em Estudos Literários da UFMG no ano de 1987, investigando de forma comparativa a trajetória teatral do TEN, no Brasil, e a formação do Teatro Negro (Black Drama) nos Estados Unidos. Como fruto de sua tese, surge o inovador e importante livro *A cena em sombras*, publicado em 1995. Além de exímia pensadora, Leda Maria Martins desenvolveu um importante trabalho como educadora. Foi docente da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), entre os anos de 1981 e 1983, e lecionou também na Faculdade de Letras da UFMG, de 1993 a 2018, tendo exercido, ademais, cargos de direção e chefia de departamentos em ambas universidades. A intelectual também possui forte ligação ao campo religioso dos reinados negros. De sua aproximação acadêmica e religiosa a esse universo, surgem as reflexões teóricas presentes em *Afrografias da memória*, importante livro publicado em 1997 e republicado em nova edição revista e atualizada em 2021.

inverno lá fora, o inverno também ressoa aqui dentro de mim. Tracei estratégias para lidar com tudo isso, voltei a escrever, comecei com poesia e até mesmo estou me arriscando na arte do desenho. Tudo isso me conecta ao meu território, ao lugar de onde eu vim. Quando cheguei aqui, em outubro, a estação era o outono em transição para o inverno ou uma certa mistura dos dois. Quando cheguei aqui, as minhas emoções estavam também em processo de adaptação. Ao me deparar com outras pessoas, ambientes, tempo, clima e quebra de expectativas, me vi entrando em um modo de introspecção.

No decorrer deste texto surgirão diversas músicas que me acompanharam durante esse processo de imigração, e que diziam muito sobre o sentimento que me rondava no momento. Acredito que a música também é uma forma de contar a nossa história, ou até mesmo falar por nós, contando coisas que sentimos, mas não conseguimos nomear. É assim com diversos artistas, mas me apeguei principalmente a Belchior, que foi um grande artista nordestino e que também migrou pelo mundo. Em meio a tudo isso, fiz algumas movimentações para conhecer este novo país e também fui escrevendo sobre essas vivências. A minha história neste texto talvez não será contada em tempo cronológico: as lembranças sem entrelaçam numa teia na minha cabeça que envolve o passado, o presente e o futuro.

ESCREVIVÊNCIA A PARTIR DE UMA VIAGEM A ÓBIDOS

Assim como Belchior, sou uma jovem que saiu do Norte/Nordeste para as “cidades grandes”. Talvez não tenha tido os pés cansados e feridos de andar léguas tiranas como ele andou, mas

carrego outras feridas, algumas saradas, outras nem tanto. E sigo com lágrimas nos olhos de saudade de ver o verde das palmeiras do babaçu.

Aqui, a noite fria (de 8 ou 10 graus) tem me ensinado a amar mais o meu dia, e pelas dores da vida eu descobri o poder da alegria e a certeza de que tenho coisas novas, coisas novas para dizer (às vezes não dizer), viver, fazer... A minha história é talvez igual à de muitas(os) jovens que desceram do leste maranhense e que estão/ficaram apaixonadas pelo mundo, apaixonadas por estudar, por conhecimento, por viajar, por pesquisar, mas ao mesmo tempo desnorteadas, como é comum no (meu) seu tempo. Eu, desnorteada com o possível novo, com o futuro, com o presente, com coisas desconhecidas, com a distância e com a saudade.

Este texto é a letra da música “Fotografia 3x4” de Belchior, mas que eu incluí algumas palavras para expressar minhas vivências. Este texto também é uma tentativa de voltar para a escrita de uma forma mais fluída, mais dançante, mais cantante. Por obra do tempo, apareceu um trecho dessa música para mim, então fui escutar e me identifiquei muito. Eu já conhecia, mas soou diferente por aqui dessa vez, talvez por conversar com o que tenho vivido atualmente.

O NATAL EM TERRAS DISTANTES: FAÇA UMA PRECE POR MIM

O Natal em outra terra foi diferente... Foi bom, foi interessante, frio, foi curioso, foi angustiante. Teve vinho, teve comida, teve passeio para ver as luzes, teve risadas, teve boas companhias. Na manhã do dia 25, enquanto voltava para casa, começou a tocar

pelas ruas Duran Duran (“Save a Prayer”), uma música que parecia que eu já tinha ouvido e ao mesmo tempo não... Acompanhada das minhas amigas que amenizavam um pouco as ruas da saudade, eu andava pelas frias avenidas do Porto pensando no Natal passado, enquanto na rádio tocava “Save a Prayer” e, com certeza, eu precisei de uma oração, de uma proteção naquela noite e no dia seguinte também. Por dentro eu sinto falta de casa, da família, das amigas, do namorado, da minha cama, da cidade e do clima que só tem lá e que é bem diferente do aqui.

O Natal em outro continente foi complexo, meus pensamentos transitavam entre lá e aqui, como os trens do metrô que passam um pelo outro, mas seguindo caminhos diferentes... E enquanto isso tocava “Save a Prayer”. Essa música me marcou, e no futuro, quando ela tocar e eu estiver em outros continentes, certamente lembrarei desses momentos. “Save a Prayer” tem o gosto e a memória do Natal de 2024 em Porto, Portugal. E com certeza eu continuo precisando de muitas preces: guarde várias para mim. Depois do Natal, chegou o inverno e não apenas lá fora, mas também dentro de mim. E é aqui que começo a contar uma parte importante dessa vivência.

É TEMPO DE INTROSPECÇÃO, É TEMPO DE RECUO, É TEMPO DE INVERNO

Há uma música que diz muito sobre uma fase que eu passei durante o intercâmbio:

o tempo foi o meu mestre
que me ensinou a curar

passei três dias de bruço
debaixo do humaitá
quando eu me alevantei
ô no tempo eu tou pra curar (O tempo [...], 2014)².

Vivi uma guerra interna, na qual eu preferi, na verdade, não lutar algumas batalhas e apenas vivenciar o momento que eu estava passando. Eu passei meses sem ver o sol (não apareceu muito por aqui, pois era inverno, mas eu também não o queria ver...). Foi um tempo de solidão, de introspecção, de reflexão, de recuo, de olhar para mim mesma. E esse olhar veio a partir de um momento de alta sensibilidade.

Minhas amigas ficaram preocupadas, minhas orientadoras também, e tudo que eu não queria era preocupá-las. Odeio dar trabalho, mas aceitei a ajuda com relutância e raiva, não delas, mas da situação, da exposição e por ter chegado a tudo isso. No fundo eu sabia que eu poderia voltar do fundo do poço, mas ali estava confortável, estava escuro, estava frio dentro e fora de mim. Eu fiquei com medo de morrer de qualquer coisa, fiquei com medo de sair sozinha e também com raiva por não conseguir sair sozinha, odeio a sensação de ser dependente. E para lidar com tudo isso, optei por voltar para a psicoterapia com o auxílio de

² O TEMPO foi o meu mestre. Intérprete: A Barca. In: BAIÃO de Princesas. Intérprete: A Barca. São Paulo: CPC-UMES, 2014. A Barca é um grupo paulista que pesquisa gêneros tradicionais brasileiros desde 1998. Formado por André Magalhães (bateria e percussão), Ari Colares (percussão), Chico Saraiva (violão), Juçara Marçal (voz), Lincoln Antonio (piano), Marcelo Pretto (voz), Renata Amaral (contrabaixo elétrico), Sandra Ximenez (voz) e Thomas Rohrer (rabeça e saxofone), o grupo cria arranjos e composições inéditas inspiradas nas manifestações populares e tradicionais pesquisadas.

uma psicóloga da abordagem da psicologia preta e uma das coisas que tem me salvado é isso.

E falando de medo, tive uma conversa com as amigadas e fui percebendo o quanto meu texto fala de um tempo que se entrelaça com as minhas memórias, tanto de passado quanto do futuro. E o presente, em meio a isso, tenta dançar com esses outros dois tempos. Estar aqui é sempre lembrar de casa, dos amigos, do que vivi, das comidas que comi, mas também me faz pensar no meu futuro. Minha casa será a mesma? Minha cidade, como está? O buraco que tinha na minha rua foi arrumado (a cada chuva ele aumentava mais) ou será que agora ele está maior? Lá também é tempo de chuva. Meus amigos ainda moram na mesma cidade? Ou foram embora? Será que um novo prédio foi construído em algum lugar da cidade e eu não vi o seu processo de construção? São tantas perguntas que ecoam aqui na minha cabeça...

E sobre construção, aqui em frente da minha janela, desde que cheguei, estão fazendo algum prédio, mas durante o inverno eu não vi as movimentações, apesar de escutar o barulho das máquinas a todo vapor. Eu não vi o sol, não abri a janela, e não vi um prédio se reerguer. Eu só queria viver no meu mundo, mesmo que esse mundo não fosse o melhor nesse momento.

Na capoeira dizem que há o momento de recuar e de avançar, e nessa loucura que é morar em outro país, por muitas vezes eu avancei, recuei, avancei, como o jogo da capoeira, mas a diferença é que eu não tive “inimigos” para lutar, ou “amigos” para dançar a capoeira, aliás nunca joguei capoeira. Mas eu ousou jogar para tentar contar para vocês como foi passar pelo processo de ser imigrante, mesmo com data certa para voltar para casa. O inverno parece que está passando, aqui está chovendo e faz frio ainda, mas sinto que estou tentando também me mover para

vivenciar a próxima estação, que é a primavera, lá fora, e também tentarei florir aqui dentro de mim.

Por muitas vezes me senti em uma gaiola, mas essa era diferente, mesmo sendo livre para ir para onde eu quisesse, ainda assim algo me impedia. A gaiola era aberta, não existiam cadeados, nem chaves, mas eu estava presa. Presa nas memórias, presa na saudade de casa, fui aprisionada pelas expectativas que eu criei, não só do país, mas das pessoas, das relações e de mim mesma. Pensei que seria fácil, que tiraria de letra, afinal sempre fui livre no Brasil. Morei em São Luís enquanto estudava na graduação, rodei aquela cidade por seis anos. Mesmo com medo eu vivi tudo ali. Em 2024 me aventurei em Salvador para o doutorado, e fiz tudo sozinha, o que em alguns momentos não foi fácil, mas segui. Sabia que um dia voltaria para casa.

Eu me apego à ideia de que sempre terei para onde voltar, seja para Salvador, seja para São Luís, seja para Caxias, minha cidade natal que fiquei por muito tempo longe, mas que hoje reconheço a sua grandiosidade, a sua importância cultural e o seu papel no meu crescimento tanto pessoal quanto profissional. Mesmo aqui, meu pensamento está lá, pois essa ligação é o que me faz retornar ao meu caminho, mesmo que às vezes eu pareça perdida aqui. Mas também digo que se perder também pode ser caminho. Na perspectiva da encruzilhada, todo caminho leva para algo, o que é frente pode ser recuo também, e o que é recuo pode ser lado e vice-versa.

Mas aqui foi diferente, a pessoa livre do Brasil não foi a mesma que chegou aqui. No começo foi legal, mas em um dado momento eu comecei a estranhar as pessoas, a comida, a minha comida, o clima, o frio... Ah, o frio! À medida que a cidade esfriava, eu também ia esfriando aos poucos, gelando, morrendo, sem ter um

abraço quente para me aquecer. Foi difícil lidar com o inverno sozinha, eu odeio pedir ajuda, já falei aqui sobre isso. E sabe o que é mais doido? É que apesar de tudo isso, eu penso em retornar para cá; não sozinha, claro. Não recomendo muito a experiência de estar/ser sozinha neste país.

Tudo isso para dizer que, apesar de tudo o que citei, eu morri, mas ressuscitei – ou estou tentando. Matei a saudade de casa quando fui a Braga. Pegamos chuva e frio só para comer um açaí com bastante farinha de puba. Conheci um restaurante paraense que mesmo sendo de outro estado me levou para casa: a música brega tocando, a estrutura do local, as comidas, lembrei-me das vezes que viajei sozinha de ônibus nessas minhas andanças para congressos, e sempre há um bar parecido na estrada, mas a diferença desse é que eu estava em outro país a quilômetros de distância, separada por um oceano.

Mas fui feliz nesse dia. Depois comi acarajé e passei mal, mas não poderia deixar de comer algo que me traz lembranças de momentos do passado e, apesar de tudo isso, eu saí feliz, porque a comida sempre foi algo importante para mim. Comida é afeto, memória. É ancestralidade, é território, é identidade, e poder experimentar isso aqui acendeu um pouco a chama, na verdade me aqueceu nessa primavera tão fria, que parece mais um inverno.

E este texto é para dizer que o coletivo de alguma forma me salvou, não apenas aqui em Portugal, mas também em toda a minha trajetória no Brasil. Por mais que eu fizesse coisas sozinha na maioria das vezes, sempre tinha alguém que lembrava de me chamar para sair, de me convidar para comer, de enviar uma mensagem. Aqui em Portugal isso também foi essencial. Apesar de eu me isolar, precisar do meu momento para entender que eu estava em situação de imigração, meus amigos me ajudaram, e

digo que não sinto vergonha disso. Eu agradeço por todo o acolhimento que tive aqui e lá no Brasil.

Este texto eu escrevi a caminho de Salvador, no ônibus. Com o coração apertado saiu este texto. As músicas de Belchior me acompanharam durante diversos momentos, principalmente neste atualmente, e é por isso que, ao final, incluí aqui a letra da música “Tudo outra vez” e que traduz os meus sentimentos.

Dei uma pausa em meu ciclo em Salvador por esse ano. Fui convidada a alçar novos voos, meu pouso agora será em outro país, mas sinto que volto! Enquanto estava no ônibus voltando para a minha terra, veio-me a frase “sinta-se em casa, mas lembre-se que não está”. Não me levem a mal, essa frase me vem mais como um carinho e um lembrete para dizer que Salvador também é um pouco de casa, mas jamais esquecer que é no Maranhão que eu me criei, me crio, me (re)crio e é sempre onde vou pousar de volta. Nesses caminhos, a Bahia e o Maranhão em algum ponto se parecem, mas também se diferem e só quem viveu nela sabe, eu sei. Vou sentir falta do banho de mar que eu não tomei, do *show* do BaianaSystem que eu não fui, dos encontros com os amigos que eu não consegui ir (desejei tanto um *chopp* de caneca), dos pontos turísticos que eu não visitei, mas fica para depois.

Sentirei falta também do café depois das aulas, dos rolês para almoçar, para ir à praia, dos rolês dentro da própria Universidade Federal da Bahia (UFBA), do restaurante universitário, das companhias de todo mundo. Foram apenas seis meses, mas pareceu, sei lá, anos... E foi uma montanha-russa. Não foi fácil, mas segui, e continuo seguindo. Reencontrei amigas, mas também fiz novas amizades, o que foi um alento em meio a todo esse caos que é se mudar sozinha para outra cidade. E lá vou eu me mudar de novo!

Passado, presente e futuro se encontram e se entrelaçam. Eu precisava voltar à Bahia para ter novas oportunidades de voar, e lembrando de dona Leda Maria Martins, meu corpo-território um dia volta, isso eu tenho certeza, mesmo sabendo que o tempo não pertence a mim, mas por ser espiralar, ele vai me fazer retornar.

Há tempo, muito tempo que eu estou longe de casa e nessas ilhas cheias de distância

O meu blusão de couro se estragou

Ouvi dizer num papo da rapaziada que aquele amigo que embarcou comigo cheio de esperança e fé, já se mandou [algumas amizades que vieram em grupo já voltaram]

Sentado à beira do caminho pra pedir carona

Tenho falado à mulher companheira

Quem sabe lá no trópico a vida esteja a mil

E um cara que transava à noite no Danúbio Azul, me disse que faz sol na América do Sul, que nossas irmãs nos esperam, no coração do Brasil [eu sonho com o Sol da minha América]

Minha rede branca, meu cachorro ligeiro, sertão, olha o cordeiro que vem vindo do estrangeiro, o fim do termo saudade, como o charme brasileiro, de alguém sozinho a cismar Gente de minha rua, como eu andei distante, quando eu desapareci, ela arranhou um amante, minha normalista linda, ainda sou estudante, da vida que eu quero dar

Até parece que foi ontem minha mocidade, com diploma de sofrer de outra universidade, minha fala nordestina, quero esquecer o francês

E vou viver as coisas novas que também são boas, o amor, humor das praças cheias de pessoas, agora eu quero tudo, tudo outra vez (Tudo [...], 1978)³.

E apesar de Belchior dizer que o passado é uma roupa que não nos serve mais, eu o utilizo como um espelho. Que eu não esqueça nunca de onde vim, do que vivi e por onde passei. Eu vou viver as coisas novas que também são boas aqui em Portugal, em outros lugares da Europa e no Brasil, quando eu voltar. Talvez não terei tempo de contar para vocês como lidei com o restante da primavera e o início do verão em um país mais ao norte do meu, mas quem sabe em outro texto eu possa contar?

“Escrever é uma forma de sangrar”, Conceição Evaristo (2021).

Abrços afetuosos!
Por Jordôa Moreira Leite

³ TUDO outra vez. Intérprete: Belchior. *m: 2 é Demais*. Intérprete: Belchior. [São Paulo: WEA International Inc., 1978.

FARINHAS TROCADAS OU A SAUDADE QUE SE COME

Djean Ribeiro

Este é um relato que versa sobre saudade – e como essa dimensão de sentimentos me atingiu desde a minha partida. Sabia que iria ficar muito privado da alimentação que nutre meu corpo e minha alma, pois também se refere à minha cultura. Marimba Ani¹, antropóloga estado-unidense, estudiosa crítica do colonialismo no continente africano, diz que: “nossa cultura é nosso sistema imunológico”.

Sou filho de dona Rita (ela não gosta de ser chamada de dona, mas acho sempre engraçado quando ela retruca quem a chama), uma mulher incrível que me inspira de diversas formas, sobretudo, com seu toque especial de transformar comida simples em verdadeiros espetáculos gustativos. Mainha foi merendeira escolar. “Tia Rita” sempre foi sucesso com a turma da escola. Tive muitos “primos temporários” graças à magia que ela fazia com os temperos. É uma mulher que não enxerga com os olhos, mas que a vida lhe ensinou a ver com as mãos² e tantos outros senti-

¹ Vídeo curto para saber mais sobre ela, ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=pGds2GobI4M>.

² Ver em: <https://open.spotify.com/episode/5ruLqIGWleqJA9Wu62n0YU?si=AoykvhXQSTSYWeoAhUKprA>.

dos³. Aprendeu a fazer alquimia para ser consumida com a boca e com os olhos, para alimentar a alma e espantar a desesperança que nos assolou por muitos anos.

Quando decidi vir para Portugal – decisão permeada por diversas despedidas e almoços que até hoje despertam ciúmes intergalácticos em minhas irmãs –, já sabia que precisaria me preparar para essa e muitas outras ausências. Foi com mainha que aprendi a apreciar a culinária, apesar de ter sido com meu pai, Ormiro (seu Miro para os mais chegados), que fui apresentado às primeiras experimentações à beira do fogão.

Eu sabia: padeceria muito se permanecesse tempo demais sem comer acarajé e tantas outras iguarias feitas com o óleo mágico dos terreiros de candomblé: o dendê. Salvador possui uma culinária ímpar, graças à imensa herança das inúmeras comunidades de ascendência africana que estruturaram o Brasil e que configuram uma das principais marcas no mundo inteiro, a culinária afro-brasileira.

Cheguei a Portugal carregando duas malas: uma com roupas e livros, e outra invisível, repleta de cheiros, sabores e lembranças da minha cidade. Nos primeiros dias, tudo era novidade – o sotaque do português diferente, o cheiro de cigarro impregnante em todos os cantos, a ausência daquele calor humano tão característico da nossa Soterópolis (se você não é de Salvador e nunca foi lá, não saberá que sentimento é esse). Não posso deixar de falar do frio que cortava o rosto. Sabia que precisaria me preparar para seu ápice no inverno. Diferente do Brasil, especificamente Salvador, a relação com o frio é deveras outra. Aqui o frio provoca dor, ele fere o rosto. Essa era uma das marcas que me fazia

³ Ver em: <https://globoplay.globo.com/v/11074396/?s=01m57s>.

identificar uma pessoa em situação de rua, com suas faces marcadas por ferimentos, vermelhidões, incomuns às outras pessoas.

Eu cheguei no outono, período que já marcava temperaturas baixas. Uma coisa era certa: iriam ser ainda menores no inverno, e isso me alertava que precisaria me preparar desde a espinha dorsal. Se algum dia tive dúvidas, hoje consagro certeza: meu lugar⁴ é junto ao mar quente dos trópicos da capital baiana.

Todavia, o que mais me doía nos primeiros dias era o silêncio da panela. Não havia o barulho e o cheiro estalado pelo dendê, nem o perfume do coentro fresco invadindo a cozinha. Era como se, ao cruzar o oceano, eu tivesse deixado um pedaço de mim no fogão da minha mãe, no meu terreiro, em cada esquina onde já fui paladar. E foi aí que percebi: a saudade, ali, também tinha gosto. Na verdade, eu já imaginava, tanto que trouxe um pouco dela comigo, para me servir como em conta-gotas, uma economia de salvar-vidas: um litro de dendê, um quilo de camarão seco e farinha da feira de São Joaquim.

O COMEÇO DA JORNADA

O que me trouxe às terras lusitanas foi o estágio doutoral. Dez meses de produção, interlocução e a possibilidade de criar diálogos e trocas acadêmicas, mas também culturais, e tantas outras possíveis.

A cidade do Porto – e algumas outras como Lisboa – guarda semelhanças com Salvador, sobretudo as similaridades geográficas. Nos primeiros dias, ao me alimentar fora de casa, senti como se

⁴ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=agZoVVuokMw>.

estivesse aprendendo a comer de novo. O estranhamento com a comida local não era apenas sobre a nova culinária que se apresentava, e sim o sentimento preexistente do que me preenchia de sabor, afeto e conexão comunitária.

A comida de mainha e da minha cidade fazem parte de minha identidade pessoal, inclusive religiosa. Sou um homem de candomblé, apaixonado por comida de dendê, e respeito divinamente as sextas-feiras de Oxalá e o consagro com a restrição⁵ de vida. Uma pessoa boa de boca, como diz mainha – e entre tantas outras cozinheiras com quem já estive, muitas dizem: “é bonito ver você comer minha comida”. A Iyágbasé⁶ lá da roça de candomblé que faço parte, a moça dos olhos dourados da coroa de Xangô que o diga. Ela é responsável por fazer as comidas sagradas que serão oferendas alimentares aos orixás. E vez ou outra faz a comida civil da comunidade religiosa.

Quando estou emburrado, qualquer prato denuncia. Como pouco, sem entusiasmo – e logo percebem que algo está fora do lugar. Concluir a travessia desses dez meses não seria possível sem criar estratégias para suprir essa lacuna alimentar, que logo se mostrou emocional. Foi me aproximando de colegas – que viraram amigas e amigos – que comecei a formar uma rede de solidariedade culinária. Alguém, em algum momento da história, já deve ter escrito algo sobre a importância da comida durante uma guerra. E era assim que me sentia, em batalha. Precisava me alimentar, vez ou outra, com comida afetiva para seguir os dias

⁵ Nos dias de sexta-feira, para nós, que cultuamos orixás, ou pelo menos uma boa parte, não se come comida com dendê em respeito a Oxalá, que é o senhor do pano branco.

⁶ Ver em: <https://brasilbomdeboca.com.br/a-senhora-que-cozinha-a-iyagba-se-ou-iabasse/>.

frios do velho continente. Foi a comida – e toda a memória ancestral que ela carrega – que foi estreitando nossos vínculos. Até então, éramos todos estranhos entre si.

A SAUDADE QUE SE COME

O que nos vinculava, a princípio, era o objetivo acadêmico. Mas os diversos corpos, com suas inúmeras memórias-âncoras, foram criando laços quando dos primeiros encontros coletivos na cozinha de onde morávamos. Era conversa recorrente: “a comida daqui falta tanto tempero”, “um pouco mais de pimenta-cominho”, “um coentro”, “cadê o alho que faria a mágica acontecer nesse peixe?”. E assim começamos naturalmente a criar um quilombo culinário. Uma das amigas que fiz aqui, Geicile – coitada, o seu estranhamento foi muito maior devido à sua restrição de gosto, inclusive com peixes, alimento muito abundante nessas terras. Ela também não gosta de cebola, como é que pode? Se a base de nossas comidas caseiras é permeada pela dupla alho-cebola? Ri muito, com respeito, diante da sua lamúria.

Quando descobriram que eu havia trazido meu “armamento triplo culinário” na bagagem, vi sorrisos saltarem dos olhos. O chão do terreiro me ensinou: o alimento é partilha – é comunhão. A primeira vez que cozinhei em Portugal foi um xinxim de galinha. Chamei Raul⁷ primeiro, depois as outras amigas foram chegando. Uma cebola ralada e recheada no dendê não tem igual, o

⁷ Esse vou levar para a vida. O irmão que o Programa Abdias Nascimento me proporcionou. Ele é ogan d’Oxóssi, o orixá da fartura. Não poderia ser melhor companhia para essa empreitada culinária.

frango atinge outro patamar. Vivi muitos momentos de tristeza – ser um corpo estrangeiro, ainda mais sendo negro, é carregar um estranhamento que antecede o próprio visto. Como diz Luedji em sua canção: “Olhares brancos me fitam, há perigo nas esquinas” (Luedji [...], 2016)⁸.

Mas foi a comida, o nosso molejo temperado, que me fez sentir feliz pela primeira vez em solo luso. Sensação pontual, mas que recarregava a bateria para encarar mais uma semana. Até Jordôa, amiga do Maranhão – terra cuja culinária também traz forte presença africana –, se viu familiarizada com nossos sabores, mesmo com as diferenças.

O efeito da comida sobre nosso humor e estado de espírito era puro encantamento. A gente se reunia para comer e as palavras que entremeavam as conversas preenchiam o vazio deixado pelas diversas saudades. E os nossos sotaques diferentes? As gírias de cada território? Tudo isso fazia parte da receita do ato de comer em comunhão.

Entre garfadas e fuxicos memoriais, a barriga voltava a ficar cheia. Teve moqueca, feijoada, bobó de camarão, ensopados, e até macarrão com arroz – comida típica do Maranhão, ou ao menos de uma parte de lá. Uma amiga de longas datas, que mora aqui em Portugal, nos convidou para almoçar; iria fazer uma feijoada com a pegada soteropolitana. Muito obrigado, Taíse, foi um dia espetacular! Você agregou os meus novos amigos, que não conhecia, e nos proporcionou algo simples, mas imenso: um momento de alegria para estômagos saudosos de suas panelas natais.

⁸ LUEDJI Luna - Um Corpo no Mundo. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (6min). Publicado pelo canal ybmusic. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7LC6QzTA>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ENCONTROS E REENCONTROS: A COMIDA COMO PONTE

Taíse, amiga dos tempos de cursinho pré-vestibular, vive em Portugal há alguns anos. Foi uma das primeiras pessoas a me acolher neste lugar. Durante as festividades do Natal, inclusive, abriu as portas de sua casa. Cozinhou com afeto e nos acolheu com generosidade. Era uma noite fria, mas que foi aquecida e regada a muita comida boa (algumas típicas portuguesas), muitas trocas afetivas que se produzem com presença de barriga cheia de sentimentos.

Depois, durante um período em Coimbra, a comida continuou sendo meu esteio. Já conhecia algumas pessoas por lá, o que ajudou a manter a rede de afeto. Uma delas era Isaura, Ekedji⁹ d'Ogum, irmã de axé e guardiã de saberes ancestrais, que também estava a fazer o estágio de intercâmbio. Já nos conhecíamos, mas ali o laço se estreitou. Um presente das águas a escorrer pelos ferros do senhor dos caminhos. Certo dia ela postou a foto de um pirão com galinha. Bastou um olhar para marejar os olhos. Era comida de raiz, comida de terreiro. Não resisti: bati à sua porta com a cara de quem “não quer nada”, mas querendo tudo. Ela me prometeu refazer a receita. E cumpriu.

Fui à casa dela e melhor do que comer uma comida deliciosa e aprofundada no afeto foi ver sua feitura. Nas comunidades de terreiro, o ensinamento é produzido na oralidade, é vendo e ouvindo que o acúmulo do conhecimento é transmitido. Ver a alquimia ao

⁹ Cargo dentro da liturgia do candomblé que tem por responsabilidade zelar pelos orixás quando estão em transe. Acaba por se ocupar de diversas funções, pois é uma mãe: orienta, ensina, acolhe, disciplina. E esta, em especial, é uma cozinheira de mão cheia.

vivo, acontecendo diante meus olhos e narinas, e ser convidado a apreciar o produto daquela energia produzida, foi um presente. Cozinhar, sem dúvidas, é um dos maiores atos de afeto que existem na condição humana. O pirão que minha keké¹⁰ fez estava terreiramente delicioso.

Cada porção consumida era o mergulho em uma lembrança de minha família biológica, minha família de santo, nas memórias de infância dos carurus de Ibeji¹¹, e tantas outras sensações incríveis. E a frase, durante e depois de comer, era sempre a mesma: “nossa, hoje estou feliz!”. E não acabou aí. Ela disse que faria abará, mas faltava a folha. Imaginem, eu consegui a folha de bananeira, algo raro de se encontrar em Coimbra. Não entrarei nos pormenores, para manter o segredo. Adupé, ekedji Isaurinha!

Particularmente, o lugar da comida é de substância emocional. Minha relação com os sabores de nossa culinária é de aterramento. É água de manancial a nutrir minhas raízes frondosas. Não significa dizer que outras culinárias não me caíam no gosto. Como disse em algum momento anterior, sou bom de boca. Mas em situações desafiantes – como essa que me distancia por períodos longos de casa, envolto por tarefas acadêmicas que exigem concentração e disciplina, adaptações climáticas –, comer comida fértil de afeto é sobrevivência.

¹⁰ Categoria que inclui pessoas que passo a ter afeto, que sou afetuoso na mesma proporção.

¹¹ Divindades-crianças do panteão das religiões de matrizes africanas que são homenageadas em Salvador no mês de setembro. Durante o mês, a cidade é repleta de inúmeros terreiros e casas comuns oferecendo o caruru de Ibeji como forma de reverenciar as crianças mágicas.

FARINHAS TROCADAS: ENTRE SABORES CONHECIDOS E COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS E AFETIVIDADES

Em outro dia comum, cinzento de quase inverno, mandei mensagem para Raul: “vou fazer moqueca”. Sentia-me um rei quando chegava na cozinha com meu litro de dendê – que àquela altura já marcava a metade da garrafa. Preparei tudo como se minha tivesse ali do meu lado, reclamando de nós, filhos, que não damos valor a ela. Ela sabe que valorizamos – e muito. Mas resmungar é o jeito de ela reinar no próprio laboratório. Quem ousar invadir o território sagrado da sua cozinha, que se prepare!

Naquele dia fiz o peixe banhado pela alquimia dos temperos, junto com arroz e farofa de dendê com pó mágico de camarão seco. Como quem carrega nos gestos o que aprendeu no chão do candomblé, ofereci um pouco à recepcionista da residência. De início, ela negou por educação. Mas insisti e preparei uma cum-buquinha com um pouco de cada elemento.

A alegria de quem cozinha é ouvir um elogio de alguém que comeu do seu alimento. Sua reação foi de encantamento, ela provava algo inédito ao seu paladar. Os olhos brilhavam. A boca tentava descrever, mas a língua estava ocupada celebrando. As glândulas gustativas estavam em êxtase e nenhuma palavra conseguia traduzir. E ali, naquele instante roubado da rotina, entre tantas demandas dos residentes, Maria foi feliz.

“Comer é um ato sagrado”. Já sabia disso, mas ouvi de Raul com a destreza de quem carrega a ancestralidade com honra, era um sopro de conexão. Tudo o que fazemos no terreiro, desde o acordar, brincar, gargalhar, tudo é sagrado e divinizado. Reginaldo Prandi escreveu algo interessante sobre a comida e o lugar no

culto aos orixás¹²: “Toda ideia de restituição de força passa pela ideia de comida, de bebida [...] A fome era uma ameaça permanente. O ato mais importante da vida era comer! Então, a base do culto é a oferta de comida”.

O que mais se presencia durante o ato de comer em coletividade é a alegria, mesmo nos silêncios das bocas cheias. Lembro da vez que Taíse nos convidou para jantar em um restaurante japonês, com mais dois amigos dela, que também se tornaram muito afetuosos meus. Eu nunca dei tanta risada. Era muita galhofada, foi uma das noites mais agradáveis que tive em Portugal. E a comida, sensacional, apesar de não ser muito chegado aos alimentos crus. A comida estava deliciosa. E o preço? Bem, o rodízio foi generoso também no valor (risos). Meus eurinhos escorreram, mas saí com o peito farto e o espírito abundante.

Sou um “dendê-cólatra” assumido. Já estava no terceiro mês do intercâmbio quando fui à Lisboa apresentar um trabalho no I Colóquio Internacional Confluências Contracoloniais: diálogos possíveis com o pensamento do mestre Nego Bispo, com o tema “Religiões de matriz africana e a assistência religiosa no sistema prisional: entre invisibilidades e produção de memórias”. Era de meu conhecimento que havia uma mulher de Salvador que vendia acarajé e outras delícias de nossa cidade. O dia estava cinza e frio, como de costume. As portas do inverno já estavam abertas e, na primeira oportunidade, fui em busca de seu restaurante.

Carol é de Itapuã, um bairro da capital baiana muito conhecido por ser boêmio e ter uma gastronomia atrelada à fauna marinha,

¹² PRANDI, R. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e doença segundo o candomblé. In: BLOISE, P. (org.). *Saúde integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade*. São Paulo: Senac, 2011. v. 1. p. 277-294.

além de termos uma amiga em comum. Fomos lá, eu e meu parceiro de fartura culinária, Raul. Lugar aconchegante, todo harmonizado com símbolos da nossa cidade. Fui até a beira do balcão da cozinha e larguei: “*me despache!*”. E ela gritou de lá: “*tem confortável na área*”. Um abraço caloroso como se já nos conhecêssemos há anos. E ficou melhor quando falei da amiga em comum, Mara Asantewa, que ela conhece desde a infância.

De início, pedimos dois acarajés. Vocês não têm ideia do que foi cada mordida. Minha nossa senhora, Yansã¹³, lhe honrarei sempre! Fomos advertidos para pedir o prato principal, pois tinha alta demanda de pedidos de entrega em domicílio e poderia demorar. Fomos de moqueca daquele jeito, com pimenta, com tudo. Quando estava finalizando o akará¹⁴, antes da moqueca chegar, solicitei um humilde abará, pois não tinha visto no cardápio. Esse dia foi uma overdose de dendê. No dia seguinte fui apresentar o trabalho, energizado como ninguém. Os lisboenses foram agraciados com uma fala belíssima, feita com muita satisfação.

Um dos ápices dos momentos culinários (gustativos, olfativos e visuais) que tivemos foi na sexta-feira da Semana Santa, com a presença de diversos amigos que compõem o grupo de intercambistas. A população negra que sustenta os terreiros em Salvador deu mais cor à Santa Ceia católica ao inserir na mesa os alimentos votivos que flertam com as comidas dos orixás, em especial o dendê¹⁵. Em todo o Brasil não há tamanha fartura e diversidade

¹³ Orixá dos ventos e tempestades. A comida votiva é dedicada a essa divindade. Se não fosse ela não existia o acarajé, a bola de fogo que se come quente.

¹⁴ Acarajé em iorubá. Escuta essa canção-receita: <https://www.youtube.com/watch?v=GetGfvHIsDE>.

¹⁵ Ver em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/17/mancha-de-dendenaosai/>.

culinária como em Salvador durante o período¹⁶ que relembra a morte e a ressurreição de Jesus. Nesse dia, o comando foi de Raul, com o auxílio de Camila e muito pouco do meu. A memorável tarde foi marcada por: vatapá, caruru, moqueca de peixe, arroz, feijão fradinho, salada de bacalhau (prato típico de Portugal, que Camila aprendeu a cozinhar em uma das oficinas da Universidade do Porto) e farofa.

Mas vocês lembram que eu guardo a sexta-feira para meu velho Oxalá, né!? E Raul não iria querer essa treta com o senhor do pano branco. Por conta disso, teve uma feijoadinha branca (com feijão branco) para mim que, diga-se de passagem, ficou sensacional. Enquanto todas as pessoas se deleitavam com a comida de dendê, eu estava com minha marmita para separar minhas porções para a festa particular no dia seguinte. Literalmente, o sábado foi de aleluia!

Essa sexta-feira foi de muitas trocas. No terreiro, quando a gente junta as energias, forças e outras condições para construir algo, dizemos que estamos “trocando farinha”. A farinha¹⁷ é ralada de alguma raiz ou moída de algum grão, que simboliza o sustento entre a terra e a ancestralidade. E de fato, trocamos palavras e semeamos na mesa.

Poderia dizer que nos alimentamos do tempo temperado pela saudade que aquela mesa farta produziu. Foram tantas memórias suscitadas nesse dia: “*Ah, minha vó faz o vatapá assim, com pão*”,

¹⁶ Vejam um bom comentário bairrista a respeito: <https://www.instagram.com/p/DImNFVQpLkH/>.

¹⁷ Djavan melodiou ela e sua importância nordestina. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=by59pIXOOb4>.

“a minha faz com fruta-pão¹⁸” (que inclusive, nessa modalidade, já comi). As lembranças são instintivamente acionadas.

O alimento é um elo basilar tão forte com nossas memórias que uma das amigas que estava em uma condição desprezível de tristeza, devido às inúmeras faltas que estar longe de casa provoca, se recuperou por meio da comida de sua terra. Os cuidados inúmeros para sua recuperação já estavam em curso. Eu tive conhecimento que uma cidade mais ao norte da cidade do Porto tinha um restaurante com comidas típicas do Pará. Sabe quando você prepara o bolo e ainda falta aquele detalhe para concluir a ornamentação? Foi o que eu pensei: ela precisava sentir no estômago a memória para regenerar o coração e a mente. Fomos em grupo e depois do deleite ela disse: “*estou em outro mundo, só queria uma rede para deitar. É muito forte a comida, tô relaxadíssima, tô morgada*”. Eu lhe disse que, na Bahia, quando chegamos a ficar assim, dizemos que estamos “jiboiano”. E ela concluiu, “*tô assim, em situação de jiboia*”.

O ALIMENTO COMO CAMINHO DE VOLTA

O paladar e o olfato certamente são sentidos que nos conectam com memórias e sentimentos sedimentados ao longo do tempo. Pode haver momentos em que você experimenta algo – pela boca ou pelas narinas –, e isso o leva a lugares familiares. Digo isso para sinalizar mais uma vez a importância do comer como ferramenta de resgate de si. Um meio de caminho para se reencontrar.

¹⁸ Fruta-pão: o que é, quais os benefícios e como consumir. Ser Saúde - Diário do Nordeste.

Além dessas dimensões objetivas e simbólicas, não se pode esquecer da literalidade da comida, ela é remédio. Comer é alegria, é festa!

Dentre as inúmeras ritualísticas do candomblé que me encantam, há uma que tem lugar especial, o Olubajé¹⁹ – banquete sagrado do rei. Uma festividade de cura pela comida que só participando para ser registrado pelos sentidos. É preciso comer com as mãos e é servido em uma folha. Sinalizo esse momento litúrgico, pois relembro o que afirmei desde o início: nossa cultura é nosso sistema imunológico.

A travessia desse intercâmbio, com todos os seus desafios – acadêmicos, emocionais, climáticos –, não teria sido possível sem essa rede de afeto que se construiu ao redor da comida, e das afetações que envolvem o irmanar em torno do ato de comer. Sempre foi sabido que ficar distanciado disso seria um caminho para adoecimento. Afastei-me o quanto pude desse infortúnio.

Gostaria muito de ter um repertório familiar de como é viver a experiência do intercâmbio em outro país, seus percalços e os caminhos possíveis para continuar. Falo de um lugar específico, mas que ao mesmo tempo é comum. Espero que a saudade da comida lhe salve quando for possível. Trocar farinha é mais do que cozinhar junto: é dividir chão, história e esperança. Comer bem, com afeto, foi minha forma de resistir e continuar. A falta sempre vai aparecer em territórios estrangeiros, sinal de que é preciso produzir movimentos Sankofa²⁰: Volte e vá buscar!

¹⁹ Ver em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/o-que-o-olubaje-representa-para-quem-e-de-candomble/>.

²⁰ Ver em: <https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/sankofa-volte-e-pegue/>.

SANKOFA



**Não é tabu
voltar atrás**

© 2011

A RAPOSA QUE SOU

Geicile Santos Barreto da Paixão

Painho costuma me chamar de raposa! Eu nunca soube ao certo o significado da escolha desse animal para representar sua filha, mas isso me dá uma noção de como ele me imagina. Assim, é com um jeito astuto, cheia de sagacidade, que percorro os caminhos da vida, sempre atenta aos detalhes que escapam aos olhos apressados e, dessa forma, (re)invento soluções diante de obstáculos.

Ah, meu amigo! Tudo recomeça nos ciclos do tempo, que não seguem uma linha reta, mas se entrelaçam em sua própria dança. Depois de algumas conversas esclarecedoras sobre o que eu poderia fazer naquele ano, numa noite qualquer, como quatro matutos¹ pela estrada, partimos em direção a uma escola técnica para buscar informações sobre o processo de matrícula. Sim, eu havia decidido me lançar no universo da saúde, e tudo começaria com o curso técnico em Enfermagem.

Horas depois eu já segurava toda a documentação necessária, com as orientações claras, incluindo as datas de início das aulas. A alegria se misturava à ansiedade sobre o futuro, sobre o que eu me tornaria e como seria esse novo processo: “*Vamos tentar economizar e, se a terra, as águas e o tempo nos forem favoráveis,*

¹ Matuto: habitante do campo; sertanejo, roceiro, caipira. Termo também usado no sentido de acanhado, tímido, cismático.

no próximo ano, teu irmão também pode começar o mesmo curso. Se ele gostar, vocês dois podem se formar nisso”, dizia painho. Mainha confirmava, sem hesitar: “É verdade, minha fia!”.

Depois de dois anos, o resultado disso foi a melhor cerimônia de formatura que ficou registrada na história do Centro Técnico Templários² da cidade de Cachoeira, na Bahia, segundo o que circulava entre os que parabenizavam a turma E-36 pela conclusão do curso. Minhas vivências não ficaram apenas gravadas em algumas folhas de papel, expressas em poemas que eternizam minhas lembranças, mas também na memória da primeira vez que consegui realizar um acesso venoso, da primeira vez que entrei em um hospital como estagiária, da primeira cirurgia que acompanhei, dos primeiros pacientes que cuidei, do reconhecimento da fragilidade humana quando alguém está restrito a um leito, incapaz de se mover ou de comunicar o que sente... Lembro das famílias que passaram por nós, dos agradecimentos emocionados quando nascia uma criança ou de alguém que retornou à vida após uma reanimação cardiopulmonar, assim como das lágrimas pelos que não conseguimos salvar e dos colegas de profissão que partiram, mas deixaram ensinamentos valiosos.

Acordávamos nas primeiras horas da madrugada e saíamos de casa antes do amanhecer. Em meio a todas essas experiências, também havia as esperas – as vezes que meu irmão (Vandjeique), mainha (Rosimeire) e Valdick, na época companheiro de tia Ju, ficavam de “castigo” me aguardando por longas horas na parte externa do Hospital Geral Clériston Andrade ou do Hospital Colônia Lopes Rodrigues, em Feira de Santana. Isso porque

² Centro Técnico Templários (CTT) é uma escola de ensino técnico profissionalizante.

eu não sabia como pegar um ônibus ou uma van para viajar sozinha para a cidade grande e eles temiam que eu me perdesse ou mesmo algo pior. Preocupações que agora entendo, pois na época meus pais carregavam a certeza de que não haviam me preparado para o mundo. Viajar para outra cidade sozinha? Eu mal conhecia os caminhos dentro de mim, quanto mais os de fora. Enquanto isso, painho (Valdir) ficava em casa sozinho, contando os minutos até a nossa volta, ansioso para ouvir as novidades. Ele sempre adorou conversar e saber de tudo.

E por que agora choro? Nunca imaginei que, ao reviver esses momentos, eu estaria aqui, do outro lado do oceano, na cidade do Porto, Portugal, já cursando o mestrado e pensando no doutorado, enquanto eles permanecem lá, tão distantes de mim, na outra margem dessa vasta imensidão de águas salgadas.

Sou leonina³ e tenho três gatos: Mero, Magrela e Caraveia. Nasci em 1995, mais precisamente no dia 29 de julho e, atualmente, tenho 29 anos. Sou apaixonada por escrever meus pensamentos. Não tenho filhos nem namorado, por enquanto. Um dos meus maiores objetivos é me tornar fluente em inglês, embora ainda não tenha me dedicado com afinco a isso, mas pretendo. Além de ser técnica em Enfermagem, sou enfermeira com duas especializações: Enfermagem Forense e Enfermagem em Centro Cirúrgico e Centro de Material. Embora adore a prática assistencial, meu desejo é dar aulas, e por isso sigo firme nos meus estudos para me tornar professora universitária. Desde pequena queria ser professora, porém, de creche.

Certa vez, uma senhora de cabelos grisalhos me perguntou como eu havia saído das lamas dos mangues para a Europa.

³ Leonina: termo referente ao signo de Leão.

Nunca havia parado para refletir sobre isso antes, pois só vivia o dia a dia em uma rotina constante. Meus pais se conheceram em Jiquiriçá, uma cidade localizada em um vale no Sul da Bahia, com cerca de oito mil habitantes, na época. De lá, foram morar juntos em São Félix, no mesmo estado, onde tiveram a primeira filha, Maiane, que não conheci, pois uma epidemia de cólera afetou a população das cidades do Recôncavo e outras regiões baianas. Na época, ela estava com 4 meses de idade e infelizmente não resistiu. Posteriormente, meu irmão Vandjeique. Na terceira gestação eles foram para Jiquiriçá, onde nasci voltando, tempos depois, para São Félix. São muitas idas e vindas, não é? Dá até para se perder!

Em uma dessas idas e vindas, estando em São Félix, painho sofreu um acidente em uma pedreira, que é um local com um tipo de mineração a céu aberto de onde rochas são extraídas. O acidente, que completou 31 anos, resultou numa cegueira total e deficiência física. Pelo tempo que se passou desde então, fica evidente que ele não reconhece os filhos. Apenas pela voz. Seu Valdir é um homem simples, tem 60 anos, fala o que pensa sem temer reações e, ao longo da vida, tem sido a base sólida da nossa família. Ah, e ele é muito fã de um bom forró pé de serra!

Mainha é uma mulher de 49 anos, sem educação formal, que cresceu trabalhando arduamente na roça e nos mangues, ao lado de painho. Ela também, à sua maneira, tem sido outra figura fundamental da nossa casa e da nossa família. Meu irmão tem 30 anos e também é formado em Enfermagem e, sendo tão tímido quanto eu, tem grande habilidade com mecânica e uma paixão pelo ciclismo.

Meus pais contam que quando éramos miúdos, como dizem aqui em Portugal, tomaram a decisão de deixar São Félix e se

mudar para Jiquiriçá. “*Sáímos daqui apenas com o dinheiro da passagem e uma mochila velha de couro, com documentos e algumas roupas*”, lembra painho. “*Deixamos nossa casinha aqui fechada e fomos nos aventurar por lá, em busca de um pedaço de terra*”, completa. Lembro que, sempre que podíamos, íamos a São Félix para as festas de São João e Natal.

Minha família não tinha o apoio de parentes, então nos abrigamos na velha roça de um conhecido, o seu Gazo, onde vivemos de favor em troca do trabalho na roça e cuidados com os animais de criação que haviam por lá. Após um tempo, conseguimos uma posse num loteamento chamado Pindoba. Com muito esforço e labuta, finalmente conseguimos construir uma modesta casinha, que se tornaria o símbolo da nossa persistência. As aventuras e os desafios seguiram, mas ao longo do caminho encontramos apoio e solidariedade.

Fomos parte de um acampamento de sem-terra, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais. Esse capítulo da nossa história foi marcante e se eu fosse escrever sobre tudo o que nos aconteceu naquele lugar, daria um livro cheio de lutas, conquistas, mas também muitas frustrações. No final, restaram apenas esperanças vazias e sonhos desfeitos, pois nenhuma das famílias recebeu a tão sonhada terra. Isso deixou meus pais tristes e revoltados. Passamos muito tempo vivendo em barracos feitos de madeira, bambu, palha de dendê, barro e plástico. Era essa a nossa realidade: nosso abrigo era uma mistura de materiais improvisados. E, embora nossa casa fosse desse jeito, ela era cheia de significado e resultado de muita superação.

Durante o tempo que passamos nesse acampamento, diversos incidentes ocorreram – que prefiro não reviver. E então, como se fosse um novo capítulo, apareceu o acampamento cigano. Sim,

tivemos a experiência de viver com ciganos. Aquela parte da nossa vida foi de uma intensidade tamanha que eu não seria capaz de descrever em apenas um texto; cada dia era um aprendizado único, tanto com os adultos quanto com as crianças do bando. Os olhares alheios e as palavras mal colocadas muitas vezes carregavam o peso de preconceitos e julgamentos, mas nós seguíamos vivendo, com coragem, e cultivávamos as amizades verdadeiras que surgiam ao longo do caminho, algumas delas regadas até hoje.

O tempo passou e, depois de alguns anos, Jiquiriçá nos viu partir. A casinha que tínhamos no Salva Vidas, em São Félix, nos recebeu de portas e janelas abertas, oferecendo o calor de um lar e o aconchego de um recomeço. Estávamos de volta ao nosso lugar, prontos para seguir em frente. Foi ali, naquele cantinho, que terminei o ensino médio, um marco importante na minha trajetória. E o resto da história, você já conhece... Persistência!

SÃO MUITAS LÉGUAS DE TEMPO!

Indo para Caldas da Rainha, olho pela janela de um ônibus da Rede Expresso. O que vejo? Plantações que não sei nomear, camponeses cuidando de semear a terra, pastores atentos aos seus rebanhos. Muradas de cercas separam as rodovias asfaltadas das estradas de chão, cobertas de barro e lama. Entre elas, casas simples, mas estruturadas, lares de famílias portuguesas. Isoladas ou em pequenas comunidades, vivem ali, agasalhadas. Crianças? Ainda não as vi brincando pelos campos.

Outras paisagens revelam uma floresta rasa. São palmeiras? Pinheiros? Eucaliptos? Não sei ao certo. São apenas verdes em tons

variados – uns vivos, outros secos, denunciando o frio cortante. O vento gélido sopra num assobio, enquanto os rostos se escondem em agasalhos. A terra seca parece não acusar o sol, pois a brisa fria domina tudo, congelando as belas paisagens.

Passam por mim valas e vielas, ruínas de um tempo que já se foi, mas que ainda carrega histórias. Águas que imagino frias contrastam com terras esbranquiçadas. E nas varandas, roupas penduradas: brancas, coloridas, grandes e miúdas. Quem as estende? Senhoras, moças desconhecidas.

A cena me transporta para memórias de vilarejos, vilas e cidadeszinhas que conheci. Lá também havia senhoras e moças que estendiam sobre as cercas, ao vento, parte de suas identidades, vestidos estampados e chitas, admiradas por seus companheiros retribuídos com graciosos olhares. E as crianças brincavam para lá e para cá.

Pela janela do ônibus, vejo inúmeras pontes erguidas, ligando caminhos e estradas que levam a outros lugares, vilas e mundos. Suas extensões generosas conectam destinos, percorridos por aqueles que se vão e, quem sabe, um dia retornam pelos mesmos trajetos que os afastaram do seu lugar de origem.

Os lugarejos que passam são solitários, assim os vejo! Recantos inabitáveis, isolados. Solos petrificados, árvores sem folhas ou flores. Estações que um dia foram pontos de destino ou partida, pichadas, que também servem para os que estão nas sombras, são eles os desabrigados, pessoas de rua, solitários...

Ao longo da estrada, pontes que nos guiariam a outros caminhos. Nunca tinha visto tantas pontes assim. Suas estruturas, seus pilares e pilastras estão desgastados, mas ainda seguem aguentando o peso dos caminhões, carretas e outros veículos pesados que passam sobre elas. Por baixo das pontes vejo matos

ralos. Chão varrido pelos ventos... Há mais o que falar sobre elas que nos guiam e transportam. Atravessando águas quase sem maletas⁴, águas cujos peixes alimentam outras vidas. Corrimãos da ponte coloridos em cinzas, azuis, brancos, marrons. Mas é preciso seguir viagem tendo o cuidado de não os ultrapassar. Cair é sempre possível e quem sobraria para contar a história? Se isso acontece seria como as terras que vejo agora, planas, sem plantio com residências e propriedades em abandono e desgastadas pelo tempo, onde ecoam perguntas despertando tristezas: onde estão seus donos? Quem ali viveu? Onde está a geração que daria seguimento aos cuidados daquelas terras? Por que ali não estão? E por que se foram? Quando por cá voltarão?

Feições cansadas! Olhem para eles e vejam um pouco além. Sim, é deles de quem falo, os homens que dirigem os caminhões no sentido contrário ao que estamos. Pela altura do meu lugar no ônibus eu podia vê-los! Parecem ter idades avançadas. Pergunto: por que não estão aposentados? Deveriam estar descansando talvez, vivos; a aparência deles demonstra já terem trabalhado muito ao longo da vida. São rostos cansados de gente que ainda trabalha, apesar da idade. Será que é o trabalho que os mantém vivos? Ou será ele quem os consome lentamente? Talvez ambos... Braços firmes seguram o volante mantendo a direção equilibrada, enquanto os pés dançam entre freios, embreagem e acelerador, olhos atentos aos vistos e imprevistos do caminho, e lá se vão eles! Condutores, caminhoneiros.

E, além da estrada... Trilhos: as calhas longas e as curvas infinitas a que outros destinos nos levariam? Talvez a tempos de risos

⁴ Em cidades do Recôncavo, atravessadas por rios, maletas são pequenas ondas observadas quando estão enchendo.

ou de tristezas. Mas certamente os trilhos falam das lembranças dos que os construíram, mortos pelo trabalho ou esquecidos, histórias que essas terras ainda devem guardar. O que não me dita exigências, é sobre isso que gosto de escrever...

EM OUTRORA: AURORA

As fases da vida passam rapidamente. Parece que foi ontem que éramos um bando de crianças que encontrava, nas brincadeiras diárias e noturnas nos terreiros e quintais das casas, o cenário perfeito para um campo minado de alegrias, distraídos do tempo. Brincadeiras que se faziam na companhia da inocência e de mundos imaginários, mágicos, onde tudo parecia possível: ter superpoderes, ser fazendeiro, cantor, dono de carros de boi... E os jogos de baleado com sete cacos? Pular corda, esconde-esconde, amarelinha... *“Te peguei!”*, *“Está comendo, né?”*, *“Meu e seu!”*⁵, *“Não! Eu falei meu só! Você que não ouviu!”*

Assim se passavam os momentos em partilhas e travessuras que, olhando bem, eram aprendizados disfarçados de brincados. Eu nunca soube ao certo o significado de tudo aquilo, mas ainda assim muitos reproduziam aquelas falas e gestos. Hoje, olhando para trás, embora parecêssemos frágeis e mesmo vulneráveis, éramos felizes ao nosso jeito.

Os retratos da infância estavam impressos nos abraços, nas lágrimas e nos pés acinzentados pela poeira impregnada das ladeiras. Eram distantes os caminhos percorridos até a escola, assim

⁵ Meu e seu: jogo da infância em que as crianças tinham que dividir o lanche com o colega que tinha “colado” com ele.

como a volta para casa. “*Ei véi, me espera!*”, “*Anda mais rápido ou não vai dar tempo assistir o Dragon Ball Z*”⁶. E os cadernos, com as folhas amassadas nas pontas, eram guardados com carinho na velha mochila desgastada, herança de alguém desconhecido, mas que parecia ser nova e, sobretudo, especial.

Enquanto subíamos as ladeiras, o pensamento aconselhava: “*respira só mais um pouco, daqui a pouco elas terminam!*” E lá íamos em bandos, por grupos de afinidade em que, às vezes, misturavam-se os mais comportados com os desastrados, que entre rílias⁷ e pequenas brigas seguiam sem guardar mágoas. “*Gente, encosta na beirada do caminho que os ‘buzus’ vão passar!*”, alguém gritava em tom de aviso, e todos recostavam divididos entre as duas margens da estrada. Quando os “buzus” passavam, aqueles que iam para as zonas rurais mais distantes, restava o poeirão que subia. Tons de felicidade e mais gritos de rílias graciosas do grupo de crianças que saíam da escola ecoavam pelos ares.

Toda vista tornava-se embaçada pela poeira. E, nas curvas da estrada, ao longe, ainda se viam rastros do pó por alguns minutos. Ninguém se importava! Tosse? Não, ninguém tossia, os pulmões já estavam acostumados. Pode soar como ironia ou estupidez, mas não é. Apenas zoeira com relação à ciência, que hoje faz parte da minha vida. Naquela espécie de caos, a confusão ficava a cargo dos bagunceiros; também havia os pivetes valentões. Quanto aos tímidos, ocupavam-se em apressar os passos para se

⁶ *Dragon Ball Z*: série de animação produzida pela Toei Animation. Baseada na série de mangá *Dragon Ball*, escrita por Akira Toriyama, sendo um dos animes mais conhecidos de todos os tempos.

⁷ Em algumas cidades do Nordeste, “riliar” é provocar alguém, incomodar, encher o saco, tirar a paciência. Corruptela do verbo “arreliar”: importunar, aborrecer.

afastarem. Àquela altura, ninguém queria levar um “pedala Robinho”⁸ por um simples olhar ou por terem rido de suas graças.

E lá se iam pelas estradas os irmãos, primos, colegas de classe e amigos que partilhavam a vida em seus muitos dias de sol escaldante ou chuvas torrenciais. Eram sempre as mesmas cenas, quer nos grupos grandes, quer nos menores. Tudo era compartilhado: risos, agonia, chatices, tristezas e até as frutas pegadas nas árvores do caminho. Ninguém ficava só, por mais que houvesse desentendimentos. Tudo era rapidamente superado e todos ficavam logo “de bem”. No dia seguinte, tudo se repetia novamente. Assim o tempo foi passando. As particularidades de fatos ou incidentes foram levando uns adiante e deixando outros para trás. Uns aprovados outros não, “vão repetir a mesma série”!

Chegou a época em que aquelas cenas foram se apagando até sumirem por completo, como a poeira daqueles ônibus antigos, agora abandonados em oficinas repletas de carcaças inúteis. Os grupos se desfizeram e as paisagens mudaram. As estradas foram pavimentadas, eliminando o cheiro de terra molhada quando chovia fino ou sereno em dias nublados. As árvores de onde pegávamos frutas foram cortadas, dando espaços para as construções de casas e lojas de comércio. Os buzuz deixaram de ser alvo de rílias e gritos... E aquelas crianças, ah, aqueles meninos e meninas de pés empoeirados, onde estão? Para onde foram?

Cresceram e seguiram rumos diversos. Mudaram-se com suas famílias. Foram cursar faculdade em outras cidades. Alguns seguem solteiros, outros já casaram e tem filhos, outros seguem desempregados. Outros tornaram-se professores, serventes,

⁸ Pedala Robinho: brincadeira em que os meninos acertavam um tapa na cabeça do outro.

advogados, enfermeiros, agricultores... Houve também os que seguiram no mesmo lugar, decidindo sobreviver apenas do que ali havia de ofertas, boas ou ruins. Outros foram tentar a vida na cidade grande, enfrentando sucessos e fracassos com ou sem o apoio de suas famílias. “*Soube de fulano?*”, “*Sim, aquele mesmo...*”, “*É, ninguém imaginava daquilo acontecer, agora a mãe chora todos os dias sentido falta*”. E lá se vão os lamentos misturados à fumaça de cigarro e uma voz embriagada por prantos de recordações.

Não se trata aqui de apenas uma página preenchida por contos daquilo que foi vivido. Trata-se mais de livros inteiros que descrevem vidas apagadas e esquecidas. Muitos parágrafos e versos sobre o que aconteceu antes. E cá, onde estou, é possível conviver com outras épocas. Então as crianças daqui desconhecem os significados dessas vivências particulares, pois jamais as experimentaram. A quem devo atribuir a culpa pelas vivências desconhecidas? Como disse Alexandre, O grande⁹, em um de seus diálogos com o Heféstion¹⁰: “*Ah, quem sabe a resposta?!*”. Seria justo culpar o tempo? Ou seria a estrutura social a responsável?

As crianças são personagens ainda isentos das severas responsabilidades sociais que pesam sobre os adultos. No entanto, devem estudar para “um dia ser alguém”, um sinônimo para o retorno social que todos são obrigados a oferecer, sob pena de serem descartados.

Os carros junto aos seus condutores – familiares ou não –, já os esperavam em frente à escola. Uns saíam, outros chegavam. Todos uniformizados, penteados e talvez houvesse apenas o suor

⁹ Também conhecido como Alexandre Magno, foi um importante rei da Macedônia no século IV a.C.

¹⁰ Heféstion: amigo íntimo do rei Alexandre Magno.

como única “sujeira” visível. Dou de ombros, normal! E as intrigas entre coleguinhas? Certamente existem, e talvez nunca deixarão de existir! Contudo, agora vêm carregadas de mais gravidade e malícia, sob o nome de *bullying*¹¹. Como apontado por pesquisadores em eventos dos quais participei, há sim um perfil preestabelecido de vítimas. Sim, vítimas! É mais sério do que muitos imaginam. Difícil de digerir, não é? Mas é assim que são denominados: vítimas.

Nada é anônimo ou sutil! As violências praticadas contra crianças e por crianças ou por adultos no ambiente escolar e familiar são amplamente conhecidas. É fato que uma parcela da sociedade “finge” se importar e dar atenção, mas na verdade busca apenas reconhecimento político para fortalecer seu próprio domínio. Isso se torna evidente nas contradições entre suas palavras e ações. Por outro lado, aqueles que realmente trabalham para melhorar esse cenário são invisibilizados, sem receberem reconhecimento por serem agentes fundamentais para a transformação dessa realidade.

Ainda assim, com esperança, continuam trabalhando, sob limitações por vezes severas – financeiras, materiais, estruturais ou profissionais. Enquanto o tecido social nos exige contribuições para um presente e um futuro melhores, ele também nos impõe barreiras. Isso me coloca uma questão: como podemos promover ações de qualidade diante de tantos obstáculos? Por que pessoas precisam ser tão individualistas? A pergunta vale para gente de qualquer país...

¹¹ *Bullying*: prática de atos violentos, intencionais e repetidos contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

É compreensível que pessoas mais velhas digam: “No meu tempo, nada disso existia! Esses nomes complicados e essas sensibilidades são coisa de agora. Antigamente, a gente apanhava, era chamado de ‘cabelo de Bombril’ e ninguém se ofendia!”. Essas falas revelam mais do que simples recordações... Elas evidenciam a normalização de violências ao longo de um tempo muito largo. O fato de não se reconhecerem como vítimas ou de não terem percebido o peso dessas palavras não significa que a dor e o impacto dessas ofensas não existiam – apenas eram silenciados ou vistos como parte de um cotidiano de opressão.

O que trago aqui está enraizado em experiências vividas por mim, mas é fundamental ampliarmos o olhar para compreender que a ausência de questionamento do passado não torna essas práticas menos prejudiciais. O racismo, e outras formas de discriminação, sempre estiveram presentes, mas eram invisibilizados ou tratados com indiferença. Hoje, ao reconhecermos a importância dessas questões na formação das crianças e na vida das pessoas não estamos inventando problemas, mas sim dando nome a dores que sempre existiram. O entendimento sobre o impacto de palavras e atitudes racistas e violentas evoluiu. Caminhamos, acredito, para construir uma sociedade mais consciente e respeitosa.

Muitas vezes, evitando referências ao passado, pensa-se no futuro, sempre planejando dias melhores. À sua maneira, as sociedades “educam” as novas gerações para que estejam preparadas, para dar o melhor de si em benefício do bem social. E me questiono: que gerações são essas? Quem realiza essas análises e para quem as considerações finais são direcionadas? Mais uma

vez, como disse Orlando Bloom¹²: “É um tempo para pensarmos!” Será que as pessoas poderiam ser menos ofendidas, menos ofensivas? Os tempos não são tão sórdidos quanto dizem, mas talvez sejam árduas as pessoas.

NUMA MANHÃ, DE VOLTA

Mais um dia começa e aqui estamos nós, seguindo o fluxo da rotina. O que nos espera? Não sei! Às 6 horas da manhã o alarme tocou e, num piscar de olhos, as malas já estavam prontas. O destino? Porto, nosso refúgio temporário. Café? Não deu tempo. Banho? “Para quê?”, alguém brinca, “tomamos ontem à noite!”. E entre risos apressados, seguimos em frente.

Ah, como eu gostaria de encontrar carne de sertão por aqui! Sinto falta. Mas não será hoje, ficará para outra vez. Embora diga isso com um toque de melancolia, aceito. É assim que tem que ser. “*Todas prontas?*”. “*Sim!*”. “*Então vamos!*”. O carro chega em dois minutos. Até logo, Lisboa!

A rodoviária nos recebe com uma arquitetura peculiar, muito diferente das que conheço na minha cidade brasileira. Difícil descrever ou definir... Diferente. Um espaço que mistura ar livre com áreas abertas, enquanto pombos e gaivotas voam entre nós. Na plataforma 39, lá está ele: o FlixBus verde com letras brancas. As malas vão para o porão – sim, acho que é esse o nome para onde ficam as bagagens dos viajantes. Meu assento é o D5.

¹² Orlando Bloom: ator e produtor britânico conhecido por interpretar Legolas nos filmes de *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, e Will Turner, na franquia *Piratas do Caribe*.

Ao meu lado, um rapaz desconhecido de aparência latina fala espanhol; também segue o seu próprio destino. O condutor orienta: “*Coloquem os cintos*”. Agora sim, adeus, Lisboa!

O tempo. Ah, o tempo! Lá fora, o céu é cinza e azul, como tem sido em muitos dos dias desde que cheguei a este país. Ainda sem chuvas corriqueiras como nas bandas de lá da minha terra. Mas o sol? Este por vezes anda escondido. Há momentos em que sinto falta do seu calor, vejo apenas a luz que ele reflete. O vento frio nos envolve, e todos estão bem agasalhados – casacos, toucas, calças compridas. Lutar contra o frio é um ato cotidiano, que se repete, inalterável. Anseio pelo calor, pelo verão, pelo Brasil. E os pombos? E as gaivotas? Será que sentem frio? Não sei, mas ali estão, invisíveis para muitos, catando migalhas no chão e contribuindo, à sua maneira, para a limpeza do ambiente.

Voltando ao céu, há dias com nuvens pesadas que escondem os raios do sol, e neblinas que chovem fininho, seus desenhos imprecisos em formas de algodão. Em outros dias, está limpo e um azul celestial encanta meu olhar. Tão imenso seu tamanho. Que céu lindo!

Partimos às 9h30, com uma sensação térmica que congela qualquer expectativa de conforto. Pela janela, observo as paisagens – uma mistura de melancolia e nostalgia. A cidade ainda exhibe luzes natalinas, semáforos piscando, vitrines brilhando com anúncios e propagandas. A vegetação urbana, discreta, contrasta com os sinais de uma rotina acelerada. Saindo da área urbana, a paisagem muda: montanhas à distância parecem pequenas e apagadas por uma névoa acinzentada. Há caminhos e fluxos que levam a destinos desconhecidos. Sigo pensando sobre tudo isso.

Do que vivi nesses dias, não sei exatamente o que dizer. Tenho referências de lugares e moradias que carrego comigo e acredito

serem fruto das minhas vivências, essas que moldaram minha visão de mundo. É estranho depender de transporte ou ter de pagar para chegar em outro lugar. O mundo deveria ser aberto para nele circularmos livres, sem constrangimentos. Em meio a novidades e controvérsias, encontro valor em desacelerar e apreciar o presente. Penso que as pessoas deveriam fazer o mesmo e contemplar o que o tempo nos proporciona, como faço agora, observando essas paisagens portuguesas pela janela de vidro de um velho buzu! Não é velho, mas assim o chamo! Não é buzu, mas assim o vejo!

Há algo peculiar em sentir saudade daquilo que estamos prestes a deixar. Ontem à noite, ao entrar no carro, sabia que seria a última noite em Lisboa antes do retorno ao Porto. Tristeza, alívio, alegria e preocupação misturados: comigo, com as meninas, com aqueles que estão longe – meus pais, meu irmão e meus gatos.

Lembrei-me de outras viagens: era época da pandemia, e a incerteza existia, quem? A morte e a doença! A paciente em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) móvel durante a pandemia, que se foi! Mais uma vez, aquela sensação triste de sair de um plantão de 24 horas em um hospital de uma cidade do Recôncavo da Bahia. Era uma terça-feira, e ainda lembro do abraço e das simples palavras de “até logo” ditas por um simpático colega de trabalho que estava indo embora para sua cidade natal. Desde então, nunca mais vivi aquele “até logo”. E, com certeza, ele já não se lembra mais de quem eu sou.

Muito tempo passou. Quanto a mim? Guardo comigo as lembranças desses momentos simples e singelos. Acho que é disso que vivo. Só queria também poder ser lembrada. Se sou, não sei! Nunca me disseram, pelo menos acho que não. E se me disseram, não ouvi!

Estou contando isso. São muitas lembranças acumuladas em um só tempo, misturadas com incertezas também. Enquanto muitos planejam viagens e destinos futuros, penso em terminar as escritas que prometo a mim mesma há meses. Sim, sou procrastinadora, mas estou ciente disso e quero melhorar para não ser tão afetada com as consequências. O tempo não espera, mas sigo no meu ritmo, vivendo conforme ele permite!

Lisboa, em algum lugar sobre as estradas de volta ao Porto.

ENTARDECER

O que me diriam os telhados sem telhas desses prédios altos? E aos que, lá embaixo, seguem em rotinas corridas? O que devo pensar? Mesmo sob um sol radiante, sigo por cá, numa tarde fria que me envolve enquanto mergulho, introvertida, em pensamentos que me afastam do mundo. Sentindo-me só, busco companhia nos pensamentos que me acompanham em diálogos intermináveis feitos de indagações sem respostas e afirmações sem veracidade.

É um período de festas de fim de ano. Hoje é o último dia do ano no calendário gregoriano. E quanto ao tempo? Ah, não! Para ele não há calendário! Sua idade é um mistério inalcançável! Em uma aragem de inquietações, pergunto ao céu que agora contemplo: o que realmente mudará? Sei apenas que o sistema e as pessoas que o manuseiam reprisam o mesmo ciclo de promessas vazias, trajes caros e módicas saudações aos conhecidos, familiares ou amigos. Esquecidos foram os planos ficados para trás, e amanhã? Ah, sim, o amanhã estará carregado de novas metas

que serão traçadas para os próximos 365 dias. Algumas serão alcançadas, outras não.

Em meio a essa ambiência não deixarão de haver carências, ausências e omissões, assim como reconciliações, perdões, reencontros e momentos de celebração. E, como diz Zezé Di Camargo e Luciano na canção “Pior é te perder”: “mas tem coisas nessa vida que não voltam mais... Companheiros de estrada não se lembram mais de mim, amizade abandonada...”. Todos esses eventos da vida se perpetuam, geração após geração. Por mais que falemos em humanidade, ainda há aqueles que carecem dela.

E um “até logo” nos foi sussurrado pelos últimos reflexos solares de uma tarde pouco apreciada. Quem mais a saudou, além de mim? Não sei, pois seguem apressados em seus afazeres justificados pela necessidade, sim eles precisam comemorar a chegada do novo ano. Assim o fazem, comumente. E depois? A normalidade volta trazendo calma ou caos, como sempre, em pequenas ou grandes cidades.

Breve veremos os fogos de artifícios que ecoarão sobre os ares tomados pela noite, pintada com cores passageiras. Assim, as marcas dessa passagem de tempo acontecerão de formas distintas: enquanto uns sorriem, outros choram; alguns se reúnem em companhia, outros permanecem sós. Também haverá aqueles que praguejaram e os que irão agradecer por viverem mais um ciclo. A quem devo agradecer? Ao tempo! Foi ele quem me trouxe até aqui e que me permitirá seguir adiante. E como diz meu velho painho Valdir Vasconcelos: “*Só o tempo dá tempo a quem quer tempo*”. Gratidão, 2024. Até logo, outras estações!

Terraço inglês

*Ecoam vozes da cidade
Que de cá posso escutar
Meio ao luxo, há vidas simples
E aos céus congestionados
Por motores vivos, gaivotas
Os odores espalhados
Pelos ares, respirar
Não sentir o cheiro do cigarro
Ausente, aquele que sobe
Sozinho sempre a fumar
Olhares panorâmicos
Feitores de saudades
De qual lado vem à noite?
Sinais que chegastes
Eras negra, azul
Sábia, vives em liberdade
Aprisionando sobre as casas
Amargas, soltas, despertares
As cruzes, ao longe estão
Sinalizados sinos, se vão
Visitas sem prévios acertos
Mero aguardo, simplesmente vai,
Enredos incertos vividos
E aos sons, distraídos
Antigas vozes estrangeiros
Extravasam melancolia:
custosa paz
E não o verei certamente*

*Nem meu amigo serás,
Sozinho, queres igual a mim
Refúgio na calma silenciosa
Mas um barulho segue
Em nossos ouvidos, distante
Tão somente, queremos escutar
Seguidas horas, virado
Seguindo a se pôr
Talvez, não no horizonte
Sobre os prédios,
Contemplávamos absortos
Esses que nos cercam
Em sombras, do Porto
Geicile Paixão (2025).*

Dedicado àquele cujo nome não posso citar, isso porque também não sei!

A MULHER PRETA VIVE

NARRATIVAS E REFLEXÕES DE UMA UNIVERSITÁRIA NEGRA EM MOBILIDADE ACADÊMICA

Rafaela Barbosa Pereira

Meu nome é Rafaela Barbosa, nascida em Salvador, Bahia. Psicóloga, mestranda em Psicologia e sonhadora. Sou filha de Rute e Raymundo, pessoas que dedicaram parte de suas vidas para que eu pudesse ter escolhas livres na trajetória de vida. Desde criança, sou uma pessoa reservada e a timidez me acompanhou durante a infância até a juventude. Escrever sobre mim não é tarefa fácil, considero um desafio. Porque requer coragem para revisitar memórias, dar forma aos sentimentos e transformar experiências em palavras.

Para uma mulher preta e brasileira no processo de mobilidade acadêmica em Portugal, do outro lado do oceano, o deslocamento não é apenas geográfico, é também simbólico e identitário. A escrita se torna mais complexa, pois carrega não apenas histórias individuais, mas também marcas coletivas de resistência, pertencimento e identidade. Desejo compartilhar neste texto fragmentos do meu percurso, um caminho feito de descobertas, afetos, enfrentamentos que ocorreram a partir da afirmação de que “a mulher preta vive” e ocupa o mundo com potência.

Desde a adolescência tenho questionado os espaços que as pessoas negras ocupam. À época, observava nas ruas, nos jornais e nos filmes a ausência de representatividade. Embora esse cenário tenha melhorado significativamente ao longo dos anos, ainda há pouca presença de pessoas negras nos espaços de poder. Até os 17 anos nunca havia visto um médico negro e ficou marcada na memória a primeira vez que isso aconteceu. Naquele momento, percebi como a presença negra em determinados lugares era a exceção. Essa percepção sobre as questões raciais acompanhou minhas vivências pessoais e acadêmicas tornando-se, posteriormente, meu objeto de pesquisa.

Segundo Sueli Carneiro (2018)¹, nas poucas experiências observadas sobre a relação da mulher negra com o poder, evidencia-se a influência significativa das determinações de raça e gênero em suas trajetórias. Mesmo aquelas que alcançam posições de destaque enfrentam percursos marcados por desafios, o que resulta em trajetórias diferenciadas e, por vezes, erráticas nas instâncias de poder às quais têm conseguido ascender. Lélia Gonzalez enfatiza que as mulheres negras enfrentam uma “tríplice discriminação”, sendo marginalizadas pela questão de gênero, raça e classe. Ela aponta que as mulheres negras são frequentemente designadas a trabalhos subalternos ou são hipersexualizadas.

A VOZ QUE ECOA: A MULHER PRETA NA ACADEMIA

“A voz que ecoa: a mulher preta na academia” é um tema que emerge da urgência de escutar, reconhecer e valorizar as

¹ Ver: Carneiro (2009).

experiências de mulheres negras em espaços historicamente marcados pela exclusão e pelo silenciamento. Grada Kilomba², importante intelectual, psicanalista e artista, afirma que o ato de falar simboliza a enunciação e, ao longo do tempo, pessoas negras foram censuradas e a elas negadas o direito de fala. O racismo estrutural ao considerar que o centro acadêmico não é um local neutro, mas sim um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. De forma histórica, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas(os) brancas(os) têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como as(os) “outras(os)”, inferiores, colocando africanas(os) em subordinação absoluta ao sujeito branco.

Diante desse cenário de exclusão e negação de voz, experiências no processo de intercâmbio representam possibilidades de novos acessos para pessoas pretas no espaço acadêmico. O relato a seguir refere-se a uma experiência que ocorreu com a “Família Porto”, denominação adotada para a cidade onde residimos durante os dez meses da mobilidade internacional. Éramos profissionais de Psicologia: duas mulheres e um homem, além de uma criança de 9 anos, filha de uma colega.

Identificamo-nos como pretos e pardos e nos unimos para residir juntos sem nos conhecermos previamente. Essa convivência foi resultado de um processo de internacionalização de estudantes de mestrado e doutorado-sanduíche, promovido pelo Programa Acadêmico Abdias Nascimento, uma importante conquista das políticas públicas e da luta coletiva de ativistas sociais comprometidos por uma educação superior equitativa e inclusiva.

² Ver: Grada (2019).

Numa quinta-feira agitada, sob um dia nublado, a “Família Porto” arrumava as malas, ansiosa para a primeira viagem conjunta. Entre brincadeiras e risos, surgiu um diálogo entre mãe e filha. Foi então que a criança da família disse uma frase marcante: “Mulher preta vive!”. Saí do quarto em direção à cozinha, repeti a frase mentalmente e um turbilhão de pensamentos tomou conta de mim. Escutar essa fala relatada por uma criança foi impactante. No contexto da minha mobilidade estudantil e imigração para Portugal, vivenciar os estudos numa universidade europeia, desbravar novos lugares, adquirir conhecimentos e enfrentar desafios, como o inverno rigoroso, tudo isso me levou a refletir sobre essa fala. “Mulher preta vive!” ressoou sobre o fato de ser uma mulher preta vivenciando uma realidade de desbravar o mundo, algo que sempre desejei. A palavra que me veio à mente foi: liberdade!

Essa experiência é extremamente significativa. Sou a primeira geração da minha família que teve a oportunidade de escolher livremente seus caminhos. Construir-me como uma mulher autônoma e independente exigiu persistência e resiliência. Ser mulher negra, no Brasil ou na Europa, é desafiador. É romper com os estereótipos que nos impõem, como o da mulher submissa, subalterna, hipersexualizada, raivosa e considerada intelectualmente incapaz. Ser uma mulher preta, graduada, pesquisadora, autônoma é ir de encontro ao que é esperado da sociedade.

Para lidar com as questões raciais, tive acesso a longos anos de análise para elaborar esses atravessamentos. Além disso, tive o apoio e o incentivo da minha família, das amizades principalmente, o compartilhamento das vivências com as amigas pretas. Aponto a importância desse processo de aquilombamento, momento de partilha, afeto e acolhimento. Foram fatores que

contribuíram para enxergar as potencialidades, ocupar espaços e lidar com as questões raciais, sobretudo no intercâmbio. Sendo uma experiência desafiadora por ocorrer no país que atuou diretamente no processo de colonização e, ainda assim, possui um histórico de negação do racismo, sexismo, classismo e xenofobia.

RACISMO E SAÚDE MENTAL: O OLHAR DO OUTRO LADO DO OCEANO

O fragmento do poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo (2017), afirma: “A voz de minha filha / recolhe em si a fala e o ato. / O ontem – o hoje – o agora. / Na voz de minha filha, / se fará ouvir a ressonância, / o eco da vida-liberdade”. Esse trecho retrata a nova geração de mulheres negras, simbolicamente representada pela filha. A poeta revela que as vozes antes silenciadas agora não apenas falam, mas também agem, transformam e resistem, fazendo ecoar os sonhos, a existência e o desejo de liberdade das mulheres negras.

A mulher preta que vive e se sente livre, após compreender seu lugar no mundo, passa a ocupar espaços sem culpa. Ao desembarcar em terras lusitanas, lembrei-me de que sou mulher, preta e brasileira. Isso fez com que meu alerta aumentasse ao circular pela cidade, sobretudo à noite. Aos poucos compreendi a dinâmica do lugar, desbravando o território, percebendo os olhares das pessoas idosas. São olhares de estranheza, que por vezes me acompanhavam durante todo o trajeto. Então, questionava: o que fazer diante disso? A estratégia utilizada era apenas retribuir o olhar, até que a pessoa branca se sentisse constrangida e desviasse o olhar.

Grada Kilomba fala sobre como o olhar branco sobre o corpo negro carrega um peso histórico de estranhamento, controle e silenciamento. Esse olhar muitas vezes nos coloca em um lugar de constante vigilância. No entanto, frente a esses olhares, sigo reafirmando minha existência e meu direito de estar onde desejo. Afinal, a mulher preta vive e tem o direito de ocupar os espaços que desejar!

Ainda que os olhares de estranhamento insistam em acompanhar meus passos, sigo ocupando cada espaço com consciência e liberdade. Foi com esse pensamento que, numa ensolarada manhã de sábado, na primavera, senti o calor do sol na porta do prédio e compartilhei a imagem com minha mãe, mostrando como o dia estava bonito. Parti para desbravar novas experiências ao lado dos meus amigos. Durante o trajeto, aproveitei para refletir sobre os últimos seis meses e fazer algumas anotações. Sempre gostei de escrever em momentos de chegadas e partidas. Lembrei-me de uma carta que escrevi para mim mesma em 2015, no Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro.

Na época, escrevi sobre o processo de não aprovação na segunda fase do mestrado. Mas curiosamente não me sentia triste, sabia que novos caminhos se abririam e foi exatamente o que ocorreu. Ao longo dos anos, acumulei experiências profissionais e pessoais, que contribuíram para a aprovação em dois mestrados, em 2023. Ao reler essa carta nove anos depois, percebi que minha trajetória e persistência me trouxeram para o outro lado do oceano.

Ao caminhar por terras lusitanas, reflito sobre o processo das escrituras que construo. Quando percorro pelas ruas, a pé, de metrô ou de carro, algumas vezes uma afirmação ecoa em mim: eu estou aqui! Este caminhar carrega muitos significados.

Não começa aqui, vem de longe. Sou herdeira dos meus ancestrais. Eu, mulher preta, cursando pós-graduação e realizando um mestrado-sanduíche no exterior, represento o fruto dos esforços dos meus pais e das conquistas das políticas públicas, adquiridas por meio da luta do movimento negro.

Sempre desejei essa experiência e nunca pensei nela como algo inalcançável. Sabia que por meio dos estudos eu chegaria aqui. Esse caminho que, para a população negra, é distante! Muitas vezes, a afirmação: estou aqui! Desperta-me para a realidade do que estou vivendo. A imersão cultural, a vida universitária, os laços afetivos e sociais me realizam. Mas me pergunto: como são as vivências de imigração para a população negra?

No meu percurso, conheci algumas pessoas negras que, ao serem questionadas sobre sua experiência, relatavam pontos negativos de suas vivências. Compreendo que a imigração não é um processo fácil. Estar em outro país, inserido em uma nova cultura, longe de amigos e familiares, é desafiador. Além disso, para a maioria das famílias negras, esse movimento não faz parte de um “ritual”, como ocorre entre os brancos.

Após esses diálogos, refletia sobre o quanto o processo de imigração para as pessoas negras envolvem muitos sentimentos, inclusive o de não pertencimento e não merecimento, que podem levar à culpa de obter a oportunidade. Hoje, muito se fala sobre a importância de ocupar espaços. Mas me pergunto: o que é ocupar espaços? De que forma? Como transformar esse não pertencimento, sem que a sensação de deslocamento nos impeça de viver plenamente as conquistas?

Muitas vezes os negros, ao conquistarem espaços antes negados, carregam consigo a culpa de estarem “fora de seu lugar”, questionados se eles merecem estar ali, como se a sua presença

fosse uma transgressão. Esse sentimento de culpa é uma manifestação do racismo estrutural e questioná-los é um convite para um processo de reflexão contínuo, porque a conquista de espaços e a reconstrução de uma narrativa são indagações de um segmento da população que, recentemente, tem ressignificado a sua história na sociedade, como a entrada no ensino superior.

O aumento da população negra nas universidades só foi possível a partir da Lei de Cotas, Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012), que garante reserva de vagas para pessoas pretas e pardas. Ainda assim, a inserção de estudantes negros na universidade é recente. Ainda estamos nos apropriando dos espaços acadêmicos, das pesquisas e da mobilidade acadêmica. Compreendo ser um caminho que pode se tornar ainda mais próximo do que distante.

Por fim, ocupar espaços, atravessar fronteiras e afirmar minha existência em um mundo que ainda nos estranha é um ato de resistência e de liberdade. Minha trajetória, assim como a de tantas outras mulheres negras, não é apenas sobre desafios, também é sobre a construção de possibilidades e o direito de estar onde desejar. A mulher preta vive, aprende, transforma e (re)existe.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 169, 30 ago. 2012.

CARNEIRO, S. Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência. In: BRASIL. Presidência da República. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 2009. p. 50-55.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZÁLEZ, L. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira, Thiago Jesus. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

A PESQUISA PODE SER UMA FORMA DE VOLTAR PARA CASA¹

Sayuri Kuratani

A pesquisa é um acerto de contas – era o que a minha primeira orientadora, Edilene Maioli, na graduação, me falava, dizendo que era o que uma antiga professora sua lhe dizia. Essa frase se repete na minha cabeça, cada vez com mais força.

Atualmente, no doutorado, investigo como têm se caracterizado alguns processos psicoterápicos a partir da experiência de pacientes amarelos – classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para designar pessoas com ascendência em países do Leste Asiático. A partir da Grounded Theory², pretendo aprofundar as preferências dos pacientes, as queixas vinculadas à raça, etnia e imigração e a percepção de como foram abordadas tais queixas pelo psicólogo clínico.

É interessante e totalmente plausível que, só depois de muita maturidade pessoal e acadêmica, eu tenha tido a coragem de explorar, na pesquisa, aspectos da minha própria vida. Ainda busco reconhecer e testar as potências e os limites de me ver em meu

¹ A expressão “forma de voltar pra casa” é uma referência ao título do livro *Formas de voltar para casa*, do autor chileno Alejandro Zambra.

² No Brasil, ela também é conhecida como “Teoria Fundamentada nos Dados”. Existem três principais abordagens desse método; a que estou utilizando é a perspectiva construtivista, desenvolvida por Charmaz (2025).

próprio trabalho acadêmico. Não tem sido fácil e sustentar essa validação ainda é tênue e cansativo.

Como mestiça, filha de mãe brasileira, branca, e de pai japonês, e considerando os estereótipos associados aos asiáticos no Brasil, explorar a minha própria história sempre foi um assunto público – ainda que, no âmbito privado, eu tenha resistido por tanto tempo. Há certa “curiosidade” sobre de onde eu vim, qual língua eu falo (mesmo ouvindo eu falar português!), que tipo de comida eu como... Que, ao longo dos anos, tornou-se extremamente exaustiva e desconfortável. É o que alguns pesquisadores chamam de “estereótipo do estrangeiro perpétuo” (Ng; Lee; Pak, 2007): mesmo nascendo e crescendo naquele país, você é sempre vista como uma forasteira.

Descobri que a mestiçagem era um tema teórico, produzido e pensado por intelectuais, apenas quando ingressei no mestrado. Até então, achava que era só uma forma de uma familiar paterna tentar me inferiorizar. Ser mestiça era um lembrete obrigatório em todas as vezes que interagi com ela. Apesar de ter “sangue japonês”, eu nunca pensaria como uma “japonesa pensa” – foi o que ela disse, em tom crítico, deixando explícito que a minha “mentalidade brasileira” seria inferior à dela (uma “japonesa de sangue e de cabeça”, mesmo com mais de 60 anos vivendo no Brasil).

Do lado de fora de “casa”, eu era a exótica. Quantas vezes ouvi essa expressão para se referirem a mim? Já na escola entendi que “exótico” era a expressão usada para se referir a plantas e animais que não são nativos do ambiente. Mas eu não era nativa? “Uma mistura que deu certo” é outra frase que escuto com frequência, entre tantas que reúnem misoginia e racismo recreativo: “você é nissei, sansei ou não sei?”, “é verdade que é quadrada?”, “eles têm o p#* pequeno?!” (referindo-se aos órgãos sexuais).

A “mistura que deu certo” é um exemplo nítido do mito da democracia racial – o mito de que a miscigenação racial e cultural no Brasil ocorreu de forma harmônica, e é constituinte de nossa identidade (Munanga, 2019). As políticas migratórias no Brasil passaram a ser debatidas a partir da proibição do tráfico de escravizados (1850) e do pós-abolição da escravatura (1888), o que motivou a busca por uma mão de obra barata pelos latifundiários (Dezem, 2005).

Associado ao interesse econômico, estava a busca pelo branqueamento da população brasileira, por meio de uma miscigenação que aproximasse o brasileiro dos traços fenotípicos brancos, razão do apreço dos políticos por imigrantes europeus. A imigração japonesa havia entrado também nesse debate, ainda que de modo ambivalente. Os amarelos eram vistos como uma raça inferior aos brancos, mas ao mesmo tempo, como uma raça superior aos negros (Dezem, 2005). No início do século XX, com os interesses econômicos do Japão e do Brasil e os argumentos produzidos por ideólogos e políticos filonipônicos (Nucci, 2000), a imigração japonesa foi iniciada e se caracterizou como a principal corrente migratória não europeia.

Meu pai e sua família vieram muito tempo depois da chegada do primeiro navio de japoneses, que ocorreu em 1918, no porto de Santos. Após três meses de viagem no *Africa Maru*, minha família paterna chega à Bahia, em 1957, estabelecendo-se na cidade de Ituberá, no baixo-sul do estado³, em função do projeto migratório do governo de Juscelino Kubitschek em acordo com o governo japonês.

³ Para mais detalhes sobre o assunto, sugiro conferir a belíssima tese de Jesus (2015).

Apesar de meu pai ter vivido boa parte da sua vida nessa região, foi em Brejões que ele conheceu a minha mãe, e foi onde eu nasci. Vivi até a minha adolescência na região do Vale do Jequiçá, uma área de transição geográfica rica e peculiar, entre a Zona da Mata e a Caatinga. Essa região é também limítrofe ao Recôncavo Baiano – onde uma outra parte importante da minha história começa a se desenhar, após a minha formatura como psicóloga.

Minha vida profissional tomou contornos que eu não imaginava quando ingressei no serviço público para ser psicóloga na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Recém-formada, eu não sabia exatamente qual seria a “minha área” e os concursos abertos no período estavam voltados para a Educação. Não sabia que estar no contexto universitário se tornaria o “meu lugar” na Psicologia. Trabalhar na universidade é uma aventura que, em grande parte dos dias, aprecio muito. Especialmente pela possibilidade de conhecer os estudantes, suas histórias e seus esforços em chegar e permanecer naquele espaço. Reconheço que isso é de um valor muito especial, que vem junto com uma grande responsabilidade. Hoje vejo que ser psicóloga clínica em uma universidade majoritariamente negra transformou radicalmente a minha atuação e formação profissional.

Em 2019, eu e professora Jeane Tavares publicamos um trabalho importante dentro desse contexto (Tavares; Kuratani, 2019), e que teve um efeito significativo na comunidade acadêmica da Psicologia Clínica e na minha trajetória. Nesse trabalho, abordamos o manejo clínico psicoterápico com duas mulheres negras, que foram atendidas por mim. Acredito que uma das razões de essa publicação ter tido uma boa repercussão é que havia pouquíssimos trabalhos que discutiam a questão racial na Psicologia Clínica em abordagens não psicanalíticas.

Com os atendimentos aos estudantes da UFRB e os efeitos da produção de escrita e divulgação desse artigo, passei a elaborar reflexões importantes sobre a minha autonegação e como ser não branca poderia afetar processos clínicos, como a relação terapêutica, a permanência e o engajamento dos pacientes. Comecei, então, a me aprofundar nesses temas, articulando estudos sobre as populações negra e asiática. Imaginei que essa poderia ser uma pista para a construção de um projeto de tese e passei a me organizar para prestar a seleção do doutorado, pensando que, ao final de 2020 ou em 2021, poderia me arriscar nessa ideia. No entanto, a pandemia de Covid-19 veio e levou consigo muitas das certezas e seguranças pessoais que eu tinha.

Ao mesmo tempo, foi durante a pandemia que comecei a criar laços com a comunidade asiática. O debate sobre o racismo anti-amarelo ganhou mais força no Brasil e no mundo nesse período. Com a narrativa do “vírus chinês”, disseminada por governos como os de Trump e Bolsonaro, e os ataques direcionados a pessoas leste-asiáticas, comunidades amarelas passaram a se reunir com mais frequência e engajamento. Foi um momento importante para amadurecer leituras e conhecer pessoas da comunidade – eu que nunca havia feito parte de qualquer grupo asiático-brasileiro antes.

Depois dos picos da vida pandêmica, decidi retomar o plano do doutorado e prestei a seleção do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no final de 2022. Mudei-me para Salvador em 2023, com o afastamento do trabalho na UFRB. Nos últimos anos, tenho vivido a pesquisa intensamente, de modo até preocupante: todas as minhas experiências acabam convergindo para alguma reflexão que me aproxima do processo de pesquisa. Acho que deve ser o custo

de pesquisar algo que é parte da sua vida, de uma forma tão íntima. Para somar a essa bagagem, em 2024 fui ter a minha primeira experiência intercultural como pesquisadora: em Portugal, por meio do Programa Abdias Nascimento. O plano de pesquisa estava direcionado para as práticas de atendimento psicológico e a busca de ajuda em saúde mental entre universitários negros. Uma parte importante da minha vida profissional estava sendo retomada pelo Abdias e uma grande complexidade foi dada à minha trajetória, na vida pessoal, na pesquisa, na inter-racialidade ou na interculturalidade característica de um trânsito que atravessa um oceano.

Na cidade do Porto, uma das primeiras coisas que comecei a sentir foi um certo conforto étnico, provavelmente relacionado com a multiculturalidade e a forte presença asiática. Eu estava sempre rodeada de pessoas asiáticas nas ruas, na universidade, nos restaurantes. Costumo dizer que nas terras lusitanas me sinto um pouco invisível – e essa é uma sensação que aprendi a gostar; considerando que na Bahia eu sempre fui facilmente percebida e apontada, já que era a única descendente de asiáticos na maioria dos espaços que ocupei. Ressalto que essa percepção “de conforto” é produzida pela minha vivência subjetiva, e fatores contextuais e demais marcadores devem ser considerados (tamanhos das cidades, etnias, mestiçagem etc.). E destaco que essa invisibilidade se desfaz assim que os portugueses escutam o meu português brasileiro. O fato de a língua portuguesa ser familiar não deixa de trazer estranheza; muitas vezes, interagir com ela traz uma grande confusão aos meus ouvidos.

Vejo que os marcadores sociais se transformam continuamente em contextos culturais diferentes. Se no Brasil ocupo o lugar de exótica, aqui o de mulher brasileira vem à frente. O curioso é que,

nesse trânsito intercultural, há espaços de interação que provocam experiências tão complexas que nos sentimos livres para explorar todas as nossas perspectivas e vivências. Foi em Portugal que morei com meninas do Timor Leste – elas eram asiáticas e falavam o tétum e o português (devido à colonização de Portugal no país). Havia espaços de conexão para narrar as nossas origens, hábitos, alimentos, ao mesmo tempo que havia reconhecimento e entendimento a partir da língua portuguesa, ainda que o tétum fosse a língua materna delas. Nesse exemplo, para mim, ampliam-se as concepções sobre Ásia e língua portuguesa, pontos que se articulam historicamente por meio do projeto de colonização e opressão de Portugal.

Nesse mesmo contexto e período em que produzi essas reflexões, iniciou-se a etapa de entrevistas com os participantes da pesquisa: uma experiência que tem sido muito intensa. Por falar diretamente com as minhas memórias e elucubrações de uma vida inteira, esse contato tem transformado o modo como enxergo as minhas relações com colegas, familiares e comigo mesma. Essa interação com os entrevistados possibilitou que eu resignificasse, por exemplo, percepções que tinha sobre as minhas relações familiares. Percepções que se alternam entre compreensões mais específicas e mais gerais. Algo próximo ao que a Psicologia Intercultural chama de eixo êmico (culturalmente específico) e eixo ético (geral e “universal”) (Dantas, 2017). E o campo do geral a que me refiro é relativo, por isso as aspas em universal.

Esse campo se constitui à medida que outros marcadores passam a ser compartilhados entre mim e a entrevistada, como na identificação do gênero, do território onde crescemos, da vivência da escola pública, da geração etária. Aspectos que me fazem sentir mais comum, mas nem por isso mais simples. A diversidade

de histórias, características e possibilidades de ser pessoa amarela é gigantesca, contrariando as associações discursivas de que esse é um “povo igual”.

Sobre o que falava acerca das elucubrações e ressignificações, um tópico frequente que tem aparecido nas entrevistas é sobre um padrão comportamental de obediência e cumprimento de expectativas familiares ou sociais. Padrão que se vincula, em um âmbito mais teórico, ao Mito da Minoria Modelo. Esse mito é o nome dado ao estereótipo de que os asiáticos são mais esforçados e resilientes e, como resultado, seriam uma minoria mais “bem-sucedida” (Kawai, 2005; Yoo; Burrola; Steger, 2010). Esse conceito é desenvolvido no contexto norte-americano e, atualmente, constitui um campo vasto de pesquisa na Psicologia Social e nas Ciências Sociais. Ainda que os Estados Unidos e o Canadá tenham realidades particulares quanto à história e à presença desses imigrantes, a ideia da Minoria Modelo também pode ser observada em outras regiões onde a diáspora asiática se faz presente. Estudos brasileiros têm discutido como esse discurso se apresenta no país (Ishikawa; Santos, 2018; Santos; Acevedo, 2013), principalmente em ambientes acadêmicos (Mori, 2022) – espaços em que as narrativas de “inteligentes” e “bons em Matemática” são ressaltadas.

Esse estereótipo, entretanto, não se encerra com essa concepção. Ele se apresenta como uma categoria mais complexa, articulada com a dinâmica racial entre brancos e negros. Se os asiáticos são uma minoria modelo, existiriam outras minorias que não são modelos? Grupos étnico-raciais que não tiveram “sucesso”? O efeito desse estereótipo – que também é a base da sua construção – é a de posicionar os asiáticos como racialmente superiores aos negros (mas inferiores aos brancos, obviamente), ou

a outras minorias étnicas (Kawai, 2005; Kim, 1999). Ou seja, a branquitude instala um comparativo e uma disputa entre grupos minorizados, cedendo privilégios ao grupo asiático, enquanto fortalece a inferiorização da população negra (Ueno, 2020); ela opta por uma estratégia de violência mediada a partir de outro grupo racial, grupo que não é passivo a essa lógica e pode reforçar essa desigualdade.

Apresento esse argumento, que considero extremamente relevante, porque é necessário ampliar o debate étnico-racial, para além do binômio branco-negro, com uma leitura crítica das posições ocupadas por asiáticos nessa dinâmica. Mas quero retomar o meu relato sobre as entrevistas. As falas das(os) participantes têm composto uma dimensão que caracteriza as delimitadas expectativas das figuras paternas e da sociedade sobre as funções e o desempenho deles nos estudos e no trabalho. Acho que é importante destacar que isso independe da configuração étnica ou racial da família (participantes amarelos com configurações familiares diversas compõem o meu estudo). Nessa dimensão, posso sentir como essa pressão externa sempre existiu na minha vida e se tornou ainda mais forte quando passou a ser internalizada. A voz que vinha de fora já não era mais necessária.

Essa pressão, para mim, não repercutiu na forma de uma autocobrança por resultados acadêmicos ou profissionais, como a exigência por uma nota alta, dada a reprovação anunciada pelos pais e mães (situação descrita por diferentes participantes da pesquisa). Mas por algo mais próximo do que posso chamar, interseccionalizada pelo gênero, de “uma dócil obediência”. Dócil porque aprendi com os entrevistados que obedecer pode vir acompanhado de revolta. E não que a revolta não existisse em mim, mas ela foi modelada para ser suprimida, apaziguada, sufocada.

E longe de mim querer cristalizar tais questões como algo de uma personalidade fixa; quero, mais, apontar que há uma pressão invisível que me joga ao esquecimento de que posso divergir, negar, silenciar.

E tolerar todos esses sentimentos é um exercício que exige de mim tremenda energia e que, a depender do cansaço, será mais “fácil” assentir, porque toda mudança tem um custo alto de resposta. Muitas vezes, como forma de compensar o experimento do desacordo, é preciso, além de tudo isso, oferecer um plano de enfrentamento à crise, com soluções e encaminhamentos. Entregar uma pasta de proposições. Veja o quão cansativo isso é! Acho que entrar e sair sem tirar as mãos do bolso, sem se subjuguar à necessidade de se justificar, deve ser uma experiência de grande leveza.

Na tentativa de não ser esmagada por esse pacote de expectativas e obediências, venho tentando repensar modos de achar um tempo e um fluxo possíveis para mim. Combater isso e uma certa rigidez que me acompanha na vida acadêmica tem sido um compromisso enquanto pesquisadora no doutorado, especialmente nesse caso, em que estou subjetivamente implicada com o tema e com os participantes do estudo.

A pesquisa desse tipo, em que a pesquisadora e o participante compartilham a mesma origem ou característica identitária, deve ser refletida não apenas pela perspectiva ética de evitar que as opiniões e experiências pessoais da pesquisadora se sobreponham às do participante, questão amplamente debatida na pesquisa qualitativa. Deve ser considerada também a ética do cuidado de si (da pesquisadora), um tema bem menos explorado no campo metodológico. O que tem sido difícil, para mim, por exemplo, é o pós-entrevista: uma densidade de emoções e difusão de pensamentos muito grande.

Há um êxtase pela identificação e pertença ao grupo, concomitante com a racionalização dos conhecimentos que convergem ou divergem da literatura estudada. E se durante toda a entrevista estou completamente animada, minutos depois que ela se encerra, estou em completo silêncio, tentando entender qual é a minha prioridade naquele momento. Descansar, escrever? Depois do êxtase, há a necessidade de organizar a si própria, tentando achar um jeito de construir um modelo para a tese e um caminho para casa, para acolher tudo isso.

Nesse sentido, é notório que a escrita do diário de campo ou dos memorandos (como preconizado pelo método que estou usando na pesquisa, a Grounded Theory) se torna mais lenta do que eu esperava, expectativa criada em função do que leio em livros e teses. Acredito que existam singularidades em relação ao curso do desenvolvimento da pesquisa quando a pesquisadora possui alta correspondência ou identificação com os participantes. Tem sido um desafio crucial manter a compreensão e a abertura para as emoções advindas do processo, ao passo que me sustento nas minhas perguntas de investigação.

Um lugar definido para onde posso voltar, se eu me perder. Isso envolve um gasto afetivo e cognitivo que demanda de mim mais tempo para processamento e desenvolvimento das articulações teórico-subjetivo-metodológicas; tem tomado um curso diferente do que é proposto por orientadores ou manuais de pesquisa, normalmente com frases do tipo “o diário de campo deve ser feito imediatamente após a participação”, “todos os insights deverão ser anotados logo em seguida” etc. Há um tempo que pode ser outro para mim e para esse tipo de pesquisa.

Encaro esse outro tempo como uma possibilidade subjetiva de exercitar o silêncio, o espaço, o respiro, o cursor do texto em

pausa. Dialogar com pessoas cujas vivências são tão próximas (e também tão diferentes) das minhas é uma oportunidade que a pesquisa me deu de apreciar os reflexos da vida e olhar em perspectiva as minhas próprias experiências. E isso não seria possível sem o exercício de um outro tempo.

Conheci pessoas corajosas que decidiram compartilhar um pouco de si e confiaram suas dores a mim. Desejei tê-las conhecido na minha escola ou em algum lugar onde morei. Imaginei-me criança, voltando para casa, falando para meus pais que conheci pessoas mais parecidas comigo e com o meu pai. Fantasiar é bom porque me mostra o valor das coisas que imagino. Talvez seja esse valor que tenha me feito conduzir essa pesquisa. Voltar para casa não é necessariamente um lugar. É muito mais um desejo. Confesso que, nesse caso, um desejo que me é familiar.

REFERÊNCIAS

CHARMAZ, K. *Constructing Grounded Theory*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2025.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. *Revista USP*, São Paulo, n. 114, p. 55-70, jul./set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114p55-70>. Acesso em: 30 mar. 2025.

DEZEM, R. *Matizes do “amarelo”*: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ISHIKAWA, T. Y.; SANTOS, A. de O. dos. Psicólogos orientais, estereótipos e relações étnico-raciais no Brasil. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1809-89082018000200014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 mar. 2025.

JESUS, E. S. de. *Os nipo-baianos de Ituberá*: trajetórias, memórias e identidades de imigrantes no baixo-sul da Bahia (1953-1980). 2015. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18794>. Acesso em: 30 mar. 2025.

KAWAI, Y. Stereotyping Asian Americans: The Dialectic of the Model Minority and the Yellow Peril. *Howard Journal of Communications*, v. 16, n. 2, p. 109-130, 2005. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10646170590948974>. Acesso em: 30 mar. 2025.

KIM, C. J. The Racial Triangulation of Asian Americans. *Politics & Society*, v. 27, n. 1, p. 105-138, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0032329299027001005>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MORI, R. H. *A construção do estereótipo positivo do estudante nipo-brasileiro*. 2022. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-28022023-185124/publico/2022_RobsonHidekiMori_VCorr.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NG, J. C.; LEE, S. S.; PAK, Y. K. Contesting the Model Minority and Perpetual Foreigner Stereotypes: A Critical Review of Literature on Asian Americans in Education. *Review of Research in Education*, v. 31, n. 1, p. 95-130, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.3102/0091732X07300046095>. Acesso em: 30 mar. 2025.

NUCCI, P. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SANTOS, C. de C.; ACEVEDO, C. R. A minoria modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. *Revista Psicologia Política*, v. 13, n. 27, p. 281-300, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a06.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. de A. Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se tornaram negras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 39, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184764>. Acesso em: 30 mar. 2025.

UENO, L. S. *Amores (des)racializados: um estudo psicossocial dos casamentos de “amarelos” com negros e brancos em São Paulo*. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05112020-194908/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

YOO, H. C.; BURROLA, K. S.; STEGER, M. F. A preliminary report on a new measure: Internalization of the Model Minority Myth Measure (IM-4) and its psychological correlates among Asian American college students. *Journal of Counseling Psychology*, v. 57, n. 1, p. 114-127, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0017871>. Acesso em: 30 mar. 2025.

Sobre os autores

Rafaela Barbosa Pereira

Psicóloga graduada pela Universidade Salvador (Unifacs). Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Saúde Mental pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e em Psicologia Social pelo Conselho Federal de Psicologia. Atua na clínica com ênfase em Psicanálise, com trajetória profissional voltada à saúde mental, assistência social, políticas públicas, relações raciais e violência doméstica.

Maria Antônia Moreira dos Reis Santos

Natural da cidade de Tucano, na Bahia. Filha de Dayse Cristina, Maria da Graça e José Antônio. Mestranda, pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Bahia (PPGSS/UFBA), mesma instituição em que se graduou em Fonoaudiologia; e na Universidade do Porto (UP). Pesquisa sobre mulheres negras, relações raciais no Brasil e expressividades. Integra o grupo Observatório de Racialidade e Interseccionalidade (ORI). Media leituras coletivas de autoras(es) negras(os) há mais cinco anos no projeto “Enegrecendo leituras”.

Jaqueline Almeida de Jesus Brito

Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), com experiência na área de políticas públicas para as mulheres, especialmente em temas relacionados às políticas de enfrentamento à violência contra a mulher. Coordenadora pedagógica da organização da sociedade civil “educação em ação”.

Silvia Tavares de Amorim

Enfermeira pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Curstando doutorado em Saúde Coletiva na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sou sanitarista, defensora do Sistema Único de Saúde (SUS), ativista há mais de uma década integrando movimentos sociais negros, da diversidade sexual e juventudes negras e periféricas. Em minha caminhada acadêmico-científica, discuto a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, a saúde dos povos negros e quilombolas e suas formas contra-hegemônicas de produzir vida e saúde, fundamentadas nos valores civilizatórios ancestrais afro-brasileiros e indígenas com vistas à equidade e à emancipação social, pensando outras narrativas e pluriversidades acadêmicas.

Geicile Santos Barreto da Paixão

Filha de Valdir e Rosimeire, irmã de Vandjeique. Mestranda em Saúde da População Negra e Indígena pelo Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCS/UFRB). Pesquisadora da Mobilidade Internacional do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento à

Universidade do Porto, Portugal. Enfermeira pelo Centro Universitário Maria Milza (Unimam). Especialista em Enfermagem Forense e Enfermagem em Centro Cirúrgico e Centro de Material pelo Instituto Facuminas. Técnica em Enfermagem pelo Centro Técnico Templários (CTT).

Raul Tavares de Paula

Bacharel em Saúde pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (PPGEISU) da UFBA. Componente dos grupos de pesquisa Observatório da Vida Estudantil, da UFBA e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e Corpos, vozes e ciências, da UFRB. Pejigan do Ile Axé Ode Mywa, Camaçari/BA.

Djean Ribeiro

Psicólogo, mestre e doutorando em Psicologia Social na linha de pesquisa “Contextos de Desenvolvimento, Clínica e Saúde”, ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Bahia (UFBA). Especialista em estado e direito de povos e comunidades tradicionais na Faculdade de Direito. Membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Vinculares em Saúde Mental. Tem se debruçado sobre temas como justiça e direitos humanos; sistema prisional e socioeducativo; crianças e adolescentes em situação de rua; relações étnico-raciais, povos e comunidades tradicionais de terreiro.

Camila Borges dos Santos

Nasceu em 1991, em Cruz das Almas, Bahia. Mulher negra, é filha e neta de dona Noelia. Assistente social e mestra em Ciências

Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Atualmente, é doutoranda no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA). Militante, defensora dos direitos humanos, feminista e antirracista. Escritora e pesquisadora, suas pesquisas privilegiam estudos sobre desigualdades de raça, gênero e classe na sociedade brasileira.

Jordôa Moreira Leite

Mulher negra, maranhense, psicóloga. Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente em doutorado-sanduíche na Universidade do Porto, em Portugal, pelo Programa Abdias Nascimento, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Faz parte do Núcleo de Estudos sobre Gênero, Raça, Classe e Trabalho (Negract), da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), na mediação do projeto de extensão “Formação em psicologia preta/afroperspectivada e filosofias africanas”.

Sayuri Kuratani

Psicóloga. Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Psicóloga clínica do serviço de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Ciências da Saúde. Sua atuação e interesses de pesquisa estão direcionados para a saúde mental de universitários, pesquisa qualitativa, relações étnico-raciais e Psicologia Clínica, com ênfase nas populações negra e amarela.

Jessidenes Teixeira de Freitas Mendes Leal

Doutorando em Saúde Pública (Epidemiologia) no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA), com estágio doutoral na Universidade do Porto, Portugal. Mestre em Saúde Comunitária pelo ISC/UFBA. Especialista em Saúde Pública e em Docência do Ensino Superior. Estatístico pela UFBA, com atuação em vigilância em saúde, qualidade dos dados e análise de grandes bases (Big Data). Desenvolve estudos em saúde digital, doença falciforme e distribuição espacial de indicadores nos Sistemas Nacionais de Informação em Saúde.

Formato: 15 x 21 cm
Fontes: Crimson Pro | Abhaya Libre
Miolo: Papel Off-Set 75 g/m²
Capa: Cartão Supremo 250 g/m²
Impressão: Gráfica 3
Tiragem: 300 exemplares

SÔNIA MARIA ROCHA SAMPAIO

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), atua no campo da Psicologia do Desenvolvimento Humano com interface em Educação, especialmente na área da Educação Superior. Dirige o grupo de pesquisa Observatório da Vida Estudantil e, desde 2015, é professora titular do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). Foi pesquisadora visitante nas universidades Paris VIII e Lorraine (França). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da UFBA, coordena o projeto “Ainda estrangeiros na universidade pública: racismo acadêmico e saúde mental entre estudantes cotistas” no Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento.

MARIA BEATRIZ BARRETO DO CARMO

Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisa e orienta trabalhos sobre pluralidade epistêmica na formação universitária em saúde, saúde mental e ambiente universitário. Professora adjunta do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro da equipe de pesquisadores do projeto “Ainda estrangeiros na universidade pública: racismo acadêmico e saúde mental entre estudantes cotistas” no Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento.

Este livro desvela as singularidades das vivências em terra estrangeira de estudantes de mestrado e doutorado de duas universidades baianas (Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) em mobilidade acadêmica, bolsistas do Programa Abdias Nascimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Ministério da Educação (MEC), na Universidade do Porto, Portugal. A escrita em primeira pessoa, liberta do formato acadêmico, desafia hegemonias na produção do conhecimento e permite acompanhar os trânsitos geográficos e subjetivos de seus protagonistas, que reafirmam a experiência da autoria ao fundir saber e ser. Os 11 textos que compõem este volume nasceram, não sem dor, dos caminhos percorridos pelas(os) primeiras(os) mestrandas(os) e doutorandas(os) de suas famílias, legado das políticas de ações afirmativas cuja gênese está no centro da vida e obra do intelectual e ativista Abdias Nascimento. O livro é um convite à comunidade acadêmica, mas também ao público em geral, interessado em refletir sobre as ações afirmativas a partir de uma perspectiva outra, guiada por aquelas e aqueles que vivem a experiência.

ISBN 978-65-5630-793-0



9 786556 307930

